



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGLB)
MESTRADO ACADÊMICO

HAVILLA CRISTINA COSTA DA SILVA

**NEGRITUDE E CONSCIÊNCIA DE SI EM *O BEIJO NA PAREDE* (2013) E
O AVESSE DA PELE (2020), DE JEFERSON TENÓRIO**

BACABAL

2025

HAVILLA CRISTINA COSTA DA SILVA

**NEGRITUDE E CONSCIÊNCIA DE SI EM *O BEIJO NA PAREDE* (2013) E
O AVESSO DA PELE (2020), DE JEFERSON TENÓRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Bacabal (CCBA), como requisito para obtenção do grau de Mestra em Letras.

Linha de Pesquisa 2: Literatura, cultura e fronteiras do saber

Orientador (a): Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

BACABAL

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva, Havilla Cristina Costa da.

Negritude e consciência de si em O beijo na parede 2013 e O avesso da pele 2020, de Jeferson Tenório / Havilla Cristina Costa da Silva. - 2025.

131 f.

Orientador(a): Rubenil da Silva Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras - Bacabal, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2025.

1. Jeferson Tenório. 2. Escrevivências. 3. Negritude. 4. Racismo Estrutural. 5. Literatura Negro-brasileira. I. Oliveira, Rubenil da Silva. II. Título.

HAVILLA CRISTINA COSTA DA SILVA

**NEGRITUDE E CONSCIÊNCIA DE SI EM *O BEIJO NA PAREDE* (2013) E
O AVESSE DA PELE (2020), DE JEFERSON TENÓRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Bacabal (PPGLB), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Centro de Ciências de Bacabal (CCBA), como requisito para obtenção do grau de Mestra em Letras.

Aprovada em: _____ de _____ de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (PPGLB-UFMA)
Orientador/ Presidente

Prof. Dr. Wheriston da Silva Neris (PPGLB-UFMA)
Membro Interno

Prof. Dr. Jesuíno Arvelino Pinto (PPGLetras-
Unemat/Sinop)
Membro Externo

Dedico este trabalho ao meu futuro eu, que colherá os frutos dessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por todas as oportunidades que me proporcionou, inclusive a de realizar este sonho que foi o mestrado. A Ele, toda honra e glória. Minha gratidão se estende à minha família, o lar que Deus escolheu para mim. À minha mãe, Miriam, meu primeiro exemplo de professora, que sempre sonhou os meus sonhos e me apoiou infinitamente em cada projeto da vida acadêmica. À minha avó, Luísa, que, mesmo sem compreender totalmente o universo dos estudos, sempre intercedeu por mim e me apoiou da forma que pôde. E ao meu irmão, Tarcis, que respeitou meus momentos de estudo e torceu por mim.

À família que escolhi, meus amigos, deixo o meu agradecimento por todo auxílio e apoio. Jorge, querido amigo, obrigada por compartilhar as alegrias e os desafios desde a nossa aprovação no processo seletivo até esse final do mestrado. Sua ajuda e companheirismo foram essenciais. Às amigas Kalynne e Geovana, por celebrarem cada conquista comigo, por assistirem às minhas apresentações e por estarem ao meu lado em todas as fases da vida.

Agradeço aos professores, à coordenação e aos demais colaboradores do PPGLB, que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação durante esses dois anos. Minha gratidão especial ao professor Dr. Luís Serra, que me proporcionou experiências enriquecedoras como organização de eventos, aplicação de provas e ministração de cursos, enquanto representante discente. Essas oportunidades não apenas enriqueceram meu currículo, mas também ampliaram meu aprendizado de forma significativa.

Ao meu querido orientador, professor Dr. Rubenil Oliveira, meu agradecimento mais profundo. É clichê, mas faltam palavras para expressar minha gratidão por nosso encontro desde a graduação. Minha construção como professora e pesquisadora está profundamente alicerçada no que aprendi em quase cinco anos de aulas, orientações e conversas. Sorte de quem tem o privilégio de tê-lo como orientador. Obrigada por me apresentar à literatura de Jeferson Tenório e, com isso, me ajudar a compreender a importância de me reconhecer como mulher negra.

Agradeço, também, a mim mesma por não ter desistido, mesmo quando o cansaço físico e psicológico foi intenso. Pela persistência e dedicação que empreguei em cada etapa: minha dissertação, artigos, estágios e apresentações. Por fim, minha gratidão às minhas ancestrais, que lutaram tanto para que hoje eu possa ser uma mulher negra e, com orgulho, me tornar Mestra em Letras.

Por isso que os nossos velhos dizem: “Você não pode se esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai”. Isso não é importante só para a pessoa do indivíduo, é importante para o coletivo.

Ailton Krenak

RESUMO

Esta pesquisa aborda a negritude e a tomada de consciência de ser negro na sociedade brasileira nas obras **O beijo na parede** (2013) e **O Averso da Pele** (2020), do autor contemporâneo Jeferson Tenório. O objetivo geral deste trabalho é analisar as configurações do Movimento da Negritude como ato de auxílio na tomada de consciência de si, em **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório, sobretudo no desenrolar da vida dos protagonistas, Henrique e João, homens negros que vivem no Sul do país. Para isso, a pesquisa realizada com metodologia de cunho bibliográfico e de caráter analítico, com base na leitura de diversos teóricos, como Bernd (1988), Bento (2022), Brito (2022), Cuti (2010), Duarte (2019), Fanon (2022), hooks (2019), Kilomba (2021), Mbembe (2018), Munanga (2020), Nascimento (2016) e Nascimento (2021). Assim, é possível apresentar como se deu o processo de formação do conceito de negritude em nível mundial, a origem de um movimento negro no Brasil e suas conquistas, além de conceituar e problematizar o racismo estrutural na sociedade brasileira. Posteriormente, alude-se à percepção de ser negro e a importância de se reconhecer como tal para combater a problemática do racismo. Além disso, a perspectiva social criada sobre o negro na história, que, conseqüentemente, atravessa a literatura também é abordada na pesquisa. Nesse sentido, aborda-se a visão criada sobre o negro desde o Barroco até as tendências contemporâneas e a forma com que ele é inserido nas narrativas e poemas. No que se refere à contemporaneidade, há uma presença maior de escritores negros que usam a escrita como forma de resistência. No entanto, não são apenas os autores desta época que o fazem, pois mesmo no período de escravidão já havia escritores negros que resistiam ao sistema branco, patriarcal e colonizador. Dessa forma, é possível analisar as obras mencionadas observando tanto o autor como alguém que combate o racismo quanto suas obras, que revelam seu projeto estético-literário e a construção de personagens conscientes da situação do sujeito negro na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Jeferson Tenório; Escrivivências; Negritude; Racismo estrutural; Literatura negro-brasileira.

ABSTRACT

This study examines Black identity and the awareness of being Black in Brazilian society through the works **O Beijo na Parede** (2013) and **O Averso da Pele** (2020) by contemporary author Jeferson Tenório. The primary aim of this research is to analyze the configurations of the Negritude Movement as a means of fostering self-awareness in **O Beijo na Parede** and **O Averso da Pele**, particularly in the lives of the protagonists Henrique and João, Black men living in southern Brazil. The study adopts a bibliographic and analytical character, referencing theorists such as Bernd (1988), Bento (2022), Brito (2022), Cuti (2010), Duarte (2019), Fanon (2022), hooks (2019), Kilomba (2021), Mbembe (2018), Munanga (2020), Nascimento (2016) and Nascimento (2021). It explores the global development of the concept of Negritude, the emergence of the Black movement in Brazil and its achievements, and offers a critical discussion on structural racism in Brazilian society. The study further addresses the perception of being Black and the importance of self-recognition in combating racism. Additionally, it examines the historical social perspectives about Black individuals that have influenced literature. The discussion includes the portrayal of Black individuals from the Baroque period to contemporary trends and their inclusion in narratives and poetry. In contemporary literature, there is a notable presence of Black authors using writing as a form of resistance. However, this resistance is not exclusive to the modern era; even during slavery, Black writers resisted the white, patriarchal, and colonial system. Thus, this analysis highlights Jeferson Tenório's works as both a critique of racism and a reflection of his aesthetic-literary project, emphasizing the creation of characters aware of the Black experience in Brazilian society.

Keywords: Jeferson Tenório; Escrivivências; Negritude; Structural Racism; Afro-Brazilian Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 NEGRITUDE: historiografia e problemáticas	16
2.1 DO RENASCIMENTO NEGRO AO MOVIMENTO NEGRO: uma revisitação à historiografia cultural	24
2.2 O RACISMO ESTRUTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	31
2.3 PERCEBER-SE NEGRO PARA COMBATER O RACISMO	39
3 CARTOGRAFIAS DO NEGRO NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA: visão sob as lentes da história e da literatura	48
3.1 DE OBJETO A SUJEITO: uma mudança na história social.....	56
3.2 O NEGRO POR SI: a escrita de resistência de homens e mulheres negros.....	69
4 DA HISTÓRIA À FICÇÃO: a resistência ao racismo na escrita de Jeferson Tenório	81
4.1 A ESCRITURA DE RESISTÊNCIA EM JEFERSON TENÓRIO: biografia e projeto estético-literário	88
4.2 O SER NEGRO E A CONSCIÊNCIA DE SI EM O BEIJO NA PAREDE E O AVESSE DA PELE	94
4.3 A LITERATURA NEGRA DE JEFERSON TENÓRIO COMO RESISTÊNCIA AO RACISMO	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
REFERÊNCIAS	122

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é um estudo de configuração interdisciplinar que entrelaça literatura, história e sociologia, com o objetivo de analisar a percepção do sujeito negro sobre si e sua condição na sociedade brasileira, a partir das contribuições da negritude. O termo “negritude” é aqui utilizado para destacar a tomada de consciência, aceitação e valorização da identidade negra em uma sociedade moldada por ideais racistas. Como objeto de estudo, foram selecionadas duas obras do autor contemporâneo Jeferson Tenório, **O beijo na parede**, obra de 2013, e **O avesso da pele**, de 2020, nas quais se observa, sobremaneira, os elementos presentes nas narrativas que remetem ao Movimento da Negritude, ao racismo e à tomada de consciência sobre ser negro e suas implicações.

A questão central que orienta este estudo é: como o autor Jeferson Tenório contribui para a compreensão do que significa ser negro no Brasil, considerando as personagens João e Henrique, de seus romances **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, que circulam na contemporaneidade brasileira? Essa resposta foi alcançada por meio de uma pesquisa bibliográfica que envolveu uma análise aprofundada das obras literárias e o diálogo com aportes teóricos. A abordagem adotada foi qualitativa, de natureza básica, caracterizando-se como exploratória, com coleta de informações sobre o autor, suas obras e seus contextos de produção e circulação.

Dessa forma, após a coleta de dados nas plataformas do Google Acadêmico, Capes e SciELO, foi realizada a delimitação das informações que concernem a essa temática, mediante fichamentos e interpretação dos dados coletados, associada a uma revisão bibliográfica sobre negritude, racismo e estudos culturais, buscando relacioná-los aos aspectos intrínsecos das obras.

O processo seguiu etapas de identificação do problema, definição dos objetivos, dedução de possíveis consequências observáveis e validação. Essa metodologia revelou-se essencial para a condução da pesquisa e a elaboração da dissertação. O presente estudo teve como objetivo geral identificar o processo de percepção das personagens em diferentes momentos da vida sobre o que é ser negro, nas obras **O beijo na parede** e **O avesso da pele**. Para isso, foi necessário analisar os elementos que constituem a identidade das personagens negras, comparar as duas obras à luz dos estudos críticos derivados do Movimento da Negritude e refletir sobre o racismo no Brasil contemporâneo com base nas experiências das personagens presentes nas narrativas estudadas.

Cabe aqui ressaltar a relevância de abordar essa temática, tendo em vista que a sociedade brasileira é historicamente estruturada em um sistema de discriminação que desfavorece a população negra desde o período colonial. Esse contexto é ilustrado pelo conceito de racismo estrutural, que descreve o enraizamento de práticas e normas políticas, sociais e econômicas responsáveis por reforçar as desigualdades raciais, afetando drasticamente a população negra.

Nos últimos anos, autores contemporâneos têm abordado essas questões sob uma perspectiva de resistência, denunciando violências, negligências e desigualdades. Observa-se isso na obra **O beijo na parede**, primeiro romance de Jeferson Tenório, que narra a vida de João, um menino negro e órfão, que percebe a sua condição após a morte dos pais, quando é rejeitado pelos familiares por não ser branco como eles. A partir dessa experiência e de outras situações vivenciadas, João constata a existência do racismo e percebe-se como negro.

De acordo com Jeferson Tenório, em entrevista concedida à Biblioteca Central Irmão José Otão, em 2013, o título do livro representa a última instância afetiva: quando todas as pessoas da vida de João e das demais personagens desaparecem, resta apenas a imóvel parede dura, fria e intransponível. Isso é notável na obra quando João concretiza o ato de beijar a parede em meio à solidão familiar, um gesto que exprime tristeza, mas que também se transforma em resistência, em força para sobreviver.

No romance, **O avesso da pele**, a narrativa centra-se em Henrique e seu filho Pedro, homens negros inseridos no mesmo contexto geográfico de João, a cidade de Porto Alegre. A história foca principalmente na vida de Henrique, mediante a narração do filho. Desde a infância, Henrique enfrenta episódios de racismo, mas só compreende a natureza disso e a sua identidade na vida adulta, ao ingressar na universidade. Esse processo de conscientização é impulsionado pelo contato com um professor e pelo estudo, que o levam a questionar as situações de discriminação a que é submetido. O título do romance é explicado em um diálogo entre pai e filho, no qual Henrique aconselha Pedro a preservar o “avesso”, ou seja, aquilo que ninguém vê.

Porque não demora muito e a cor da pele atravessa nosso corpo e determina nosso modo de estar no mundo. E por mais que sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende? Pois entre músculos, órgãos e veias existe um lugar só seu, isolado e único. E é nesse lugar que estão os afetos. E são esses afetos que nos mantêm vivos (Tenório, 2020a, p. 61).

Nesse contexto, a existência de Henrique concretiza o significado do título **O avesso da pele**. Apesar de enfrentar inúmeros casos de racismo, assim como outras personagens, Henrique buscou preservar, acima de tudo, as relações, os afetos, as experiências e a sua própria identidade, tanto que, nos últimos dias de sua vida, priorizou esses aspectos acima de qualquer coisa, evidenciando, conforme demonstrado ao fim do livro, que o que permanece no final é apenas o “avesso” que ele construiu ao longo de sua trajetória.

Dessa forma, os dois romances de Tenório remetem aos fatores que caracterizam a discriminação racial, trazendo à tona temáticas que fazem parte do cotidiano da sociedade negro-brasileira, como o racismo estrutural nas instituições públicas, os desafios nos relacionamentos inter-raciais, os discursos racistas, a sexualização de corpos negros, o assédio, o abandono, a violência, entre outros. No entanto, as obras as destacam a partir de uma perspectiva que coloca o negro como protagonista: um sujeito que sofre, reflete e denuncia as questões raciais por meio do empoderamento de sua negritude e da resistência ao colonialismo.

Pode-se questionar por qual motivo foram selecionados esses dois romances de Jeferson Tenório em detrimento de **Estela sem Deus** (2018). Essa decisão se justifica pelo tempo limitado destinado à produção da dissertação, o que inviabilizou a inclusão das três obras na pesquisa. Optou-se por **O beijo na parede** por ser o primeiro romance publicado pelo autor, apresentando a trajetória de João, um menino que desde a infância desenvolve uma consciência sobre ser negro, sendo uma espécie de “embrião” do personagem Henrique, protagonista de **O avesso da pele**. Já o último romance foi selecionado por ser o título mais recente, até o momento de produção da dissertação¹, publicado por Jeferson Tenório e por oferecer um contraponto ao que foi apresentado na primeira obra.

Em **O avesso da pele**, a consciência da negritude é alcançada pelo protagonista apenas na vida adulta. Assim, observa-se que, nas duas obras, o tema central abordado por Tenório é a humanidade da população negra, que resiste à definição social limitada à cor da pele. Essa humanidade é representada por meio da subjetividade das personagens negras e das situações que enfrentam ao longo das narrativas.

Desde o lançamento de seu primeiro romance, Jeferson Tenório recebe prêmios. Com **O beijo na parede**, ele conquistou, em 2014, o troféu Livro do Ano pela Associação Gaúcha de Escritores (AGES). Já em 2021, foi vencedor do prêmio Jabuti com **O avesso da pele**. A ascensão do escritor² no universo editorial e, principalmente, no meio acadêmico deve-se à

¹ A dissertação começou a ser produzida em 2023. O último livro, **De onde eles vêm**, foi publicado em 2024.

² Mestre em Literaturas Luso-africanas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com a dissertação intitulada **Quando é ser africano?** Em busca do outro pé e outros nilismos na obra de Mia Couto

habilidade de articular filosofia, reflexões críticas, diálogos e contextos sociais e históricos em suas narrativas, explorando a luta dos povos negros e suas resistências diárias.

Tenório publicou as obras aqui trabalhadas em 2013 e 2020, ambas inseridas no contexto da região Sul do Brasil. Suas obras refletem os impactos do racismo e, sobretudo, as respostas a essas experiências. Sua literatura retrata a cultura racial brasileira, o que justifica a análise de suas obras como uma forma de resistência — tanto pela escolha de escrever como homem negro quanto pela representação dessa luta por meio das suas personagens e das situações narradas nos romances.

Essa proposta de pesquisa tem potencial impacto acadêmico e social, levando em consideração que discussões a respeito da resistência ao racismo são fundamentais para repensar a organização e os valores da sociedade contemporânea. No entanto, o que justifica essa pesquisa são os objetos aqui analisados e a corrente que os interliga: a literatura e os aspectos sociais. Por meio da análise dessas obras, é possível identificar os elementos do racismo estrutural, compreender de que forma são representados na literatura e explorar as formas de resistência que emergem da luta dos povos negros.

Acrescenta-se, ainda, que não foram encontrados estudos que relacionem **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, muito menos considerando essa perspectiva. Na verdade, a única referência identificada é um artigo da minha autoria, em coautoria com o Dr. Rubenil da Silva Oliveira, intitulado “As intersecções na representação da mulher em **O avesso da pele** e **O beijo na parede**”, publicado em 2023, pela **Revista Linguagem e Ensino**. Em contrapartida, trabalhos acadêmicos como artigos, dissertações e teses sobre as obras de Tenório, produzidos no período de 2014 a 2024, são mais variados, com destaque para **O avesso da pele**. Nesse contexto, meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defendido em 2022, analisou o racismo estrutural em **O avesso da pele** e na música “Ismália”, de Emicida, evidenciando o interesse contínuo e relevante por essa temática.

A respeito de **O beijo na parede**, constata-se que a produção científica ainda é limitada, concentrando-se em estudos sobre abandono, desamparo e a representação da criança em situação de vulnerabilidade. Em contrapartida, **O avesso da pele** tem sido objeto de estudos mais amplos, abordando questões como o racismo e, de forma mais específica, o risco de ser negro, o silenciamento de pessoas negras, o luto, a representação do professor, a precariedade e a necropolítica, a masculinidade negra e o papel do narrador.

(2013). A perspectiva pós-colonial adotada na dissertação já aponta a sua tomada de posição, tanto como escritor quanto pesquisador. No Doutorado, abordou temáticas como o colonialismo e o pós-colonialismo.

Além disso, é imprescindível fomentar estudos que tratem de problemas tão enraizados na sociedade e que são, por vezes, relativizados. Há uma necessidade de se estudar autores negros que, por meio da *escrevivência* — termo cunhado por Conceição Evaristo para designar uma escrita que surge das vivências do povo negro —, questionam essas problemáticas, conferindo relevância a discussões essenciais para a reformulação de uma sociedade que persiste em marginalizar a literatura negra e a diversidade cultural.

Um exemplo recente dessa marginalização é a censura de **O avesso da pele**, em 2024, pelos governos dos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás, que solicitaram o recolhimento do livro nas escolas públicas sob a alegação de conter expressões impróprias para menores de 18 anos. Tal fato se torna ainda mais controverso quando consideramos que a obra foi premiada, selecionada pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para distribuição escolar e incluída como leitura obrigatória em diversos vestibulares, como o do Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA) e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ademais, essa prática antidemocrática reflete, possivelmente, não apenas desconhecimento sobre a literatura brasileira, mas também uma tentativa de silenciar um autor negro em ascensão, dado que temas como a sexualidade são abordados na literatura nacional desde o Barroco.

A relevância deste trabalho se fundamenta na visibilidade da desigualdade vivida pela população negra, manifestada em uma maior taxa de analfabetismo, suicídio, assassinato, desemprego e condições de vida precárias, muitas vezes análogas à escravidão. Dessa forma, conforme é representado nas obras analisadas, pode-se observar as consequências de uma construção histórica que é herança da escravidão do Brasil, as quais afetam até hoje os negros em todos os contextos e circunstâncias. Contudo, movimentos como o da Negritude, que surgiu e influenciou até mesmo nas artes, têm demonstrado o potencial revolucionário da consciência identitária, rompendo com a submissão imposta desde o colonialismo.

Assim, a dissertação foi organizada em três seções, além desta introdução e das considerações finais. A segunda seção aborda a trajetória de formulação do conceito de negritude, que passou por várias modificações ao longo do tempo e que surgiu a partir de um rompimento com a alienação colonizadora, inicialmente nos Estados Unidos, seguindo para o Haiti, para a Europa e, posteriormente, para os países da África e da América. Dessa forma, há o levantamento tanto desse processo quanto das problemáticas que o permearam. Ainda nessa seção, apresenta-se o percurso do movimento negro no Brasil, destacando a resistência histórica dos negros brasileiros desde o período escravagista até o ápice do movimento negro ao redor do mundo, na década de 1940, com a chegada do Teatro Experimental do Negro no Brasil, e

sua atuação nos campos cultural, acadêmico e, posteriormente, político. Em seguida, discutiu-se o racismo estrutural na sociedade brasileira no Brasil contemporâneo, conceituando raça e racismo, além de traçar um panorama das principais ideias racistas produzidas no Brasil do século XX que ainda permanecem influentes e moldam a representação do negro na literatura. Por fim, apresentamos reflexões sobre o processo de autopercepção enquanto pessoa negra para combater o racismo, a partir das obras de Grada Kilomba (2021) e Neusa Souza (2021).

A terceira seção aborda as perspectivas teóricas e as mudanças históricas na representação do negro na literatura brasileira, destacando os estereótipos e a valorização da herança negra como forma de resistência. Essa discussão é fundamentada nas ideias de Stuart Hall (2016), sobre os estereótipos, e de Domício Proença Filho (2004), sobre a posição do negro como objeto e sujeito no discurso literário brasileiro. Outrossim, faz-se um levantamento histórico da literatura, do Barroco ao Modernismo, para exemplificar essas dinâmicas. Em seguida, aborda-se a questão da escrita literária de homens e mulheres negras, a começar pela explicação da adoção do termo “literatura negro-brasileira” nesta dissertação e dos cinco elementos que caracterizam uma escrita negra até exemplos de textos em prosa e poesia desses escritores.

Na quarta seção, discute-se a resistência ao racismo na escrita de Jeferson Tenório, considerando tanto seus romances — como **Estela sem Deus** (2018) — quanto outras produções, como os contos. Considerou-se também a sua biografia e projeto estético-literário para evidenciar essa escrita de resistência, bem como estudos sobre Jeferson Tenório, como artigos, dissertações e teses produzidas sobre seus textos. Posteriormente, priorizou-se na análise a consciência de ser negro nas duas obras, com base nas vivências de João e de Henrique, principalmente suas críticas ao movimento negro, além de outras personagens que, interseccionadas com a questão racial, resistem a outras formas de discriminação, como a de gênero e a relacionada à sexualidade.

2 NEGRITUDE: historiografia e problemáticas

Ao falar sobre negritude, cabe inicialmente destacar como se deu o processo de formação dessa ideia enquanto movimento e algumas de suas conceituações. Em seu livro **O que é negritude** (1988), Zilá Bernd constrói um percurso histórico de origem da negritude, considerando o sentido amplo da palavra; nesse caso, o de tomada de consciência de uma situação de dominação e/ou discriminação. Dessa forma, a autora afirma que foi na América, principalmente no Brasil e no Haiti, que se destacaram os primeiros atos de manifestação.

A revolta liderada por Toussaint Louverture no Haiti, que culminou na independência do país, e a formação dos quilombos no Brasil, sob a liderança de Zumbi dos Palmares, representam, segundo Bernd, um comportamento revolucionário de motivação e ação dos escravizados para fugirem dos senhores brancos em busca de liberdade, sendo constantemente insubmissos à imposição colonial.

Entretanto, no contexto educacional brasileiro, o negro escravizado costuma ser representado como submisso nesse processo, ocultando suas resistências e lutas. Essa representação é mencionada por João em **O beijo na parede**, quando apresenta a forma como esse período da história era ensinado na escola, exaltando a princesa Isabel como salvadora e retratando os negros como passivos.

Ademais, essa insurreição foi passada adiante para descendentes negros que, na condição de libertos do regime escravagista, ainda se viam (veem) presos aos discursos e atitudes de preconceito e discriminação. É o que acontece, por exemplo, nos detalhes da formação da negritude que Kabengele Munanga apresenta, ampliando a perspectiva de Bernd. Ao traçar um percurso mais detalhado no livro **Negritude: usos e sentidos** (2020), Munanga aponta um direcionamento temporal do Movimento da Negritude, que inicia com a afirmação cultural, moral, física e psíquica de ser negro. Em outras partes dessa dissertação, serão abordados os aspectos do racismo e do reconhecer-se enquanto negro, mas cabe aqui ressaltar que o rompimento com a alienação imposta por séculos aos negros da África, América e Europa é o passo inicial para a origem do Movimento.

Munanga (2020) destaca que as circunstâncias de uma nova identidade cultural e da ideia da volta às origens foram concebidas em um espaço geográfico norte-americano, passando pelo Haiti e seguindo para a Europa, principalmente em Paris, na França, de onde desponta o termo “negritude”. Após a disseminação na Europa, o Movimento chega até os países africanos e a países da América com negros em diáspora, como os negros afro-brasileiros.

A tomada de consciência dos afro-americanos se inicia no contexto literário quando escritores negros tomam consciência de toda a situação desumana que os negros vivenciam no país, em comparação com os outros grupos étnicos que não possuem o mesmo histórico de rejeição e escravidão. Como exemplo desses escritores, destacam-se Du Bois e Langston Hughes. Du Bois, de acordo com Munanga, “[...] defendia os direitos deles enquanto cidadãos da América e exortava os africanos a se libertarem em sua própria terra. Por ter defendido a volta às origens, Du Bois merece também o nome de Pai da Negritude” (Munanga, 2020, p. 44). Logo, compreende-se que Du Bois era contrário à ideia de retorno dos afro-americanos à África.

Com uma atitude diferente de Du Bois, o juiz Bushrod Washington, em 1818, de acordo com Vanessa Teixeira (2017), pregava o retorno de negros escravizados para a África, em busca de solucionar a questão da identidade negra e de melhorar a situação dos afro-americanos ao retornarem para o local em que Deus os havia criado. Ideias como a do juiz prevaleciam em um contexto religioso, isentando-se de uma responsabilidade política e social. Sobre esse contexto, faço uma digressão para algo contemporâneo que mostrou essa ideia. Lázaro Ramos dirigiu um filme nacional que abordou essa perspectiva em um Brasil futurista. Intitulada **Medida provisória** (2022), essa obra apresentou um Brasil que acreditava, como medida de restituição, que a solução seria enviar todos os negros de volta para África.

Entretanto, alguns personagens da obra ficcional resistiram a essa imposição. De forma análoga, Du Bois lutava pela liberdade dos países africanos do colonialismo e pela construção de uma unidade africana, ressaltando um orgulho racial de retorno às origens negras, se tornando de forma simbólica o pai do movimento de tomada de consciência de ser negro (Domingues, 2005). Sobre esse retorno cultural, Bernd (1988) aponta que a revitalização da cultura ocorrida no Haiti e em outros países americanos foi importante para valorizar falares crioulos e o vodu, religião que, assim como o candomblé brasileiro, foi proscrita durante séculos.

Dentro dessa circunstância de mudanças, segundo Petrônio Domingues (2005), alguns movimentos literários e artísticos surgiram nos Estados Unidos como meio de denúncia à inferiorização imposta aos negros. Um desses movimentos foi o *New Negro*, em 1920, no bairro negro de Nova Iorque, o Harlem. Assim que as ideias estadunidenses chegaram à Europa e a outros países da América, mais especificamente aos estudantes negros dos países colonizados e estes se situam de toda as mentiras pregadas sobre a civilização ocidental, alguns estudantes escreveram suas denúncias a respeito dos séculos de opressão colonial e revalorizaram a identidade negra (Munanga, 2020).

Um exemplo dessas personalidades são Jean Price-Mars e René Maran, que também já discutiam sobre os negros e se demonstravam contrários à escravidão, assim como Du Bois. Além disso, esses homens, a partir da publicação de seus livros, denunciavam as produções que imitavam aquilo que era produzido por europeus, ressaltando a necessidade de valorizar aquilo que vem de origens africanas, a fim de reabilitar a herança cultural africana, como a música, a linguagem, os dialetos e a religião (Munanga, 2020).

A partir desses textos e de outros estudos é que os estudantes negros de Paris no período entre guerras se deparam com a memória do passado africano. Entre esses estudantes estavam os negros antilhanos Étienne Léro, René Ménéil e Jules Monerot, que criticaram na revista **Légitime defense** (1932) os escritores negros que plagiavam os modelos literários franceses, ou seja, eles defendiam uma escrita baseada na experiência antilhana. Esses jovens, de acordo com Munanga (2020), acreditavam que os intelectuais deviam assumir a sua cor, raça e transmitir por meio de seus escritos e discursos a vida do povo negro, duramente oprimido e inferiorizado pela história ocidental.

É importante mencionar que as constatações desses jovens surgiram a partir da chegada deles no ocidente, visualizando que aquilo que era ensinado nas colônias, ou seja, o ocidente enquanto um modelo universal, era uma mentira. Dessa forma, a consciência racial e a disposição em lutar por um resgate da identidade cultural do povo negro se torna uma prioridade. Por conta das discussões sobre a opressão racial, a dominação cultural e o mundo capitalista, cristão e burguês, a revista **Légitime defense** chega ao fim (Domingues, 2005).

No entanto, dois anos depois, em 1934, surgiu uma nova revista, reunindo jovens negros em Paris com ideais semelhantes de reivindicação da liberdade criadora do negro, crítica à imitação ocidental e a volta às raízes africanas, a chamada **Étudiant Noir** ou **Estudante Negro**. O grupo da revista advogou a favor do comunismo e do surrealismo, sendo dominado por três personalidades: o martinicano Aimé Césaire, o guineense Léon Damas e o senegalês Leopold Senghor (Munanga, 2020). São esses os nomes que deram início do Movimento da Negritude.

O que seria então a Negritude ou o Movimento da Negritude? Como afirma Zilá Bernd (1988), “negritude” é uma palavra polissêmica, isto é, tem vários significados. Entre alguns empregos a que essa palavra pode remeter, ela destaca o fato de se pertencer à raça negra, a própria a raça enquanto coletividade, os valores de uma civilização africana, a característica de um estilo artístico ou literário ou a consciência e a reivindicação do homem negro. Além disso, o termo em si aponta uma revolução linguística, tendo em vista que permite reverter o sentido pejorativo atribuído à palavra “negro”.

Um outro conceito é apresentado pelo professor Petrônio Domingues (2005), o qual afirma que a negritude é um conceito dinâmico com caráter político, ideológico e cultural, sendo explicado a partir da formulação do movimento negro organizado, da consciência racial e da valorização da cultura de matriz africana. Já para Sartre, de acordo com a professora Lígia Ferreira (2021), o termo foi uma das únicas contribuições negras para o dicionário da língua francesa. Por conta disso, o autor da palavra pretendia expurgar esse mal-estar em se dizer a palavra, fato que também aconteceu (acontece) no Brasil com a utilização das palavras “negro” e “preto”, que são constantemente atreladas a um fator negativo, como ocorre frequentemente nas obras de Jeferson Tenório. Observa-se que a utilização, tanto no francês de “nègres” quanto no português de “negro”, “preto” e “crioulo”, caracterizava algo ruim, tendo esses indivíduos que se designar de “pele morena” ou “homem de cor”.

Sobre isso, a intenção do movimento foi justamente inverter esse significado posto sobre a palavra “négritude”, estabelecendo uma conotação positiva de afirmação e orgulho racial, desestabilizando, desse modo, o inimigo-ocidente em uma de suas maiores táticas de dominação: a linguagem. Por isso, a fase inicial do movimento se destaca por um aspecto cultural, tendo em vista que as discussões giravam em torno da negação da política de assimilação do comportamento, das crenças e dos valores transmitidos pela Europa, como pontua Domingues.

Até essa época considerava-se positivo apenas, os modelos culturais brancos que vinham da Europa. Para rejeitar esse processo de alienação, os protagonistas da ideologia da negritude passaram a resgatar e a enaltecer os valores e símbolos culturais de matriz africana. Como salienta Jean Paul Sartre, “trata-se de morrer para a cultura branca e fim de renascer para a alma negra” (Domingues, 2005, p. 5).

Essa tentativa é feita nas obras de Tenório. Em **O avesso da pele**, por exemplo, no processo de compreensão sobre a negritude, Henrique passa a rejeitar o processo de alienação e a enaltecer aquilo que faz parte da sua identidade como negro, inclusive transformando o significado da palavra “negro”. Ainda nas conceituações, Domingues (2005) afirma que o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define “negritude” como a condição de negro e/ou o orgulho racial e conscientização da riqueza cultural dos negros.

Criada pelo poeta Aimé Césaire, a palavra “négritude” (francês) aparece pela primeira vez na obra **Cahier dún retour au pays natal** (1939), assumindo três sentidos: o povo negro, o sentimento ou a vivência do negro e a revolta (Ferreira, 2021). Para Aimé Césaire, a negritude seria o ato de assumir ser negro e ser consciente de uma identidade, cultura e história

(Domingues, 2005). Idealizador da negritude, Césaire definiu esse termo em três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade.

A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. A fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo, que nos leva a ajudá-los e a preservar nossa identidade comum (Munanga, 2020, p. 50).

Nesse sentido, não basta apenas se reconhecer como negro, mas também reconhecer sua história e do seu povo e resistir junto a todos os irmãos negros. Césaire afirma que a negritude foi de alguma forma uma criação coletiva, mesmo que ele tenha empregado a palavra pela primeira vez, pois, no meio em que ele vivia, todos usavam o termo como sinônimo de resistência à política de assimilação. Essa política era a tendência dos povos das Américas, principalmente para os negros, que assimilavam toda a cultura da Europa, perdendo a cultura de origem indígena e africana (Bernd, 1988).

Outro membro da **Étudiant Noir**, Léopold Sédar Senghor, ao abordar a negritude, apresentou a ideia da “alma negra”, relacionada aos aspectos psicológicos do africano. Segundo ele, a natureza emotiva seria predominante nos negros, enquanto os brancos seriam mais associados à racionalidade. Um ponto inegável sobre essa concepção de Senghor é que ela abre espaços para construções racistas, como a teoria da eugenia, que defendia a ideia de que os brancos seriam geneticamente superiores em termos de conhecimento. No livro **O avesso da pele**, por diversos momentos, Henrique é visto, por exemplo, como sentimentalista e sensível por não aceitar o racismo escancarado.

Outra contradição do movimento realizada por Senghor foi a não rejeição da língua do colonizador, explicada pela sua ideia de que os africanos eram filhos espirituais da França (Domingues, 2005). Contudo, não se pode desconsiderar os feitos e contribuições de Senghor por conta de uma ideia ainda tomada por concepções coloniais, tendo em vista que ele, assim como outros intelectuais, estava ainda aprendendo sobre a dominação colonial e os efeitos disso para os povos africanos e seus descendentes (Ferreira, 2021).

Ao tratar sobre a negritude, Domingues (2005) destaca a influência do marxismo na constituição teórica da crítica negra, gerando, conseqüentemente, uma associação de uma parte do grupo às minorias da sociedade, independentemente da cor. Há, ainda, outra parte muito maior que defende apenas a consciência racial sem vínculo com outros grupos. Esta última

ideia, de certa forma, mostra a invisibilidade que a mulher negra enfrenta dentro do movimento da negritude e dentro do feminismo, sendo percebida apenas nas discussões do feminismo negro, algo que é até mesmo apontado em **O avesso da pele**, quando Luara questiona o papel do movimento que esquece as particularidades da mulher negra.

No entanto, o marxismo criticava a negritude pelo fato do problema de raça se sobrepor ao de classe, pois eles consideravam que a classe era mais abrangente e a raça negra, por exemplo, era um grupo específico dentro dessa classe (Domingues, 2005). Contradizendo isso, Jean-Paul Sartre escreve que

[o] preto, como o trabalhador branco, é vítima da estrutura capitalista de nossa sociedade; tal situação desvenda-lhe a estreita solidariedade, para além dos matizes da pele, com certas classes de europeus oprimidos como ele; incita-o a projetar uma sociedade sem privilégio em que a pigmentação da pele será tomada como simples acidente. Mas, embora a opressão seja única, ela se circunstancia segundo a história e as condições geográficas: o preto sofre o seu jugo, como preto, a título de nativo colonizado ou de africano deportado. E, posto que o oprimem em sua raça, e por causa dela, é de sua raça, antes de tudo, que lhe cumpre tomar consciência. Aos que, durante séculos, tentaram debalde, porque era negro, reduzi-lo ao estado de animal, é preciso que ele os obrigue a reconhecê-lo como homem. Ora, no caso, não há escapatória, nem subterfúgios, nem passagem de linha a que possa recorrer; um judeu branco entre os brancos pode negar que seja judeu, declarar-se homem entre homens. O negro não pode negar que seja negro ou reclamar para si esta abstrata humanidade incolor: ele é preto (Sartre, 1960, p. 111).

Assim, Sartre explica que a condição racial se sobrepõe à de classe, tendo em vista que negros ricos também são alvos de preconceito e não possuem todos os privilégios que ao branco é oferecido. Por exemplo, um advogado negro e bem vestido tende a ser confundido com um motorista ou segurança, porque não se espera que um homem negro esteja em uma situação que não a de pobreza. No entanto, brancos, sejam ricos ou pobres, terão uma espécie de privilégio pela sua cor.

Todavia, a negritude não pode se esgotar apenas na consciência racial, pois, além das situações de racismo, muitos sujeitos são perpassados pela exploração de classe, gênero e sexualidade. Dessa forma, a identidade negra deve estar combinada com as outras pautas: brasileiro (nacionalidade), homofobia (sexualidade), desigualdade (classe social) e machismo (gênero), considerando que ser negro não anula as demais construções identitárias (Domingues, 2005).

Em “Orfeu Negro” (1960), Sartre reflete sobre o movimento da negritude, descrevendo-o como uma reação do negro à supremacia branca, ou seja, uma antítese que busca negar os valores culturais do opressor branco. A negritude seria uma fase de transição, que resultaria em

uma sociedade igualitária e sem opressão racial, na qual a questão da cor seria relegada ao esquecimento e as relações sociais deixariam de ser medidas pela raça (Domingues, 2005). Entretanto, analisando décadas depois, essa perspectiva de Sartre se mostra utópica ainda para a realidade atual. Na verdade, o que ocorre no Brasil é realmente uma teoria de que não há diferenças raciais, porém, essa teoria é embasada em ideias racistas, como a da democracia racial.

A ampliação do movimento consolidou algumas ideias que já eram questionadas por outros intelectuais, como a libertação das colônias africanas e o repúdio ao imperialismo e ao racismo, demonstrando um alcance não somente literário — como era anteriormente —, mas também político. Vale ressaltar que essas ideias, assim como a idealização do movimento, era ideologia de uma elite negra letrada, ou seja, os estudantes negros, apesar de virem de países colonizados, faziam parte de famílias com poder aquisitivo e que tinham aceitado o discurso europeu; por outro lado, as massas africanas permaneciam, em sua maioria analfabetas, e mantendo os valores culturais africanos originais (Domingues, 2005). Isso é observável até mesmo na literatura do século XXI, como nas produções de Chimamanda Adichie, a exemplo de **Hibisco roxo** (2011), no qual ela apresenta esses dois grupos sociais, isto é, aqueles que foram alfabetizados pelo discurso e cultura europeias e os mais economicamente desfavorecidos, que mantêm os seus valores e a sua língua.

Nesse sentido, a ideia de voltar às raízes era destinada, principalmente, à pequena burguesia negra, que adotou hábitos, roupas, língua, arquitetura e religião do colonizador. Essa assimilação incluiu aspectos estéticos, como o alisamento de cabelo, uma prática que persiste também no Brasil. Tanto na África quanto no Brasil, observa-se aquilo que Frantz Fanon escreve sobre o sujeito que se adapta ao padrão branco na tentativa de ser aceito, mas como resultado enfrenta zombaria e rejeição. Dessa forma, a volta às raízes foi uma forma de resistência que buscou a valorização da identidade e a afirmação racial, rejeitando o embranquecimento (Domingues, 2005).

Por isso, esquematizando o que foi abordado até aqui sobre as principais conquistas do movimento, resumiremos, com base no que Bernd (1988) elenca como lucros, os seguintes pontos: o movimento proporcionou o reconhecimento e a aceitação de ser negro, valorizando a herança ancestral; auxiliou a desconstrução da superioridade da raça branca e da sua imagem enquanto inferior; além de tomar consciência de si como sujeito da própria história, e não como objeto. Ressaltando o lado negativo, o movimento, a partir da ideia de Senghor, transmitiu a dualidade equivocada de emotividade *versus* racionalidade; o movimento não foi capaz de

reverter o domínio das metrópoles e as consequências da escravidão; e encobriu as origens do problema do negro: fome, miséria e analfabetismo.

No Brasil, o líder abolicionista Luiz Gama — poeta e advogado — é considerado o precursor da ideologia da negritude por suas afirmações raciais. No entanto, as ideias do movimento chegaram ao Brasil, na década de 1940, por meio do Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944, no Rio de Janeiro, buscando desenvolver uma dramaturgia negra no país (Domingues, 2005). Outro precursor do movimento no Brasil, agindo de forma militante, assim como alguns africanos, foi Abdias Nascimento, idealizador do TEN.

Entretanto, mesmo com todas as mudanças promovidas pelo movimento dos anos 1930, os problemas raciais no Brasil e no mundo não foram completamente resolvidos. A partir dessa perspectiva, Abdias Nascimento (2019) aponta que, nas décadas de 1950 e 1960, quando a negritude já era uma discussão no âmbito nacional, havia uma tendência a designar homens brancos como representantes dos negros em grandes eventos da negritude, possibilitando a difusão de estereótipos e críticas aos negros e ao movimento. Além de privar homens e nacionalidades negras de participar de eventos, como a exclusão de países da América Latina, incluindo o Brasil.

O teórico Frantz Fanon (2022) também afirma que a negritude exacerbada contra o desprezo do branco não teve grandes conquistas, como exemplo disso ele pontua que a literatura na África não é nacional, mas uma literatura de negros, pois ainda há uma oposição da cultura branca às demais. Por outro lado, muita luta ocorreu — e ainda ocorre — por igualdade e efetivação dos direitos já existentes, inclusive focando em outros pontos necessários socialmente. Um exemplo dessa questão é que apenas em 1989, com a Lei nº 7.716 ou Lei Caó, o racismo é criminalizado no Brasil como crime inafiançável. Essa lei foi elaborada por Carlos Alberto Oliveira (Caó), parlamentar negro que atuava no movimento negro do Brasil contra o racismo nos anos 1980.

Uma questão pertinente levantada por Fanon, em **Pele negra, máscaras brancas** (2008), é de que não é só o movimento, enquanto luta ideológica e política, que aponta uma solução para todos os pretos do mundo, mas que alguns homens e mulheres pretos só entendem as questões raciais a partir da sua própria existência, na experiência com a miséria, a fome e as explorações. Um exemplo disso é Carolina Maria de Jesus, mulher negra e semianalfabeta, que, embora não tenha sido instruída politicamente com o movimento, compreendeu o racismo e suas implicações com sua própria experiência de vida.

Apesar de já haver alguns movimentos que possuíam características daquilo que foi formulado na Europa, como os quilombos e suas revoltas, além desses movimentos posteriores

no campo artístico, a palavra “negritude” só vai aparecer nos dicionários brasileiros a partir de 1975, na primeira edição do **Dicionário Aurélio**:

1. Estado ou condição das pessoas da raça negra; 2. Ideologia característica da fase de conscientização, pelos povos negros africanos, da opressão colonialista, a qual busca reencontrar a subjetividade negra, observada objetivamente (sic) na fase pré-colonial e perdida pela dominação da cultura branca ocidental (1975).

Com a segunda conceituação do dicionário, observa-se que essa ideologia se inseriu no Brasil muito mais por influência dos países africanos que buscavam a descolonização do que pela produção literária ou artística da França. Conforme aponta Ferreira (2021), a falta de traduções para a língua portuguesa dos primeiros textos acerca da negritude em língua francesa dificultou algumas compreensões, tendo os brasileiros um maior contato com o que foi proporcionado por escritores africanos lusófonos e alguns sociólogos portugueses. Na próxima subseção, a construção histórica do movimento negro no Brasil será melhor explicada.

2.1 DO RENASCIMENTO NEGRO AO MOVIMENTO NEGRO: uma revisitação à historiografia cultural

O movimento negro no Brasil foi construído com características próprias. Apesar de remontarmos ao período quilombola e abolicionista quando tratamos de ideologias da negritude, o movimento negro em si, como formulado por Aimé Césaire, chega ao Brasil apenas na década de 1940. Os pontos formados pela negritude representaram um divisor no movimento negro brasileiro, tendo em vista que houve uma consolidação da luta pela afirmação racial (Domingues, 2005).

De acordo com o historiador Petrônio Domingues (2007), o Movimento Negro, no Brasil, historicamente está dividido em quatro fases: a primeira fase compreende o período da Primeira República até o Estado Novo (1889-1937); a segunda, da Segunda República até a Ditadura Militar (1945-1964); a terceira abrange do processo de redemocratização à República Nova, entre 1978 e 2000³; já a quarta fase corresponde ao período do ano 2000 até a atualidade.

Na primeira fase, pessoas anteriormente escravizadas e seus descendentes criaram movimentos raciais que deram origem a diversos clubes, grêmios e associações ao redor do Brasil, além de fomentar a criação de jornais cujo objetivo era relatar as dificuldades

³ No período de 1964 até o começo dos anos 1980, o Brasil estava sob Ditadura Militar e no processo de redemocratização do país. É somente em 1985 que inicia a República Nova.

vivenciadas por essa população, incluindo questões relacionadas ao trabalho, à educação e à saúde. Um problema que se destacava era a segregação racial, que incidia em várias cidades do país, restringindo o acesso de pessoas negras a hotéis, cinemas, clubes, teatros, escolas, ruas, praças públicas e espaços religiosos. Esse tema, assim como os outros desafios, foi abordado em alguns desses jornais (Domingues, 2007).

Durante esse período, entre tantos outros jornais, cabe destacar a atuação da Imprensa Negra Brasileira de São Paulo, que produziu entre os anos 1920 e 1988 (ano do centenário da abolição) artigos, manifestos, prefácios, entrevistas, textos em prosa e poesia, além de textos de crítica literária e escritos sociológicos. Essa publicação inspirou autores de outras cidades e estados do Brasil, o que resultou nos próximos passos do movimento e na formação de diversos grupos artísticos e politizados (Ferreira, 2021).

O primeiro grupo formado foi a Frente Negra Brasileira (FNB), em setembro de 1931, por Arlindo Veiga dos Santos. Reconhecida como a entidade negra mais importante durante a primeira metade do século XX, a FNB conseguiu converter o Movimento Negro Brasileiro em um movimento de massa, mantendo escola, grupo musical e teatral, time de futebol, departamentos jurídico, médico e odontológico, além de publicar um jornal, *A Voz da Raça* (Domingues, 2007).

Segundo Maria André (2007), o objetivo da FNB era unir os negros, afirmar seus direitos históricos e reivindicar os atuais. Ainda utilizando a palavra “negridade” (qualidade de ser negro), o fundador conclama, em um discurso realizado em dezembro do mesmo ano, a justiça aos negros pela deturpação de ser negro ao longo da história. A FNB pretendia mobilizar os negros na luta por um espaço digno em diferentes setores da sociedade brasileira (político, social, religioso, econômico, operário, militar, etc.), assim como pela valorização de suas competências físicas, intelectuais e morais (Ferreira, 2021).

Segundo o que propõe Ferreira (2021), a FNB não planejava uma ruptura com a sociedade branca; pelo contrário, buscava legitimação e respeito de intelectuais como Oswald de Andrade e Mário de Andrade, representantes do Modernismo Brasileiro, que participaram junto à FNB de alguns eventos, demonstrando apoio na participação do cinquentenário da abolição. A respeito dessa posição de certa forma contraditória, Domingues (2007) escreve um fato interessante: a reformulação do lema da extrema direita “Deus, Pátria, Família” para “Deus, Pátria, Raça e Família” destaca o quanto o Movimento Negro esteve interligado com ideias da direita brasileira, uma influência que, em certa medida, pode ser percebida até hoje na posição política de alguns indivíduos negros.

Apesar da forte repressão política da ditadura de Vargas que resultou no fim da FNB (que se transformou em partido político) e de diversas outras organizações, a segunda fase do Movimento Negro ressurgiu no Brasil com alguns agrupamentos, ampliando seu raio de ação (Domingues, 2007). Um dos exemplos mais importantes foi a formação do Teatro Experimental do Negro. O TEN buscou valorizar a identidade negra brasileira por meio da educação e da arte. Influenciado pelo Movimento da Negritude da França, Abdias Nascimento funda, em 1944, o Teatro Experimental do Negro, com os seguintes objetivos:

a. resgatar os valores da cultura africana, marginalizados por preconceito à mera condição folclórica, pitoresca ou insignificante; b. através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura, tenta educar a classe dominante “branca”, recuperando-a da perversão eurocentrista de se autoconsiderar superiormente europeia, cristã, branca, latina e ocidental; c. erradicar dos palcos brasileiros o ator branco maquilado de preto, norma tradicional quando a personagem negra exigia qualidade dramática do intérprete; d. tornar impossível o costume de usar o ator negro em papéis grotescos ou estereotipados: como moleques levando cascudos, ou carregando bandejas, negras lavando roupa ou esfregando o chão, mulatinhas se requebrando, domesticados Pais Joões e Mães Pretas; e. desmascarar como inautêntica e absolutamente inútil a pseudocientífica literatura que a pretexto de estudo sério focalizava o negro salvo raríssimas exceções, como um exercício esteticista ou diversionista [...] cujos interesses estavam muito distantes dos problemas dinâmicos que emergiam do contexto racista da nossa sociedade (Nascimento, 2016, p. 161-162).

A partir disso, observa-se alguns problemas específicos Brasil que, de certa forma, ainda são combatidos pelo movimento, tendo em vista o teor racista, como a perspectiva da sociedade quanto ao que é de origem africana. Ao analisarmos, por exemplo, a representação que a sociedade tem das musicalidades afro-brasileiras — como o samba (na sua origem periférica) e o funk das comunidades — e das religiões de matriz africana — Umbanda e Candomblé —, é possível assimilar uma diferença ao que veio do branco como as religiões cristãs e as canções clássicas, o sertanejo e boa parte da MPB.

Essas diferentes conjunturas são frequentemente interpretadas sob um olhar preconceituoso, principalmente com construções que associam o primeiro grupo ao tráfico, à prostituição, à perversidade, à hipersexualização, à pobreza, à falta de uma “boa” cultura e uma espiritualidade ruim, ou seja, com o que é comumente rotulado como “feitiçaria” ou “macumba”. Entretanto, quando brasileiros brancos assumem o samba ou o funk como expressão artística, os mesmos estereótipos não são atrelados a eles, ou seja, há dois pesos e duas medidas: o racismo.

Abdias Nascimento também questionava a caracterização do negro de forma cômica ou mesmo estereotipada, como acontecia até alguns anos atrás no programa global *Zorra Total*, em que a personagem Adelaide, interpretada por Rodrigo Sant'Anna, era caracterizada com os estereótipos atrelados à mulher negra, como o “cabelo de bombril – palha de aço”, o nariz extremamente largo e grande, sem dentes e pedinte, apresentando um cenário em que a população negra é humilhada mais uma vez na mídia. Além disso, a personagem era caracterizada fisicamente com a técnica do *blackface*.

O *blackface* foi outro aspecto problematizado por Nascimento (2016) dentro do TEN, apresentado alguns anos após a sua fundação na novela da Globo **A cabana do Pai Tomás** (1969), na qual o ator Sérgio Cardoso foi escalado para o papel de um personagem negro, tendo que pintar todo o corpo, usar peruca e rolhas no nariz. No entanto, como no Brasil já se consolidava um movimento negro bem politizado, as críticas à novela foram constantes, exigindo um ator negro para interpretar o personagem, nesse caso Milton Gonçalves.

Assim como a versão francesa, a negritude surgiu no Brasil como um protesto da pequena burguesia intelectual negra, composta por artistas, poetas, escritores acadêmicos e profissionais liberais, contra a supremacia branca e a ideologia do branqueamento (Domingues, 2005). Contudo, o Teatro Experimental do Negro revolucionou a negritude no Brasil, diferenciando-a de outros países, por evitar uma formação meramente acadêmica (o que poderia afastar boa parte das camadas populares) e integrar ao movimento moradores de favelas, domésticas, operários e frequentadores de terreiros, formando-os como atores e atrizes negros (Nascimento, 2016).

A iniciativa do TEN modificou os modos de fazer dramaturgia no Brasil, colocando o negro agora no espaço de protagonismo e de militância, pois não havia separação entre o fazer artístico e a luta política. Nesse contexto, o Teatro promoveu, entre 1945 e 1946, a Convenção Nacional do Negro, em São Paulo e no Rio de Janeiro, além do Primeiro Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, no Rio de Janeiro. Em sua execução, o Teatro Experimental do Negro denunciava as formas de racismo, sutis ou ostensivas; procurava meios de resistência à opressão da branquitude e mecanismos que auxiliassem no processo de superação do complexo de inferioridade ao qual os negros eram submetidos (Nascimento, 2016).

Petrônio Domingues (2007) ressalta que o TEN foi um movimento de vanguarda que lutava por educação e cultura, buscando a valorização da pessoa negra e a eliminação da ideia de inferioridade. Além disso, ao visar a essa representação não somente artística, o TEN atuava em eventos acadêmicos e na imprensa para disseminar as discussões raciais, fundando, a partir disso, o Instituto Nacional do Negro e o Museu do Negro. O TEN, assim como outros

movimentos negros do Brasil, sofreu ataques, sem apoio da direita e/ou da esquerda, resultando no seu fim.

Na terceira fase do Movimento Negro, os militantes negros estavam em uma espécie de semiclandestinidadade por conta das perseguições dos militares, que pregavam a não existência de um racismo no Brasil (Domingues, 2007). Além disso, com a chegada das décadas de 1970 e 1980, os negros que participaram ativamente dos protestos foram frequentemente alvos da censura, sendo esta justificada pela premissa de uma ofensa ao caráter nacional, como afirma Fernanda Silva (2022). Somente em 1978, com a fundação do Movimento Unificado contra Discriminação Racial (MNUCDR), tem-se a volta do movimento negro organizado no cenário político (Domingues, 2007). Em 7 de julho de 1978, ao realizar um ato público de protesto contra a discriminação racial sofrida por quatro jovens negros no Clube de Regatas Tietê, é que se dá início ao Movimento. Esse dia ficou conhecido como o Dia Nacional de Luta Contra o Racismo.

O Movimento Unificado contra Discriminação Racial tem origem no marxismo radical, o que resultou em um movimento negro contra o racismo, mas também anticapitalista, ressaltando que era necessário inicialmente derrubar o sistema capitalista para, em seguida, construir uma sociedade sem racismo (Domingues, 2007). Esse movimento era visto como uma ameaça à democracia e à ordem social do país, por contestar a harmonia racial aclamada pela Ditadura Civil-Militar (Silva, 2022).

Ademais, contestando até mesmo a ordem dos movimentos anteriores que se ligavam à direita brasileira, o Movimento Negro Unificado (MNU) é baseado em ideologias de esquerda, como pontua Zilda Martins (2020). Na primeira assembleia nacional de organização e estruturação da entidade, em 23 de julho, foi adicionado o termo “*Negro*” ao nome do movimento — Movimento Negro Unificado (MNU) —, como forma de caracterizar melhor o movimento com seu teor racial, além de buscar transformar a concepção sobre a palavra “negro”, conforme disserta Domingues.

Para incentivar o negro a assumir sua condição racial, o MNU resolveu não só despojar o termo “negro” de sua conotação pejorativa, mas o adotou oficialmente para designar todos os descendentes de africanos escravizados no país. Assim, ele deixou de ser considerado ofensivo e passou a ser usado com orgulho pelos ativistas, o que não acontecia tempos atrás. O termo “homem de cor”, por sua vez, foi praticamente proscrito (Domingues, 2007, p. 115).

Essa mudança realizada pelo movimento foi crucial para que os termos “negro” e “preto” fossem usados na atualidade como forma de reconhecer a identidade. É um fato que ainda permanece no Brasil, assim como em outros países, uma conotação racista quando algumas pessoas usam essas palavras. No entanto, deve-se considerar o contexto e a intencionalidade para diferenciar quem as usa para caracterizar alguém de quem as utiliza como forma de depreciação.

Conforme assinala Domingues, “[o] nascimento do MNU significou um marco na história do protesto negro do país, porque, entre outros motivos, desenvolveu-se a proposta de unificar a luta de todos os grupos e organizações anti-racistas [sic] em escala nacional” (Domingues, 2007, p. 114). Isso trouxe algumas mudanças, como a ressignificação do dia 13 de maio, que antes celebrava abolição da escravidão e passou a ser marcado como o Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo. Outro marco importante foi o reconhecimento do dia 20 de novembro como o Dia Nacional da Consciência Negra, em homenagem à data da morte de Zumbi dos Palmares, símbolo da resistência à opressão racial no Brasil.

Domingues (2005) destaca que, a partir do final da década de 1970, a negritude tornou-se mais ampla no processo de tomada de consciência, inclusive com grandes nomes como Hamilton Cardoso e Lélia Gonzalez na liderança, abrindo espaço para outras discussões, como o feminismo negro, além de valorizar as expressões culturais de origem negra, destacando o samba, a capoeira e o candomblé. Soma-se, ainda, a atuação política contínua na luta antirracista, cujo engajamento tem levado à reconfiguração até mesmo de expressões artísticas, como a literatura negra e os bailes nas comunidades, que produzem grupos de dança e cantores que recebem reconhecimento nacional como Ludmilla, Emicida e Racionais MC’s.

Outro exemplo de iniciativa que Djamila Ribeiro (2019) destaca é a atuação negra nas artes com a série **Cadernos Negros**, criada em 1978, repleta de contos e poemas de escritores e escritoras negras, a exemplo de Miriam Alves e Conceição Evaristo, que tiveram seus textos publicados pela primeira vez nessas edições. A série é parte da história cultural da afrodescendência no Brasil, pois contém desde a abertura um manifesto político, cultural e étnico. Sobre a sua formação, Eduardo Duarte escreve:

Entre 1978 e 2017, muitos chegaram outros tantos partiram. Os Cadernos jogaram luz sobre escritores da primeira metade do século XX, como Solano Trindade e Carlos de Assumpção, este último hoje decano e patrimônio vivo da literatura negra no Brasil. Por suas edições passaram nomes históricos e sempre vivos nas páginas que deixaram – Oliveira Silveira, Paulo Colina, Arnaldo Xavier, José Carlos Limeira, Jônatas Conceição, Eduardo de Oliveira. E tantas/os mais foram chegando e tomando lugar dentro e fora da série: Conceição Evaristo, Márcio Barbosa, Miriam Alves, Éle Semog,

Esmeralda Ribeiro, Lepê Correia, Lia Vieira, Allan da Rosa, Cristiane Sobral, Sacolinha, Elizandra, Lande Onawale, Lourdes Teodoro, Akins Kintê, Alcidéa Miguel, enfim, pelo menos três gerações identificadas às demandas dos novos tempos sem perder de vista os elos de identificação com o projeto que os aproxima (Duarte, 2023, p. 2).

Esses escritores, assim como outros intelectuais, contribuíram para a formação de uma militância negra que serve de base até a contemporaneidade. Um exemplo são as discussões de Cuti sobre a literatura negro-brasileira, que são utilizadas com fins de formação acadêmica e serão mais à frente retomadas nesta dissertação. Ademais, dentro do âmbito artístico, reivindicaram também uma “literatura negra”, considerando que até aquele momento a literatura que chegava até as pessoas era a de base eurocêntrica. Dessa forma, o vasto crescimento e proporção de autores negros são aceitos por boa parte da sociedade (Domingues, 2007).

Para ressaltar uma identidade negra, há a incorporação do padrão de beleza, vestimenta, culinária, religiosidade e nomes africanos, além de uma negação à mestiçagem, ideologia que previa a diluição da identidade negra do Brasil. Dessa forma, os negros buscavam retomar o contato com a religião de seus ancestrais e pregar a constituição familiar negra, sem envolvimento inter-racial, como forma de evitar o genocídio do negro (Domingues, 2007).

Por fim, a quarta fase é marcada pela entrada do hip-hop e, posteriormente, do rap, como movimentos artísticos populares praticados por jovens das periferias que expressam o resgate da autoestima do negro, assim como denunciam os problemas raciais e sociais (Domingues, 2007). Além disso, Zilda Martins (2020) destaca a formulação das ações afirmativas, especialmente as cotas raciais, que proporcionaram uma garantia de acesso à educação no ensino superior em meio às disputas por vagas com milhares de jovens das elites que buscam também uma vaga nas universidades públicas. Embora na atualidade não se denomine algo como um Movimento da Negritude, diversos grupos atrelados à temática racial, como o feminismo negro e os grupos formados por políticos, artistas, escritores e acadêmicos, manifestam uma ideia formada por consciência política e racial.

A exemplo disso, a editora Malê, fundada por Vagner Amaro e Francisco Jorge em agosto de 2015, representa uma manifestação do movimento negro. De acordo com o fundador Vagner Amaro, em entrevista concedida ao portal da literatura afro-brasileira **literafro**, a editora foi planejada com os seguintes objetivos: “aumentar a visibilidade de escritores e escritoras negros contemporâneos; ampliar o acesso às suas obras; e contribuir com a modificação das ideias pré-concebidas sobre os indivíduos negros no Brasil” (Amaro, 2018). Ele ainda destaca que os escritores negros apresentam em suas obras uma visão de mundo

baseada em suas experiências e perspectivas, o que mostra que a literatura que produzem traz uma marca da sua própria existência.

A Malê prioriza a edição de textos de literatura de autoria negra brasileira ou da diáspora africana. Contudo, considera decisivo publicar o pensamento dos pesquisadores negros. Há também o selo infantil Malê Mirim, voltado para temas como cultura e histórias africanas, cultura e história afro-brasileira e indígena, identidade e alteridade. Dentre seus autores, salientamos Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Tom Farias, Meimei Bastos, Cristiane Sobra, Lívia Natália, Sônia Rosa, Fábio Kabral, Muniz Sodré, Martinho da Vila, Rosane Borges e Cuti (Amaro, 2018).

Reconhecendo o papel da literatura, a iniciativa da Malê, assim como de outras editoras, evidencia o quanto o movimento negro ainda está vivo e a necessidade dessas construções para a luta antirracista. Além da Literatura, principalmente em sua temporalidade contemporânea, outras formas de fazer arte e de expressar discursos são de grande contribuição para o movimento negro, que ressalta a necessidade de uma identidade negra e da luta contra o preconceito e pelos direitos das minorias.

2.2 O RACISMO ESTRUTURAL NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Para discutir o racismo estrutural, tomaremos neste ponto o seguinte percurso: definir o que é raça; traçar um percurso das ideias raciais produzidas do século XX até a contemporaneidade; apresentar o conceito de racismo estrutural; e exemplificar como o negro é retratado nas mídias, principalmente na literatura brasileira. Segundo Fernanda Silva (2022), o conceito mais antigo de raça foi encontrado em um texto de 1684, de autoria de François Bernier. Esse conceito, conforme difundido até a contemporaneidade, distingue os grupos humanos com base em características físicas e naturais. Posteriormente, Linné, no século XVIII, atribui o termo para classificar animais e depois os homens, unindo aspectos como comportamento, cor da pele e características físicas.

A própria classificação de Linné sobre as quatro raças da espécie *Homo sapiens* já aponta aspectos de superioridade e inferioridade. Segundo Silva (2022), Linné pontuava que o americano é moreno, colérico, cabeçudo, governado pelo hábito e pela liberdade, além de ter seu corpo pintado, características atribuídas aos indígenas. Já o asiático é amarelo, melancólico, governado por opiniões e preconceitos e suas roupas são largas. Em relação ao africano, diz-se que é negro, fleumático, preguiçoso, negligente e astucioso. Por último, o europeu é branco, sanguíneo, musculoso, engenhoso, usa roupas apertadas, é governado pelas leis e criativo.

Essas classificações acabam por ser, além de racistas, altamente restritivas a notar pela classificação dos temperamentos⁴ como se fossem próprios de um grupo “racial”, além das vestimentas. Especificamente sobre o africano, nota-se a utilização de adjetivos depreciativos, que evocam uma ideia de inferioridade. Entretanto, conforme destaca Grada Kilomba (2021), as representações lançadas sobre o negro são, na verdade, as projeções de quem os brancos europeus realmente são. Considerando todo o processo histórico — antes, durante e após o colonialismo —, o povo africano sempre foi trabalhador, embora, no período da escravidão, tenha sido submetido a condições desumanas e frequentemente letais. Enquanto isso, o branco, visto como “engenhoso e musculoso”, explorava e se beneficiava desse regime escravagista.

Silva ainda disserta que “[...] a raça não é uma realidade biológica, mas sim, apenas um conceito cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e dividi-la em raças estanques” (Silva, 2022, p. 53). Assim, confirma-se que o conceito de raça é formado por ideologias de dominação que servem para justificar, do ponto de vista político, econômico, religioso e social, a escravidão e o racismo. Sobre essa origem do termo “raça”, Kehinde Andrews aponta o seguinte:

Poligenistas acreditavam que havia mais de um homem original e que as raças eram completamente distintas, enquanto monogenistas defendiam que havia uma fonte original da humanidade, mas que os brancos representavam a encarnação mais desenvolvida e avançada do homem (Andrews, 2023, p. 47).

Dividindo o entendimento acadêmico em duas partes, entre poligenistas e monogenistas, ele apresenta intelectuais como Voltaire para comprovar os pensamentos raciais que, apesar de distintos na origem, se fundamentavam na mesma teoria de diferenças, considerando sempre o negro a degeneração da raça humana. Poligenistas como Voltaire e Hume acreditavam também que não deveria haver nenhuma espécie de relacionamento entre a branquitude e as raças inferiores para não existir a raça mista, ou seja, o mulato. Eles comparavam os mulatos às mulas — fruto do cruzamento entre cavalo e burro —, sustentando a crença de que, assim como as mulas, os mulatos seriam inférteis (Silva, 2022).

Essa ideia é mencionada por Darcy Ribeiro (2002) no livro **O povo brasileiro**, no qual ele utiliza o termo “ninguendade” para descrever como os indivíduos originados de relações inter-raciais eram vistos como “ninguém”, ou seja, pior que ser negro era não saber se era preto ou branco, sendo um “ninguém”. Essa relação foi criada não apenas para desfazer uma

⁴ Os temperamentos são quatro: sanguíneo, colérico, fleumático e melancólico. Eles apresentam algumas características próprias do comportamento humano, mas que são completamente individuais. Essa teoria dos temperamentos remonta a uma ideia formulada por Hipócrates, na Grécia Antiga.

identidade nacional, mas também para anular a identidade étnica dos negros. A proposta, além disso, promovia uma indiferença à existência desses indivíduos.

Ao conceituar raça, Silvio Almeida (2019) aponta que existem duas características que se cruzam e se complementam: a biológica e a étnico-cultural. A primeira refere-se aos traços físicos, como a cor da pele, os lábios e os cabelos; já a segunda, à questão geográfica e cultural, ou seja, à localidade em que a pessoa está inserida ou de onde veio, à religião, à cultura e à língua. A exemplo disso, no século XIX, acrescentou-se, além da cor, outros critérios, como o formato do nariz, dos lábios, do queixo e do próprio crânio, tudo com o intuito de categorizá-los como feios e inferiores, o que, de certa forma, constituía uma boa justificativa para escravizá-los. Na trilogia de livros do Tenório isso é bem evidente, pois em todos os romances os protagonistas são negros e passam a todo momento por situações de racismo, principalmente, por sua cor da pele, pelas características do cabelo e pela religião.

Para contextualizar a respeito dessas ideologias historicamente presentes no Brasil, Silva (2022) aponta que, para compreender os motivos das naturalizações discursivas sobre o racismo e de que forma elas contribuem para a solidificação do preconceito racial contemporâneo, é necessário perpassar por um caminho de formação social, étnica e econômica. Ainda no século XIX até o início do século XX, vigeu no Brasil a ideia de racismo científico, no qual acreditava-se que haveria uma divisão da humanidade em raças: as superiores — brancas — e as inferiores — as negras.

Os intelectuais adeptos desse pensamento são pessoas como o médico Nina Rodrigues, que foi homenageado com nome de cidade no Maranhão; o historiador João Batista Lacerda e o crítico literário Sílvio Romero. Dentre as ideias de Nina Rodrigues está a de que negros e mestiços eram naturalmente inclinados à delinquência, argumento que, segundo ele, justificaria a criação de um código penal específico para africanos e seus descendentes. Conforme disserta Sylvania Nunes, Nina Rodrigues

[d]efendeu a criação de dois códigos penais brasileiros: um para os brancos e outro para os negros, pois pressupunha que as diferenças raciais levavam a diferenças comportamentais e morais tão grandes que não se podiam fazer as mesmas exigências para ambas as raças. Para ele, como para outros cientistas de sua época, a igualdade de direitos e deveres era uma ilusão (Nunes, 2006, p. 92).

Dessa forma, Nina Rodrigues diferenciou os grupos raciais pelo parâmetro dos níveis evolutivos para reafirmar a inferioridade do negro em comparação com o ideal branco. Para ele, o negro não deveria seguir o mesmo código penal por ser geneticamente desequilibrado e

menos desenvolvido mentalmente, semelhantemente às crianças. Esse pensamento remete às ideias do começo do movimento negro na Europa, quando o homem negro era visto como menos racional que o branco. Além disso, como observa Silva (2022), para Nina Rodrigues, uma nação de mestiços não poderia ser estável, já que eles possuiriam tendências contrárias nos seus sentimentos e ideias, o que provocaria uma luta constante para que as características inferiores e primitivas não prevalecessem.

Além de Nina Rodrigues, Batista Lacerda e Sílvio Romero também eram contrários à miscigenação. Para Sílvio Romero, por exemplo, a mestiçagem seria uma opção para uma homogeneidade nacional, na qual o surgimento do mulato seria uma característica nacional. Entretanto, o predomínio racial e cultural seria da raça branca, assim como descreve Silva: “a miscigenação serviria, antes de tudo, ao branqueamento da população e ao predomínio do branco no tipo caracteristicamente nacional” (Silva, 2022, p. 19).

Nessa perspectiva, o racismo científico, como pontua Schwarcz (1993 *apud* Silva, 2022), conferiu *status* científico às desigualdades entre os seres humanos, principalmente por meio do conceito de raça, transmitindo a ideia de que o processo de miscigenação pelo qual o Brasil passava o levaria a ser um país branco um dia. Após essa teoria, com uma forma de “suavizar” o impacto do racismo científico, surge a ideia do branqueamento. Para Thomas Skidmore (2012), essa tese se baseava na existência de uma raça superior e mais adiantada — a branca —, tendo em vista que a população negra diminuiria nesse processo e a miscigenação “naturalmente” produziria uma população mais clara, isso porque os brancos seriam mais fortes e as pessoas procurariam relacionamentos com pessoas de pele clara.

Essa teoria era aceita e difundida por cientistas como Francis Galton e médicos, a exemplo do brasileiro Renato Kehl. Para Galton, a capacidade humana tinha mais relação com hereditariedade do que propriamente com educação, o que acabou por se tornar um pensamento comum até hoje para justificar a alta taxa de brancos bem-sucedidos e de negros em situação de miséria.

Os defensores da eugenia encontraram suporte nas teorias raciais de meados do século XIX: para o racismo científico, os brancos europeus representavam a superioridade biológica; negros e amarelos eram considerados inferiores e a miscigenação era criticada por causar supostos danos irreversíveis na descendência. O movimento eugênico rapidamente se transforma em campanha nacionalista agressiva contra negros e imigrantes (Silva, 2022, p. 20).

Os adeptos do movimento eugênico acreditavam que uma população “embranquecida” seria a solução para diversos problemas sociais e sanitários. Fernanda Silva (2022) menciona em seu livro que o médico Renato Kehl foi um dos que acreditavam nessas ideias que relacionavam a saúde pública e a psiquiatria aos negros. Um exemplo de persistência dessa ideia pode ser encontrado no Hospital Colônia de Barbacena. Por anos esse hospital, popularmente conhecido como hospício, serviu para aprisionar pessoas negras, imigrantes, gays, mulheres solteiras, deficientes e qualquer pessoa que fosse vista como um prejuízo para a sociedade com a desculpa de que as doenças eram uma degeneração, como Silva (2022) pontua sobre o eugenismo.

Além disso, cabe destacar que as ideologias desse processo de branqueamento encontravam no europeu e na imigração a solução dos problemas brasileiros, pois, como pontua Fausto Brito (2022), essa imigração europeia levaria ao desaparecimento das raças inferiores e dos mestiços, conquistando, assim, uma sociedade brasileira branca. Mesmo com algumas mudanças, com os negros brasileiros sendo integrados à nação na República Populista e no governo de Getúlio Vargas, essas imigrações continuavam acontecendo do ponto de vista eugênico.

Obviamente, a tentativa de embranquecer o país, a exemplo da política de investimento de colônias europeias no Brasil, não obteve pleno sucesso. Essa ideia de embranquecimento, no entanto, constitui uma forma de violência simbólica sobre os negros, promovendo a crença de que a melhor maneira para estruturar a família seria buscar progressivamente o embranquecimento por meio dos relacionamentos com pessoas de pele mais clara, como ilustra a pintura **Redenção de Cam** (1895), de Modesto Brocos.

Outra ideia apresentada por Silva (2022) é a democracia racial, que é pronunciada e aceita por alguns como verdade até a atualidade. Segundo a autora, esse mito tem raízes nas ideologias dominantes deste branco benevolente, cordial e bom. É interessante pontuar que essas ideologias constituem a sociedade contemporânea, inclusive por meio do ensino nas escolas. Muito se fala sobre o colonizar bom, sobre a bondade do homem branco e o quanto esse colonizado merecia, por vezes, o que recebia, por ser ladrão, feiticeiro ou sedutor. Um exemplo dessa ideia na literatura está presente no livro **As vítimas algozes** (1969), de Joaquim Manuel de Macedo.

Essa obra, reconhecida como um romance abolicionista, relata diversas histórias em que o negro é um perigo constante para os seus patrões, justamente pela natureza perversa e má dos negros, em contraste com a bondade dos senhores brancos, como Simão. Movido por desonestidade, vingança e desejo, o negro, mesmo quando bem tratado, anseia por destruir a

vida do branco puro e de boas intenções. Dessa forma, identifica-se nessa obra a justificativa para o fim da escravidão: a preservação da vida do homem branco. Já que o negro é perverso, o homem branco está em risco quando alimenta isso com a escravidão. Tal justificativa é curiosa, tendo em vista que não há uma perspectiva de que o terrível e perigoso é aquele que escraviza, pois, como afirma Cida Bento, “[...] nenhum desses grupos de estudiosos apontou a existência de uma ‘deformação’ na personalidade do escravizador, isto é, do branco” (Bento, 2022, p. 46).

Retomando o mito da democracia racial, inegavelmente um dos seus maiores representantes é Gilberto Freyre, autor do livro **Casa-Grande & Senzala** (1933). Esse mito, por ser tão difundido, é aceito como verdade. Silva caracteriza os mitos como “[...] representações que buscam explicar e conhecer o mundo, provocadas por necessidades existenciais e sociais que servem para atuar sobre a realidade, buscando controlá-la ou se situar diante dela” (Silva, 2022, p. 29). Dentro dessa definição encontra-se a democracia racial, pois esse mito levanta a ideia de que as vivências raciais no Brasil eram brandas, principalmente em comparação a outros países, por não ter tido uma espécie de *apartheid*.

Ao citar Munanga (2004), Silva (2022) disserta que o mito da democracia racial foi excludente e intencional, pois a liberdade estendida aos negros era falsa, além de que todo o histórico genocida contra indígenas e africanos foi transformado em uma colonização pacífica, sem derramamento de sangue e com cordialidade. Em uma entrevista concedida, em 2016, para a ONG Geledés, Kabengele Munanga afirmou o seguinte, de acordo com Fernanda Silva:

Cada país que pratica o racismo tem suas características. As características do racismo brasileiro são diferentes. Por que o brasileiro não se considera racista ou preconceituoso em termos de raça? Porque o brasileiro não se olha no seu espelho, nas características do seu preconceito racial. Ele se olha no espelho do sul-africano, do americano, e se vê: “olha, eles são racistas, eles criaram leis segregacionistas. Nós não criamos leis, não somos racistas”. Tem mais: tem o mito da democracia racial, que diz que não somos racistas (...). Esse mito (da democracia racial) já faz parte da educação do brasileiro. E esse mito, apesar de desmistificado pela ciência, a inércia desse mito ainda é forte e qualquer brasileiro se vê através desse mito. Se você pegar um brasileiro até em flagrante em um comportamento racista e preconceituoso, ele nega. É capaz dele dizer que o problema está na cabeça da vítima que é complexada, e ele não é racista. Isso tem a ver com as características históricas que o nosso racismo assumiu, um racismo que se constrói pela negação do próprio racismo (Munanga, 2004 *apud* Silva, 2022, p. 33).

Um dos exemplos contemporâneos dessa ideologia é a crença, por exemplo, de que uma menina negra, quando vai para a casa de um desembargador para trabalhar, está recebendo um favor, mesmo que passe por situações análogas à escravidão, sem oportunidade de estudar e

sendo privada até mesmo de sua liberdade, como as notícias mostram todos os anos. Freyre, em seu livro, por exemplo, escreve que, nos grandes engenhos, os escravizados eram bem alimentados e recebiam cuidados como se fossem da família, tendo uma vida muito boa em comparação com europeus que trabalhavam como operários. Um detalhe que não pode passar despercebido é que essa ideia do empregado, ou mesmo do ser escravizado como pertencente à família, é algo bem presente na história da escrava Isaura.

O mito da democracia racial serve justamente para distorcer a realidade, desviando o foco da problematização das condições vividas pelas vítimas de racismo. Essa ideologia retrata tanto os senhores de engenho quanto os grandes homens brancos da sociedade contemporânea como pessoas benevolentes, que ao menos oferecem oportunidades de trabalho, sustentando a imagem do “homem cordial”. Em vez de se questionar as causas e consequências históricas da escravidão, propaga-se um discurso que minimiza a sua gravidade, argumentando que a escravidão não foi tão ruim porque o brasileiro supostamente não é racista e não instituiu sistemas legais de segregação, como ocorreu na África do Sul e nos Estados Unidos.

Por isso, nota-se que esses ideais racistas produzidos durante o século XX perduram até o século XXI, o que evidencia que o racismo é um sistema estrutural da sociedade brasileira. Um exemplo disso, de acordo com Jessé Souza (2021), é que o grupo mais oprimido, humilhado e morto na sociedade é formado majoritariamente por negros. Soma-se a isso o fato de que o extermínio de pessoas negras não gera comoção na sociedade, como os diversos casos de “bala perdida” que acontecem diariamente no Brasil.

No livro **Racismo estrutural**, Silvio Almeida disserta que “[...] uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem” (Almeida, 2019, p. 22). Dessa forma, divide-se a sociedade em dois grupos: os que detêm privilégios e aqueles que estão em desvantagem quase que constantemente. Esses grupos seriam delimitados pelo fator que desde a colonização diferencia os seres humanos em superiores e inferiores: a raça.

Além disso, ao citar a discriminação racial, Almeida (2019) a define como a atribuição de tratamento diferenciado de acordo com a raça do indivíduo, ou seja, um determinado grupo tem o poder de escolher como o outro pode viver, seja por meio de ataques diretos, como ocorrem em estabelecimentos que destrutam ou proíbem a entrada de pessoas negras, seja pela negação da existência da discriminação. Há também as divisões geográficas, o que tem uma relação com a ideia de racismo ambiental.

Há alguns anos, esse tema tem ganhado destaque ao abordar as desigualdades entre localidades majoritariamente habitadas por pessoas negras e aquelas ocupadas por pessoas brancas. Periferias e guetos, exemplos de espaços mais habitados por pessoas negras, são os mais prejudicados pela falta de bons hospitais, escolas, saneamento básico e segurança. Esse cenário gera consequências que, muitas vezes, são distorcidas em discursos discriminatórios, como o de que esses espaços são potencialmente perigosos por causa da presença de pessoas negras, não pelo contexto proveniente da escravidão e do período pós-abolição.

Bento (2022) atesta que as altas taxas de mortalidade infantil e de homens negros, números de mães solo, números de profissionais e prestadores de serviços que ganham um salário mínimo ou inferior a isso e falta de representatividade em lugares de liderança são algumas das consequências do racismo ou dos atos de racismo. Essas condições estão também atreladas aos números de evasão escolar, ao desempenho educacional prejudicado e à baixa qualidade das escolas e dos materiais didáticos, elementos que refletem um sistema desigual, formulado por um racismo estrutural. Nesse contexto, prevalece o discurso de que aqueles que não alcançam êxito seriam incompetentes ou despreparados, como nos exemplifica o número de notas máximas nas redações do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2023: dos 60 alunos que alcançaram a nota mil, apenas quatro eram provenientes da rede pública de ensino.

No entanto, negros que conquistam espaços de poder são vistos como invasores por estarem em um lugar que não havia sido determinado para eles, como pontua Bento: “Os negros são vistos como invasores do que os brancos consideram seu espaço privativo, seu território. Os negros estão fora de lugar quando ocupam espaços considerados de prestígio, poder e mando” (Bento, 2022, p. 53). Isso pode ser observado em qualquer espaço que um negro domine, como no futebol. A esse respeito, o jogador Vinícius Júnior, além de vivenciar essa condição dentro do campo, passou por isso no final de 2024, ao ser desconsiderado na disputa de melhor do ano, ou seja, foi vetado de fazer parte de um território dominado por europeus brancos, como Cristiano Ronaldo. Sobre essa ideia de poder, Bento aponta que o racismo estrutural perpetua perfis que seriam próprios de cada grupo.

Em sociedades desfiguradas pela herança do racismo, a preferência de um mesmo perfil de pessoas para os lugares de comando e decisão nas instituições financeiras, de educação, saúde, segurança etc., precariza a condição de vida da população negra, gerando desemprego e subemprego, a sobrerrepresentação da população negra em situação de pobreza, os altos índices de evasão escolar e mal desempenho do alunado negro e os elevados percentuais de vítimas negras da violência policial. Essa herança tem também sua dimensão simbólica, fazendo com que o perfil daqueles que lideram as organizações, que é majoritariamente masculino e branco, esteja sempre bem

representado nos meios de comunicação, o que mantém um imaginário que favorece sua permanência em lugares da sociedade considerados mais prestigiados, bem como propicia a naturalização de outros grupos em posições de subordinação e desqualificação (Bento, 2022, p. 55).

Essa conjuntura racial permite aquilo que Foucault, no livro **Microfísica do poder** (1979), chama de biopoder, ou seja, o poder de matar, de distribuir essa morte, como vemos nos discursos de extermínio da bancada da bala, nas milícias e na própria polícia, principalmente com discursos sustentados por frases de efeito como “bandido bom é bandido morto” e da “guerra às drogas”. Essas são, na realidade, medidas de controle contra pobres e, sobretudo, negros. A ideia de necropolítica, proposta pelo cientista político Achille Mbembe (2018), confirma essa lógica ao afirmar que existe uma política de repressão que considera a vida negra sacrificável. Por outro lado, quando os bandidos não são negros ou não moram nas periferias, o julgamento social é outro. A imprensa, por exemplo, tende a apresentá-lo de forma mais branda: o preto é retratado como marginal, infrator e delinquente, enquanto o branco é tratado como suspeito e não costuma ser mostrado algemado.

Outro reflexo do racismo estrutural é a representação do negro nas mídias, sejam elas literárias ou televisivas. É um fato que no Brasil a população recebe influência daquilo que é mostrado nos filmes, novelas, séries, livros e jornais, tomando para si aquilo como verdade ou representação dessa verdade. Dessa forma, nota-se que, em programas de televisão, até poucos anos atrás, as representações de personagens e jornalistas em bancadas de noticiários eram pessoas brancas. Quando havia negros, estavam em papéis depreciativos ou de inferioridade. Almeida (2019) pontua que um indivíduo pode acabar por se convencer de que uma mulher negra tem vocação para as atividades domésticas ou mesmo para a prostituição, considerando as representações televisivas e literárias, visto que, por mais de três séculos na história brasileira, o lugar reservado às mulheres foi esse.

2.3 PERCEBER-SE NEGRO PARA COMBATER O RACISMO

Em seu livro **Tornar-se negro** (2021), Neusa Santos Souza elenca algumas representações que o negro tem sobre si que acabam por defini-lo e colocá-lo em um lugar de não aceitação da sua negritude. Antes de avançar para alguns pontos específicos, é necessário destacar uma questão frequentemente deturpada e usada como justificativa para um suposto racismo do negro contra ele próprio. Quando se discute o negro que não aceita sua própria negritude, trata-se de uma consequência direta do sistema escravagista e do racismo estrutural.

Historicamente, desde a expansão europeia, o negro é associado a estereótipos sexuais, morais e culturais que massacram sua identidade, história, memória e tradições. Como consequência, o sujeito negro passa a internalizar branquitude como o padrão certo e desejável, tendo em vista que, por séculos, barbaridades e deturpações humanas foram associadas à “raça” negra, enquanto o homem branco foi tomado como base para um ideal de humanidade. Como afirma Souza: “Afastado de seus valores originais, representados fundamentalmente por sua herança religiosa, o negro tomou o branco como modelo de identificação, como única possibilidade de “tornar-se gente” (Souza, 2021, p. 46).

Assim, as definições impostas pela sociedade, as fantasias e estereótipos sexuais, as representações negativas do corpo preto e até mesmo a dúvida sobre se o mulato é ou não negro dificultam a aceitação da negritude. Um exemplo dessas construções é a ideia de que a cor negra é constantemente ligada ao mundo do crime. Souza (2021) observa que existe, inclusive, uma política velada dentro das forças policiais que presume que a maioria dos negros são assaltantes, o que pode explicar, talvez, os altos índices de mortes por “bala perdida” e as abordagens injustificáveis sofridas por essa população.

Além disso, há uma associação entre a pobreza e a cor preta, reforçada pela ideia de sujeira, pela ideia de que negros possuem limitações intelectuais, mas se destacam pela força física. Adiciona-se a isso o estereótipo de que homens e mulheres negras seriam sexualmente insaciáveis e potentes. Essas representações, somadas à formulação social de que o corpo preto não é o ideal de beleza e à desvalorização de características como o cabelo crespo e cacheado, dificultam que negros se reconheçam até mesmo como indivíduos dignos de humanidade.

Conforme Kilomba (2021), as estruturas sociais forçam o negro a se identificar com o branco, frequentemente idealizado como herói, e a rejeitar o negro, visto como inimigo, como é possível visualizar na produção fictícia de **Tarzan**, em que esse personagem é exaltado como herói branco, enquanto aniquila centenas de negros representados como primitivos, selvagens e merecedores da violência do protagonista.

Dos negros foram retirados os seus valores e a sua civilidade; em contrapartida, conforme mencionado, fatores como a pobreza são diretamente relacionados a eles. Essa correlação é exemplificada por um caso recente nas redes sociais, em que muitos internautas se surpreenderam com o fato de o pai da cantora brasileira Iza⁵ ter visitado países da Europa quando jovem. Para essas pessoas, é esperado que Iza, assim como outros artistas e figuras

⁵ Nome artístico da cantora Isabela Cristina, conhecida por cantar as músicas **Pesadão** e **Dona de mim** e por sua participação como jurada do programa televisivo *The Voice Brasil*.

negras famosas no Brasil, tenha uma história de miséria e superação, pois a sociedade não associa o negro a uma vida estável ou bem-sucedida, fora das periferias. Cabe, ainda, ressaltar que, diante do colorismo brasileiro e das discussões realizadas sobre esse tema, muitos sujeitos negros acabam por se denominar pardos ou até mesmo brancos para evitar a identificação com um grupo racialmente menosprezado e com possibilidade de ascensão social limitada. Souza confirma que:

[a] história da ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais. É a história da submissão ideológica de um estoque racial em presença de outro que se lhe faz homogêneo. É a história de uma identidade renunciada, em atenção às circunstâncias que estipulam o preço do reconhecimento ao negro com base na intensidade de sua negação (Souza, 2021, p. 53).

A própria existência de denominações como mulato e pardo é resquício de uma ideologia racista que configura o embranquecimento da população negra como a melhor opção. Souza (2021) destaca que o tripé formado pela ideologia do embranquecimento, pela democracia racial e pelo *continuum* de cor é o sustentáculo dessa estrutura racial brasileira que possibilitou a ascensão social de negros que se autoidentificavam como mulatos e/ou tinham a pretensão de embranquecer a família por meio de casamentos com pessoas brancas. É válido afirmar que essa tríade reforçava aos negros a ideia de desestímulo e solidão, pois não havia uma solidariedade entre o grupo racial, tendo em vista que esse grupo era uma referência negativa.

Dessa forma, a constatação de ser negro requer um processo de compreensão acerca do massacre histórico que comprometeu sua identidade individual e coletiva, assim como o comprometimento com o resgate de sua história e a recriação de suas potencialidades. Não basta só saber o que ocorreu na escravidão, é preciso entender que “[...] todo um dispositivo de atribuições de qualidades negativas aos negros é elaborado com o objetivo de manter o espaço de participação social do negro nos mesmos limites estreitos da antiga ordem social” (Souza, 2021, p. 48).

Exemplo dessas atribuições negativas disfarçadas de elogios incluem ideias como a resistência física, usada como justificativa para a exploração, e o desempenho sexual, que animaliza o negro. Como pontua Souza (2021), esses “dons”, na verdade, estão associados a noções de irracionalidade e primitivismo do negro em oposição à racionalidade e ao refinamento atribuídos ao branco. Em outras palavras, enquanto o branco é descrito como afeito ao raciocínio, o negro é visto como emocional. Percebe-se, assim, que essas caracterizações,

geralmente apresentadas como positivas, estão carregadas de racismo estrutural, cujo objetivo é limitar os negros no mesmo regime colonial. Henrique, no livro **O avesso da pele**, passa por esse tipo de situação ao ter o seu corpo sexualizado pela família da namorada. Embora se sinta desconfortável, ele não entende que essa experiência é permeada pelo racismo.

Compreender essa ideologia estrutural e perceber-se como negro são passos importantes para questionar as estruturas políticas, econômicas e sociais vigentes. No entanto, a desvalorização perpetuada por séculos acaba por interferir nesse processo de perceber-se negro. Segundo Souza (2021), as consequências do racismo são tão proeminentes que é comum o sentimento de humilhação, intimidação e decepção na vida dos negros, principalmente quando desejam ascender socialmente e encontram barreiras estruturais, como o código de “boa imagem” — que se trata geralmente de anúncios que visam a alcançar um público branco.

Nessa relação social, o negro é reduzido ao papel de objeto, pois a sua realidade, história e identidade são moldadas por outro grupo racialmente privilegiado, os brancos. Dessa forma, o perceber-se negro, conforme bell hooks, é também tornar-se negro e, mais ainda, tornar-se sujeito, ou seja, “definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 2019a, p. 42). Compreende-se, portanto, que o combate ao racismo advém também da própria atitude de se reconhecer como negro. Essa compreensão tem permitido que vozes negras, silenciadas por séculos, falem em nome de uma comunidade, como observado em textos de Angela Davis, Grada Kilomba, Conceição Evaristo, Abdias Nascimento e Miriam Alves.

É somente a partir do Movimento da Negritude que percebemos o destaque que grandes artistas negros começam a conquistar, justamente pela posição de subalternidade e opressão imposta pelas estruturas sociais que impossibilitaram que essas vozes fossem escutadas há mais tempo. Assim, é por meio desses artistas, escritores e intelectuais que é possível observar uma realidade e uma perspectiva que realmente tenham mais ligação com os negros brasileiros. Além disso, tornou-se possível questionar a ideologia da representação proposta pelos colonizadores. A respeito disso, Grada Kilomba discute, em seu livro **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano** (2021), o quanto o negro é uma projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer sobre ele próprio.

Como exemplo disso, é só refletirmos sobre todo o período antes, durante e após a escravidão, pois quem roubou, violentou, matou, explorou e lucrou com tudo isso foi o sujeito branco europeu. No entanto, como é posto no livro, todas essas atitudes são mencionadas como se fossem partes constituintes do sujeito negro, colocando-o em uma situação de vergonha constante, medo e até culpa por ter a cor que tem. Isto ocorre porque, aos olhos da sociedade,

o negro é selvagem, sujo, criminoso, servo ou do ramo da prostituição. Logo, como afirma Kilomba, “nós nos tornamos a representação mental daquilo com o que o *sujeito branco* não quer se parecer” (Kilomba, 2021, p. 38, grifo do autor).

Assim, para rebater esse tipo de lógica racista, desde o surgimento do Movimento da Negritude, muitas atitudes precisaram — e ainda precisam — ser revistas e transformadas para um ideal de aceitação da negritude. Como exemplo bem evidente, Kilomba (2021) cita que, no período de servidão, se tolerava, até certo ponto, a cor de pele dos negros, mas o cabelo crespo/cacheado era visto como “cabelo ruim”, algo sempre relacionado à desordem e à inferioridade.

Essa visão sobre o cabelo é algo recorrente até hoje, pois observamos que muitas mulheres ainda alisam os cabelos com produtos que podem até mesmo ser prejudiciais à saúde como forma de apagar essa simbologia de “primitividade” de suas vidas. Quando se fala do processo de transição capilar, muitas o veem como uma ação impossível e totalmente fora de cogitação, tendo em vista que terão que abandonar aquilo que acreditam ser o ideal de beleza, limpeza e organização, pois um cabelo alinhado garantiria uma “boa imagem”. Muitos atribuem características como desarrumado, deselegante e infantil para o cabelo cacheado e crespo.

No entanto, buscando transformar essa perspectiva, o Movimento Negro e o Feminismo Negro adotaram como forma de resistência e de consciência política, como aponta Kilomba (2021), os dreadlocks, os penteados africanos, como as tranças, e o cabelo crespo ou *black* para criar uma nova imagem de beleza, redefinindo um padrão dominante formulado por e para pessoas brancas. Assim, entende-se que negar esse tipo de imposição é negar também as instaurações da branquitude e não temer o tornar-se negro.

A psicóloga Grada Kilomba (2021), em um dos capítulos de seu livro, constrói uma sequência de mecanismos que o sujeito negro passa para conscientizar-se da sua negritude e da realidade vivida no racismo cotidiano. O primeiro mecanismo é a negação. Para ela, essa é uma atitude de defesa do ego, em que o sujeito nega ter vivenciado alguma situação de racismo e até mesmo nega ser negro, sempre atribuindo a si a cor parda como forma de identificação com uma classe menos desprivilegiada. Isso é bem comum no Brasil, tendo em vista a diversidade de cores de pele, o que contribui para que muitos “escolham” não fazer parte do grupo negro por não se verem como retinto.

Em seguida, a autora cita a frustração, comumente despertada assim que se percebe o tratamento desigual e a falta de oportunidades. Após a frustração, a psicóloga cita que se delimita uma sequência de agressões, ansiedade, defesa e inibição. O terceiro mecanismo é a ambivalência, no qual há a coexistência de amor e ódio, raiva, nojo e desconfiança em relação

ao sujeito branco; e orgulho e culpa em relação aos sujeitos negros. Sobre esses sentimentos contraditórios, a autora cita que são uma preparação para o próximo passo, a identificação:

Essa série de identificações previne o *sujeito negro* da identificação alienante com a branquitude. Em vez de se identificar com a/o “*outra/o*” branca/o, desenvolve-se uma identificação positiva com sua própria *negritude*, o que por sua vez, leva a um sentimento de segurança interior e de autorreconhecimento (Kilomba, 2021, p. 237, grifos do autor).

Essa parte final do processo de tornar-se sujeito ou, como trata o título, de perceber-se negro ocorre quando o negro quebra a identificação que tinha com o branco e passa a identificar sua história, biografia, experiências, conhecimentos, etc., com outras pessoas negras. Como ressalta Kilomba (2021), essa identificação rompe a alienação com a branquitude, seus ideais de beleza e perspectivas históricas e ideológicas. Ademais, esse processo de identificação auxilia na construção de uma sensação de segurança e desenvolve uma busca por conhecimento de si que resulta no amor próprio.

A partir disso, tornar-se negro, como afirma Souza (2021), é tomar consciência do processo ideológico que aliena e aprisiona o sujeito, além de criar uma nova consciência que respeite as diferenças e a dignidade de todos. Nesse sentido, Nilma Gomes entende

[...] a identidade negra como uma construção social, histórica e cultural repleta de densidade, de conflitos e de diálogos. Ela implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/ racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Um olhar que, quando confrontado com o do outro, volta-se sobre si mesmo, pois só o outro interpela a nossa própria identidade (Gomes, 2002, p. 39).

Logo, qualquer que seja a identidade, ela é construída através de um diálogo, ou seja, a partir de relações dialógicas. Por isso, a identidade negra é formulada a partir de uma nova perspectiva do negro sobre ele, embora ainda sofra interferência das impregnações estruturais da branquitude, como a ideia de perigo e da pouca cordialidade do negro, quando este assume a sua negritude. Sobre isso, hooks afirma que

[a]o mesmo tempo, pessoas que “amam a negritude”, isto é, que descolonizaram suas mentes e romperam com o tipo de pensamento supremacista branco que insinua que somos inferiores, inadequados, marcados pela vitimização etc., geralmente concluem que somos punidos pela sociedade por ousar romper com o status quo. Em nossos empregos, quando nos expressamos a partir de um ponto de vista descolonizado, arriscamos ser vistos como perigosos e pouco cordiais (hooks, 2019b, p. 56).

Além disso, a interferência na identidade parte também dos negros que foram (são) ensinados a rejeitar a negritude, a história e a cultura negras, como forma de conquistar um privilégio social e econômico por meio de um ideal branco. Dessa forma, deve-se compreender esse processo como algo político, uma vez que, como ressaltam Martins, Vieira e Almeida., “[...] a construção das identidades se dá em contextos marcados por relações de poder” (2021, p. 11). Essa ideia é ressaltada quando se observa a violência simbólica a que grupos minoritários são submetidos, ao serem confrontados com as visões da maioria, os quais afirmam que aqueles são inferiores. Como consequência, esses grupos muitas vezes assimilam tais percepções como verdade.

Dentro dessa perspectiva, convém destacar que se trata também de um processo político, tendo em vista que se autoafirmar negro no Brasil não se limita à cor da pele; envolve confrontar padrões impostos desde a colonização, reaprendendo sobre o passado, entendendo sua cultura e história, além de reconhecer seus ancestrais e auxiliar outras pessoas no processo de descolonizar o pensamento (hooks, 2019b).

O tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória. Esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos que, mesmo sendo transformados por meio de uma intensa miscigenação, continuam carregados de africanidade (Gomes, 2002, p. 42).

Esse reconhecimento de si permite que tanto negros retintos quanto negros de pele clara, denominados pardos, compreendam sua verdadeira identidade, linguagem, música, diversas formas artísticas e culturais, e a maneira de ser no mundo, inclusive de se enxergar. Nesse sentido, argumenta Munanga (2020), somente o negro é capaz de resolver algumas questões relacionadas à sua identidade, como a alienação do seu corpo, cor, cultura e história.

Cabe ressaltar que, ao se tratar de identidade negra, não se pretende enquadrar todos os negros dentro de um único conceito, determinando, por exemplo, qual música ouvir ou qual religião deve seguir, pois esse controle o processo colonial já realizou. No entanto, dentro do processo de perceber-se negro, é necessário compreender que todo ser humano é único, com interesses, preferências e escolhas particulares, que não devem ser impostas apenas pela raça, como pontua Gomes (2002). Dessa forma, é equivocado, por exemplo, presumir que todo negro deve gostar de jogar futebol e não de tênis; ou que prefira samba ou rap em vez de MPB. Há

particularidades em cada indivíduo, que podem ou não se alinhar às preferências da maioria, sem que isso seja certo ou errado.

Assim, precisa-se compreender que cada indivíduo reage de uma forma diferente diante dessas discussões, podendo inclusive não se reconhecer como negro ou optar por não fazer parte de uma luta antirracista. Para além disso, é necessário considerar as diferenças culturais, sociais, políticas e econômicas no Brasil. Um exemplo disso é a existência proeminente, nas comunidades negras, de grupos que seguem religiões de matriz africana e de outros que estão fortemente ligados aos ideais cristãos, como os pentecostais. Levando isso em consideração, quando se reflete sobre a identidade negra, é adequado considerar as vivências pessoais, os interesses, as preferências e as escolhas de cada sujeito. Esses diferentes processos podem ser considerados formas distintas de resistência negra, como formula Gomes:

Hoje, apesar dos tempos neoliberais e da situação de exclusão social que afligem a população negra e pobre desse país, a cultura hip-hop, as comunidades-terreiro, as irmandades, as congadas, a capoeira, os penteados afros, a estética negra, a arte, a luta dos movimentos sociais, as comunidades de bairro podem ser considerados como formas contemporâneas de resistência negra no Brasil, construídas num intenso processo de recriação e ressignificação de elementos culturais africanos na experiência da diáspora e, mais particularmente, na experiência brasileira (Gomes, 2002, p. 44).

Obviamente, muitas questões culturais foram modificadas no processo colonial, bem como pela globalização e o capitalismo. Muitas dessas manifestações identitárias dos negros foram apropriadas pela branquitude, como as rodas de samba e o rap. Contudo, não se pode negar que essas expressões ainda são características de boa parte do grupo racial negro, além de desempenharem, historicamente, um papel importante na resistência e na construção de uma identidade negra e brasileira.

Como afirma hooks, “amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (hooks, 2019b, p. 61). Desse modo, não basta reconhecer-se ou fazer parte de um grupo racial; é fundamental, para o negro, conhecer a sua ancestralidade, buscar conhecimento sobre a sua história e sobre o processo racista que vivenciamos, para que, assim, ame a sua cor e todos os aspectos de sua negritude, elementos essenciais para combater o racismo estrutural.

De acordo com Alfredo Bosi (2002), resistir é um conceito ético, sustentado pela força de vontade que ajuda a resistir a outras forças exteriores. Na literatura, resistir equivale tanto à escrita quanto à temática, ou seja, o próprio ato de escrever em desacordo com as convenções

da época, bem como as temáticas, pano de fundo do texto, que questionam ou abordam discussões não convencionais. Isso ocorre quando autor se distancia da ideia de reproduzir mecanicamente sobre onde está inserido e discute coisas que a sociedade, por vezes, não sabe ou prefere não saber, como as obras de Tenório, que discutem temáticas raciais em um país que naturaliza o racismo.

Em **Dispositivos de racialidade** (2023), Sueli Carneiro destaca que a resistência surge somente onde há um campo de poder. Desse modo, os negros devem resistir politicamente para alcançar uma emancipação coletiva que garanta direitos, essencialmente o direito à vida. Por isso, a primeira estratégia que um negro precisa aprender é a sobreviver fisicamente, pois há uma estrutura racial vigente que inclui política de morte. Assim, preservar a vida e a capacidade cognitiva é essencial para romper com as estratégias de subordinação.

Ao mencionar algumas entrevistas que faz para esse livro, Carneiro (2023) pontua que é difícil transformar a identidade racial individual em consciência política. Isso ocorre porque, historicamente, sujeitos negros são criados para não se identificar como negro ou para rejeitar a sua origem, buscando incessantemente o “embranquecimento”. Logo, ao passar pelo processo de tomada de consciência, aceitar-se como negro, reconhecer a identidade racial, é que se dará o processo de consciência política, ou seja, de resistência. Em suma, um indivíduo só irá resistir politicamente, quando se aceitar de forma consciente e completa.

Além disso, Munanga (2020) assevera que a identidade negra também está intrinsecamente ligada à cultura. Por isso, aceitar a negritude é também reconhecer as contribuições africanas no Brasil, desde a culinária até as religiões. Desse modo, uma perspectiva positiva a respeito dessas questões precisa ser tomada, tendo em vista que faz parte do processo de construção de uma identidade negra positiva e realista, como se nota na criação literária de Jeferson Tenório e de outros escritores e escritoras brasileiros desde o século XIX, quando ainda não existia o termo “negritude”. Portanto, essa investigação busca, ainda, analisar como a tomada da consciência de si, a partir da percepção do ser negro no Brasil, atua como elemento central para uma política antirracista na criação romanesca contemporânea, sobretudo nos romances **O avesso da pele** e **O beijo na parede**, de Jeferson Tenório.

3 CARTOGRAFIAS DO NEGRO NA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA: visão sob as lentes da história e da literatura

As experiências, a história e a cultura do negro dentro do contexto brasileiro multiétnico, caracterizado por diversas culturas e uma política polarizada, são frequentemente depreciadas e atreladas ao que há de pior na sociedade brasileira. As contribuições dos povos negros, por exemplo, permanecem pouco reconhecidas e contrastam com a perspectiva predominante, tanto no Brasil quanto no mundo afora, que enaltece o colonizador como responsável por todas as realizações e continua a perpetuar a imagem do branco como o símbolo de salvação e sucesso.

Nesse sentido, esta seção abordará perspectivas teóricas e históricas sobre as transformações desses aspectos ao longo do tempo. Além disso, será apresentado o processo em que se deu a construção de alguns estereótipos, assim como a valorização da herança negra como forma de resistência, destacando essas questões também no âmbito literário. Dessa forma, realizaremos uma cartografia, ou seja, um mapeamento simbólico que visa a identificar as trajetórias e os silenciamentos impostos às narrativas negras, articulando história e literatura para compreender como essas histórias foram construídas e apagadas

De acordo com Abdias Nascimento (2016), o negro contribuiu decisivamente para a economia brasileira, pois um país “fundado” recentemente sob o jugo de um império jamais teria prosperado sem a estrutura escravocrata. Era o trabalho do negro que permitia a riqueza e os benefícios da aristocracia branca, que não assumia o trabalho braçal. Enquanto isso, latifundiários e representantes da Igreja propagavam preconceitos para justificar suas vidas de luxo.

Nascimento (2016) ressalta que o Padre Antônio Vieira, ao pregar na Bahia em 1633, afirmou que os escravizados deviam obediência aos seus senhores, até mesmo aos maus e injustos, pois essa seria a vontade de Deus. Vieira ainda defendia que eles deveriam agradecer a Deus por terem sido retirados de territórios gentios e trazidos ao Brasil, onde foram instruídos na fé cristã. Dessa forma, o catolicismo legitimou a escravidão como uma prática aceita por Deus e necessária para forjar o caráter e a índole dos negros africanos.

Na literatura, isso se manifesta, por exemplo, no romance **A Escrava Isaura**, de Bernardo Guimarães, no qual a personagem do título se mostra mais submissa e obediente em virtude de suas convicções religiosas. Além dela, outros personagens são controlados pelos preceitos morais e religiosos do cristianismo da época. Ao criticar esse contexto, Castro Alves (2022), no poema “O navio negreiro”, denuncia a hipocrisia da Igreja Católica em abençoar as práticas escravocratas que desumanizavam os negros.

Essa realidade histórica do Brasil continua presente até a atualidade na maneira como se constrói a ideia de que a vontade de Deus justifica diversas formas de maldade. Na obra **Estela sem Deus**, de Jeferson Tenório, isso é discutido quando a família de Estela é culpabilizada pelo estupro sofrido pela mãe, sob o argumento de que, por não serem cristãos, deveriam buscar a Deus para evitar tais maldades e alcançar a purificação. Dessa forma, Estela busca uma vida cristã para escapar da suposta ira de Deus.

No contexto internacional, Nascimento (2016) observa que os outros países eram levados a acreditar que o que acontecia no Brasil era benigno, sem requintes de violência e crueldade, como Portugal tentava disfarçar para os estrangeiros por meio de mentiras e dissimulações. Todavia, essas tentativas de manipular a realidade, tanto no Brasil quanto no continente africano, não prevaleceram por muito tempo. Os roubos de terras e de povos, associados ao uso da força e à tentativa de apagar suas culturas, logo tomaram uma grande proporção.

Resquícios dessa ideologia de mascarar a realidade permanecem na contemporaneidade. Ainda se observa a disseminação de ideias como a de que o Brasil não seria um país racista, já que aqui não houve um *apartheid* ou uma segregação racial explícita, como nos Estados Unidos. Conceitos como o “homem cordial”, o “bom senhor” e a “democracia racial” contribuem para a manutenção dessa ideia equivocada. É incontestável que, baseado nos diretos estadunidenses, um cidadão pode ser declaradamente racista, como é o caso de Donald Trump. Entretanto, no Brasil, a Constituição criminaliza discursos racistas com multa e prisão. Isso gera um racismo velado que, quando confrontado, é frequentemente minimizado como uma brincadeira, um distúrbio psicológico ou, então, há a culpabilização da própria vítima, que é vista como “mimizenta”.

Constata-se que essa forma de racismo “à brasileira” advém de um processo histórico, perceptível na imagem que Portugal tentou criar ao longo dos séculos de escravidão. Nesse contexto, construiu-se a figura do “bom senhor”, uma narrativa ideológica que descreve os senhores brancos como figuras bondosas, paternalistas e protetoras, que tratavam os escravizados como membros da família. Essa visão persiste nos dias atuais, por exemplo, na romantização da colonização e em discursos como: “a minha empregada é como se fosse da família”. Assim, práticas de exploração no ambiente de trabalho, muitas vezes abusivas, são justificadas por meio dessa suposta relação de familiaridade.

O conceito de “homem cordial”, cunhado por Sérgio Buarque de Holanda (1997), no livro **Raízes do Brasil**, descreve o brasileiro como alguém que usa a amabilidade para esconder as suas verdadeiras intenções. Um exemplo disso é o discurso de negação do racismo com

afirmações como: “Eu não sou racista, tenho até amigos pretos”. A cordialidade, nesse sentido, é um disfarce para comportamentos violentos e intolerantes, algo bem aparente no sistema escravagista brasileiro. No romance **O mulato**, de Aluísio Azevedo (2003), a ideologia do “bom senhor” é representada por meio da cordialidade da sociedade maranhense, que, por meio de uma aparente amabilidade, mascara o racismo e perpetua as exclusões sociais.

Essa suposta cordialidade é tão enraizada que muitos acreditam, ainda hoje, que os negros foram os culpados por sua própria escravidão. Essas ideias são evidenciadas em romances abolicionistas que geralmente focavam na figura do “bom senhor” de escravizados, mas que, por suas formas de controle, atraía o que havia de pior em pessoas já consideradas naturalmente ruins. Um autor representativo dessa visão é Joaquim Manuel Macedo, cujos romances sugerem que as maiores vítimas do sistema escravocrata eram os brancos, e não os negros escravizados.

Algo semelhante ocorre também em **O avesso da pele**, quando Henrique ouve, em um de seus primeiros empregos, o discurso de que ele está recebendo uma oportunidade para sair do mundo do crime. O contraditório nesse caso é que Henrique nunca esteve envolvido em atividades criminosas. Ou seja, o patrão utilizava a retórica do “bom senhor” e do “homem cordial” para velar o seu racismo. Essas ideias, conseqüentemente, lançaram sobre o escravizado a culpa de todo o processo de escravidão. Afinal, se o homem branco é apresentado como um “bom senhor”, se ele é uma pessoa “cordial”, alguém que não seja ele precisa ser responsabilizado.

Nascimento, por exemplo, relata em seu livro o trecho de um artigo do crítico Clarival Valladares, ex-membro do Conselho Federal de Cultura, o qual, apesar de ter sido escrito em 1966, ainda é comumente reproduzido na sociedade atual: “Os brancos não caçavam os negros na África, mas os compravam pacificamente dos tiranos negros” (Valladares, 1966 *apud* Nascimento, 2016, p. 61). Esse discurso é frequentemente reproduzido nas aulas de História do ensino básico como forma de eximir os portugueses de responsabilidade e atribuir aos negros a culpa pela sua própria escravidão, reforçando a ideia de que seriam tão ruins a ponto de venderem seus próprios familiares. Eis que surge um novo estereótipo a partir da distorção da realidade.

Em contraposição a essa ideologia de ensino, Clóvis Moura (2022), em seu livro **Os quilombos e a rebelião negra**, aponta que há um esquecimento histórico em relação à resistência dos escravizados contra a violência a que eram submetidos. Apesar de serem tratados como “coisas”, os escravizados não deixavam de ser humanos, e essa humanidade, mesmo em meio a tantas tentativas de inferiorização, os impulsionava a criar movimentos e

atitudes de negação ao sistema escravagista, como insurreições, suicídios, fugas, crimes e revoltas. Essa construção do escravizado como um ser humano que se opõe à opressão é vista no romance abolicionista **Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis (2017).

O mito da democracia racial, formulado por Gilberto Freyre (2006), descreve que o Brasil seria uma sociedade harmoniosa em termos raciais, sendo a miscigenação vista como um fator positivo que unia as raças, sendo o contrário do que ocorria nos Estados Unidos. Essa teoria resultou, contudo, na negação do racismo e até mesmo na desmobilização da luta antirracista, como a luta pelas ações afirmativas, as quais ainda hoje são questionadas sob o argumento de que promovem divisões raciais.

Um dos perigos dessa ideia, de acordo com Nascimento (2016), é que o mito postula que a sobrevivência dos traços da cultura africana na sociedade brasileira foi resultado das relações amigáveis entre senhores e escravizados. Dessa forma, músicas, comidas, religiões, danças e linguagem de origem africana seriam comprovações de que a discriminação racial não existe no Brasil. Contrapondo isso, Abdias Nascimento (2019), no livro **O quilombismo**, argumenta que, longe de ser um processo amigável, houve uma tentativa sistemática de neutralizar a integridade do negro. Exemplos disso incluem a tentativa de apagamento da memória, a violência do processo de miscigenação, a cultura do estupro contra mulheres negras e a imposição de um sincretismo religioso.

Sobre as religiões vindas da África, várias foram as acusações que sofriam da Igreja Católica, entre elas a de feitiçaria. O processo de apagamento dessas religiões começava já nos portos de embarque, com os batismos compulsórios que a Igreja realizava, transformando a escravidão também em uma submissão espiritual. Isso foi seguido por perseguições, criminalizações e a marginalização dessas religiões, que, devido à opressão, foram forçadas à clandestinidade.

Além disso, conforme Nascimento (2019), muitos estudos desqualificavam as religiões afro-brasileiras, descrevendo-as como “cultos fetichistas”, ou seja, práticas supersticiosas, extravagantes, irracionais, com crença em fetiches mágicos, associadas frequentemente a questões sexuais. O termo “fetiche”, nesse contexto, foi relacionado à libido, estigmatizando ainda mais essas tradições. Na obra **Jubiabá**, de Jorge Amado (1961), essa visão é ilustrada quando o narrador sexualiza personagens durante os momentos de incorporação, caracterizando as religiões afro-brasileiras não só como algo que não é sério, mas como um elemento até mesmo folclórico. Além desse estereótipo, há também a ideia de que essas religiões são fenômenos psicóticos e animalescos.

Essas construções não se restringem ao passado ou à literatura. Na contemporaneidade, essas ideias permanecem em evidência, como demonstram os ataques de religiões cristãs contra os terreiros e os discursos que demonizam as práticas religiosas de matriz africana. Obviamente essas perseguições não se limitaram ao âmbito religioso, mas buscavam a destruição de qualquer outro elemento que lembrasse a cultura africana, como as línguas. Além do genocídio físico de milhares de africanos no Brasil, houve também um genocídio linguístico, que aniquilou os idiomas que vieram da África, impondo a língua portuguesa como a única língua permitida (Nascimento, 2019).

De forma calculista, o colonizador visou a atingir a memória e a história africana por meio do aniquilamento da sua linguagem. Sabe-se que a linguagem é a parte viva do conhecimento humano, é por meio dela que se preserva a memória, a história, a cultura e os saberes. Dessa forma, como forma de aprisionar o africano não só fisicamente, mas também intelectualmente, foi que Portugal buscou apagar completamente as línguas africanas.

Um dos recursos utilizados para isso foi a crença de que uma linguagem oral, que não seguia nos moldes escritos da Europa, era inferior. Essa ideia persiste até hoje na sociedade brasileira, considerando que há, em geral, um desprezo por tudo o que é culturalmente transmitido de forma oral, sendo isso visto como um saber menor. Abdias Nascimento (2019) reproduz em seu livro trecho de uma fala de Juana Elbein dos Santos, no qual relata que, ao perder a língua africana com o meio de comunicação cotidiana no Brasil, restaram apenas repertórios de vocábulos, frases e textos que ligados a atividades ritualistas.

Atualmente, as línguas africanas são preservadas principalmente como línguas rituais, utilizadas de forma secundária em contextos religiosos. Isso pode ser observado até mesmo nas obras de Tenório, em que palavras de origem africana são mencionadas apenas em relação às entidades ou elementos das religiões de matriz africana. Outro fator que contribui para esse apagamento relacionado à linguagem é a ausência de autores negros no cânone literário. Quando esses autores estão presentes, como Machado de Assis e Mário de Andrade, frequentemente são embranquecidos pela historiografia literária.

Essa exclusão de vozes negras reflete um projeto histórico de silenciamento, vinculado à colonização e ao racismo estrutural. Assim, observa-se que esse apagamento não se deu somente no campo literário, mas é também retrato de uma sociedade que, de forma violenta, criou estereótipos como o da incapacidade, relegando o sujeito negro à inexistência. Sobre essa questão, Nascimento (2019) afirma que a única atividade literária possível para africanos era de caráter anônimo e impessoal, geralmente ligada à continuidade da tradição africana de narrar, ou seja, à tradição oral, como contos, adivinhações, versos, provérbios, sátiras, enigmas e

desafios. Essas práticas preservavam e transmitiam a história dos povos africanos, suas lendas e mitos religiosos. Entretanto, como já mencionado, os ataques às línguas africanas dificultaram esse processo.

Fato é que não se pode culpar os escritores da contemporaneidade por escreverem em língua portuguesa, pois essa é a língua materna do Brasil. A crítica recai sobre a violência do colonizador que apagou tão completamente as línguas africanas que, mesmo na literatura negra atual, é possível observar apenas resquícios dessa identidade para além dos rituais. Há, obviamente, um ou outro poema escrito por autor negro, como Domício Proença, que emprega palavras de origem africana, mas cuja compreensão, para leitores não iniciados, requer o auxílio de um dicionário.

Sobre esse tema, Sueli Carneiro (2023), em seu livro **Dispositivo de racionalidade**, aborda como a desumanização da população negra na sociedade brasileira se expressou primeiramente com a tentativa da Igreja Católica de condená-la, seguida pela imposição do racismo científico e de outras teorias que justificavam a ideia de inferioridade do negro. Posteriormente, essa desumanização foi reforçada por meio de práticas educacionais que visavam a excluir ou conter a população negra, além de assimilá-la aos conhecimentos eurocêntricos. Essa dinâmica é evidente ao longo da história da literatura brasileira, desde o Barroco até o Modernismo.

Quanto à questão educacional, Carneiro (2023) destaca que o estereótipo do “negro sem alma” foi uma das justificativas para a exclusão de crianças negras das escolas brasileiras. De acordo com a Igreja Católica, representada pelo Papa e pela Companhia de Jesus, a educação de crianças negras era inconcebível, tendo em vista que elas não poderiam ser educadas por não terem alma.

Outro estereótipo relacionado ao negro nesse processo cultural é a ideia do “negro verdadeiro”. O “negro verdadeiro”, para o colonizador, era o alegre, brincalhão, infantil e festeiro. Nesse sentido, o negro era uma espécie animalizada, bem semelhante a uma criança que não deve receber o mesmo tratamento que um adulto, pois é inferior a ele. De forma análoga, o negro é inferior ao branco e não deve ser tratado da mesma forma, pois é dominado pelos seus instintos (Carneiro, 2023).

Em **O avesso da pele**, a família de Juliana, namorada de Henrique, exemplifica esse tipo de estereótipo por meio do tratamento dispensado ao personagem. Eles acreditavam que Henrique deveria aceitar, de forma leve, brincadeiras de cunho racista, ignorando seu potencial ofensivo. O mesmo ocorre com a figura de Macunaíma, personagem do livro homônimo de

Mário de Andrade. Macunaíma é infantil, alegre e impulsivo, o que até mesmo configura um entendimento de que suas atitudes não são motivadas tanto por maldade.

Ao mencionar Mário de Andrade, é interessante o enfoque para um outro extremo do colonialismo, que é a era Moderna. No Modernismo, especialmente aquele da Semana de 1922, a cultura negra tem papel central na literatura brasileira e em outras formas de arte, entretanto, isso se dá de forma exótica ou folclórica. Um exemplo disso é que, mesmo abordando os símbolos nacionais da cultura negra, como o samba, as obras não abordavam o protagonismo negro de uma forma realmente positiva, mas ainda carregada de estereótipos, como as ideias de feiura, incapacidade e desonra.

Na contemporaneidade, nota-se que há surgimento de movimentos literários e culturais que começam a ocupar espaço de fala e representação, a exemplo de Conceição Evaristo, Itamar Vieira Júnior e Jeferson Tenório. Em seu livro **A sociedade desigual**, Mário Theodoro (2022) aponta que uma mudança na nação brasileira se dará com o protagonismo da população negra como um segmento catalisador de transformações necessárias para que a sociedade se torne mais justa e democrática.

Nesse contexto, não se pode ignorar o papel da literatura relacionado a essa transformação social, tendo em vista que a literatura pode ser lida como um reflexo da história, mas também como uma ferramenta de resistência às narrativas brancas hegemônicas. Dessa forma, é primordial o protagonismo negro nas artes, principalmente na literatura. Um exemplo contemporâneo é a questão do contínuo genocídio dos negros de forma institucionalizada, na figura dos órgãos policiais. O caso de George Floyd, nos Estados Unidos, ou o do jovem Marcelo Amaral, atirado de uma ponte por um policial militar em dezembro de 2024, não são situações isoladas como tentam propagar. No século XXI, o racismo ainda faz parte da sociedade, assumindo diversas facetas.

Na literatura, isso é retomado de forma crítica quando Conceição Evaristo (2014) escreve, em **Olhos d'água**, histórias como a de Zaíta, vítima de “bala perdida” em um confronto policial, um paralelo com casos reais como o da menina Ágatha Félix. Chama a atenção que essa bala nunca atravessa pessoas brancas, em bairros nobres; a vítima é sempre uma pessoa negra e da periferia, homens trabalhadores, mães e donas de casa, crianças e adolescentes no começo da vida. Infelizmente, esta não é a única forma de violência que atenta contra essas vidas.

Na obra **O beijo na parede**, por exemplo, Jeferson Tenório mostra como João, uma criança negra, é exposta a uma vida degradante após a perda dos pais e o quanto o Estado é omissivo em relação ao que ocorre com ele, assim como com várias outras crianças no Brasil.

Essa é uma temática também presente em **Capitães da areia**, de Jorge Amado (2008). O Estado tem não somente uma política de morte, mas também de omissão àquilo que aflige a população negra. Por isso, movimentos como o *Black Lives Matter*, entre outros, são tão importantes para a luta antirracista e para a valorização da cultura e da identidade negra.

Observa-se que essa resistência tem assumido certo protagonismo quando, em 2024, os dois temas de redação do Enem abordam a temática da valorização cultural africana. Na primeira aplicação, o tema foi “Desafios para valorização da herança africana no Brasil”; já na segunda aplicação, o estudante deveria dissertar sobre os “Desafios para valorização da arte de periferia no cenário cultural brasileiro”. Apesar de, nos últimos anos, tais temáticas terem sido, em certa medida, relegadas, em razão do contexto político de extrema-direita, com a mudança no panorama político, as políticas públicas e os movimentos políticos têm contribuído para uma maior visibilidade dessas questões. Como os temas mencionados acima indicam, ainda há resistência e inúmeras dificuldades na implementação e na valorização da herança africana no Brasil. Isso inclui o reconhecimento da literatura negra contemporânea como digna de respeito e protagonismo. Um exemplo disso são os ataques direcionados às obras de Jeferson Tenório, quando, em contrapartida, há livros com temáticas muito mais sexualizadas de autores brancos dentro das escolas públicas.

O que ocorre aqui é o que o próprio Jeferson Tenório comentou em uma de suas postagens: há uma tentativa de apagamento da verdadeira temática de suas obras, que é a problematização do racismo no Brasil. Em um país onde parte da sociedade adere às ideologias da extrema-direita, formas de preconceito e violência contra as minorias sociais são frequentemente naturalizadas. Além disso, há uma política de ódio contra tudo aquilo que é produzido por essas camadas da sociedade, reforçando estereótipos e ideias, principalmente, voltados à sexualidade.

Por isso, o ensino básico deve buscar inserir mais a literatura negra em seu currículo. Atualmente, obras de autoras como de Conceição Evaristo e Maria Firmina dos Reis ainda estão predominantemente restritas ao ambiente universitário. Incorporá-las à educação básica é essencial para reforçar a história e a cultura negra não apenas no meio acadêmico, mas desde a base escolar, permitindo que a sociedade reconheça nas artes e na história a sua importância. Esse movimento pode contribuir para a inclusão de autores negros no cânone literário, ampliando seu papel na construção de uma educação mais representativa no futuro.

A cartografia proposta nesta dissertação não pôde ser feita de forma completamente detalhada, tendo em vista que o mapeamento da presença negra na literatura brasileira ainda está em construção, assim como os processos de valorização do negro na sociedade e de luta

contra o racismo. No entanto, o que se atesta aqui é que, historicamente, tanto na sociedade quanto na literatura, há uma influência das questões raciais. Superar essas desigualdades demanda que o negro seja protagonista não só das obras literárias, mas também do processo de fazer literatura. Assim, a sociedade poderá não apenas valorizar todas as partes de sua história, mas também combater o racismo e todas as formas de preconceito e violência.

3.1 DE OBJETO A SUJEITO: uma mudança na história social

De acordo com Proença Filho (2004), há na literatura duas abordagens quanto à representação do negro: como objeto ou como sujeito. Na primeira, predomina uma visão distanciada e estereotipada, enquanto a segunda se compromete com a transformação. Dessa forma, ao se traçar um breve panorama⁶ da literatura brasileira, constata-se que a presença do negro é rara e, por vezes, marcada por estereótipos, tanto na condição de objeto da literatura (literatura sobre o negro) quanto na de sujeito da escrita literária (literatura do negro), como é o caso das obras de Jeferson Tenório.

Inevitavelmente, construções históricas como a colonização e o período escravocrata contribuíram para esse cenário, tendo em vista que parte dessa exclusão se dá devido à visão construída sobre o negro como força braçal. Por esse motivo, não se pode trabalhar a literatura sem considerar o contexto histórico e social. Assim, nessa seção, será apresentado um percurso literário que discute não apenas a representação do negro, mas também os estereótipos a ela associados, em diálogo com questões sociais e históricas.

Destaca-se, inicialmente, a posição de objeto, conforme apontado por Proença Filho (2004), como um tipo de produção literária dominada pela estética branca, carregada de ideologias e estereótipos sobre os negros, seus descendentes e quaisquer aspectos vinculados a eles. Para compreender essa abordagem, torna-se essencial discutir o conceito de estereótipo, o que possibilitará uma análise crítica sobre a forma como o negro foi retratado em diferentes períodos literários.

Antes de conceituar o termo “estereótipo”, Stuart Hall (2016) argumenta que as noções ocidentais sobre “raça” e as diferenças raciais surgiram a partir de três momentos: o contato dos europeus comerciantes com os africanos, a colonização da África e as migrações pós-Segunda Guerra Mundial para a Europa e para a América. No primeiro momento, os africanos

⁶ Não há a intenção de oferecer um panorama completo da vasta literatura brasileira. Pelo contrário, a proposta é apenas demonstrar como ocorreu a mudança na representação do negro na literatura, apresentando pelo menos um representante de cada período literário que abordou essa temática.

foram associados à figura de Cam, personagem bíblico amaldiçoado pelo próprio pai a viver uma vida sendo servo dos seus irmãos.⁷

Bosi (1996) aponta que o destino da descendência de Cam era considerado irreversível, estendendo-se a todo o povo africano, descrito como negro e destinado à escravidão. Assim, a explicação para a escravidão foi uma punição do patriarca salvo do dilúvio, o que futuramente serviu para a teologia católica e protestante como justificativa para a exploração colonial. Essa teoria foi confirmada pelo próprio Iluminismo, que os caracterizava como bárbaros. Hegel inclusive declarou que a África não fazia parte da história do mundo por não ser uma região desenvolvida.

O segundo momento foi formulado por oposições de caráter biológico, intelectual e corporal, com extremos que atestavam uma diferença absoluta entre negros e brancos. Exemplos disso incluem a associação do ideal de civilização ao branco e da selvageria ao negro. Além disso, a diferença racial era atribuída a uma preguiça inata — negros seriam “nascidos para a escravidão, mas indispostos ao trabalho” — assim como ao *status* subordinado que lhes era imposto. Somava-se a isso a ideia de uma suposta falta de cultura, usada para reforçar a alegada inaptidão dos negros para várias questões. Posteriormente, a redução dos negros a características físicas — como lábios grossos, cabelos crespos, rostos e narizes largos — consolidou esses estereótipos (Hall, 2016).

Por último, no final do século XX, algumas ideias foram sendo transformadas com o avanço da abolição em alguns contextos. No entanto, mesmo os discursos que defendiam a humanidade dos negros não conseguiram mascarar por completo a perspectiva dos brancos. Um exemplo disso é a permanência de formulações desde a colonização, em que os negros são postos como preguiçosos, infiéis, tolos, malandros e infantis, características atribuídas à raça. Esses estereótipos continuam presentes, inclusive no discurso brasileiro contemporâneo.

De acordo com Hall (2016), em um estudo de Donald Bogle (1973), os “bons negros” eram aqueles que, mesmo diante da agressão, se mantinham fiéis aos senhores brancos. Já os “malandros” eram os loucos, suspeitos, sub-humanos e inúteis, retratados como indivíduos que só comiam, falavam errado e roubavam galinha. A figura da “mulata” era associada à mulher de raça mista, ardente e sensual, considerada aceitável por ter sangue branco, mas, ao mesmo tempo, suja por ter sangue negro, sendo usada apenas para satisfação sexual. As “mães pretas” ou domésticas eram representadas como mulheres grandes, gordas, mandonas, devotadas aos seus senhores, mas intratáveis com seus maridos, que geralmente eram postos como

⁷ Gênesis 9:22-26

preguiçosos que só ficavam em casa dormindo. Por fim, os “mal-encarados” eram os grandes, fortes e violentos, que agrediriam os brancos por um suposto desejo de vingança.

Esses estereótipos, segundo Hall (2016), são formas de reduzir as pessoas a algumas características simples e que são postas como fixas por natureza, como é o exemplo do estereótipo do negro “bom de cama”. Verifica-se que, além de abstrair uma característica simplista, essa delimitação é colocada de forma exagerada para naturalizar e fixar a diferença entre aqueles que são vistos dentro do padrão da normalidade social e dos que não são vistos como normais, ou seja, aqueles que serão excluídos.

Nesse sentido, a estereotipagem fixa e exclui tudo aquilo que não lhe pertence, estabelecendo uma ordem social e simbólica que diferencia o normal do pervertido, o que pertence e o que não pertence, o aceitável e o inaceitável, ou seja, brancos (eu) e negros (outro), sendo estes vistos como perigosos, contaminados e “forasteiros”. Além disso, ela ocorre em lugares onde existe desigualdade de poder, tendo em vista que o padrão do que é normal e aceitável é proposto pelo grupo dominante que escolhe e molda a sociedade de acordo com sua perspectiva, tornando tudo uma hegemonia que parece natural e inevitável (Hall, 2016).

Para exemplificar essas formulações, basta refletir sobre a construção da imagem do homem e da mulher negros no Brasil. Enquanto o sujeito branco é dotado de características e comportamentos dentro da normalidade — conceito que ele mesmo criou —, o negro é fixado por estereótipos, ou seja, ideias preconcebidas e colocadas como verdade para destacar sua desumanização, como o aspecto sexual selvagem, a infantilidade, a maldade e a tendência para coisas ruins, a exemplo da agressividade. Dessa forma, quase toda a sociedade é envolvida pela imposição do grupo dominante, acreditando na veracidade dessa ideia, o que configura uma violência simbólica.

Outrossim, Hall (2016) explica que os estereótipos são aceitos por meio do poder que detém força cultural, econômica e política. A imposição de algo não ocorre apenas por meio da violência física, mas também de restrições econômicas e da produção de conhecimento e de cultura. Por essa razão, muitos estereótipos são aceitos desde a infância porque são ensinados na própria escola, como veremos no panorama literário a seguir.

O primeiro papel do negro na literatura surge ainda no século XVII, nos versos do poeta do Barroco popularmente conhecido como “Boca do inferno”. Gregório de Matos inicia a literatura brasileira escrevendo sátiras, entre as quais está uma direcionada aos negros, mestiços e mulatos, inferiorizando-os e destacando sua ojeriza em relação a eles:

Que falta nesta cidade?... Verdade.

Que mais por sua desonra?... Honra.
Falta mais que se lhe ponha?... Vergonha.

O demo a viver se exponha,
Por mais que a fama a exalta
Numa cidade onde falta
Verdade, honra, vergonha.

Quem a pôs neste rocrócio?... Negócio.
Quem causa tal perdição?... Ambição.
E a maior desta loucura?... Usura.

Notável desventura
De um povo néscio e sandeu
Que não sabe que o perdeu
Negócio, ambição, usura.

Quem são seus doces objetos?... Pretos.
Tem outros bens mais maciços?... Mestiços.
Quais destes lhe são mais gratos?... Mulatos.

Dou ao demo os insensatos,
Dou ao demo a gente asnal,
Que estima por cabedal
Pretos, mestiços, mulatos (Matos, 2013, p. 205-206).

A alcunha dada a Gregório de Matos já especifica o caráter crítico e desafiador de sua escrita, com a qual atacou até mesmo a Igreja Católica. Nesse sentido, não se pode descaracterizar o teor racial de sua escrita. Ao escrever os versos acima, o poeta exterioriza não só seu desafeto pelos negros e seus descendentes como também por aqueles que mantêm com eles qualquer tipo de relação ou afeto. É esse o início da visão deturpada sobre o negro que irá prevalecer por séculos.

A respeito desse período, Juliana Munõz (2019) aponta que, no período da colonização, a hierarquização racial foi determinante para o branco se firmar como exemplo de cultura e de civilização, o que proporcionou a criação de uma imagem inferior do indígena e do negro. Não só ao homem negro foram destinados os estereótipos, mas também à mulher negra. Desde o Barroco, nas raras vezes em que aparece, ela é também alvo de tais construções, como se observa no poema de Gregório de Matos:

Indo o poeta passear pela ilha da cajaiba, encontrou lavando roupa a mulata Annica e lhe fez este romance.

Achei Anica na fonte
lavando sobre uma pedra
mais corrente, que a mesma água,
mais limpa, que a fonte mesma.

[...]
 Conchavamos, que eu voltasse
 na segunda quarta-feira,
 que fosse à costa da Ilha,
 e não pusesse o pé em terra,
 Que ela viria buscar-me
 com segredo, e diligência,
 para na primeira noite
 lhe dar a sacudidela.
 Depois de feito o conchavo
 passei o dia com ela,
 eu deitado a uma sombra,
 ela batendo na pedra.
 Tanto deu, tanto bateu
 co'a barriga, e co'as cadeiras,
 que me deu a anca fendida
 mil tentações de fodê-la [...] (Matos, 2013, p. 205-206).

No poema acima, o eu lírico sexualiza o corpo feminino mulato, iniciando uma das qualificações sobre as quais Gonzalez (2020) disserta: a da mulata como símbolo sexual. A palavra “mulato” era utilizada inicialmente para fazer referência àqueles que eram filhos de indivíduos pretos e brancos. Entretanto, como pode ser observado no poema, o homem branco de uma sociedade tradicional atribuiu um novo significado à palavra: o de objeto sexual. Já no Arcadismo, Alvarenga Peixoto também escreve sobre o negro, no entanto, observa-se uma certa simpatia que não se encontra relatada nos outros autores brancos da época.

Estes homens de vários acidentes,
 pardos e pretos, tintos e tostados,
 são os escravos duros e valentes,
 aos penosos trabalhos costumados:
 Eles mudam aos rios as correntes
 rasgam as serras, tendo sempre armados
 a pesada alavanca e duro malho
 os fortes braços feitos ao trabalho (Peixoto, 2020, p. 172).

Nesse trecho, é possível perceber a posição de escravidão e o trabalho servil realizado pelos negros no processo de busca por minérios como o ouro. Apesar de ser um poema que não faz severas críticas aos negros, é um texto que propaga alguns estereótipos e ideias de cunho preconceituoso, como se pode observar com o uso do adjetivo “tostados” para ressaltar a cor do negro e com “os fortes braços feitos ao trabalho”, ideia que até hoje é usada como justificativa para a escravização dos negros, pois eles seriam geneticamente fortes e capazes de desempenhar esses papéis.

Pelo contexto de produção da literatura árcade, que tinha intenções bem características e pontuais como a busca do natural e a escrita de temas bucólicos, não se vê o negro aparecendo nas produções literárias, seja como tema ou autor. Salvo Domingos Caldas Barbosa — autor árcade filho de português e de uma mulher escravizada —, que escreve sátiras com traços de oralidade destinadas à Corte Portuguesa (Cruz, 2019). Mesmo sendo um autor elogiado anos depois por Manuel Bandeira, Caldas Barbosa não figura na lista de árcades reconhecidos pela academia e por estudos como o de Bosi (2017), no livro **História Concisa da Literatura Brasileira**.

Por este estudo se concentrar na questão de representação do negro na literatura é que não vamos nos aprofundar na escrita de Caldas Barbosa, mas aqui vale a menção a esse autor que, em meio à escrita predominantemente branca, se fez poeta, crítico e músico, mesmo diante de empecilhos ou nomenclaturas como “Caldas de Cobre”, apelido dado devido ao tom escuro de sua pele, como pontua Adécio Cruz (2019).

O Romantismo brasileiro, dividido em três gerações, também apresenta alguns textos que colocam o negro nesse lugar de objeto, com reprodução de alguns estereótipos. De acordo com Muñoz (2019), Gonçalves de Magalhães iniciou o movimento com a publicação de **Suspiros Poéticos e Saudades**, em 1836, apresentando o escravo de forma melancólica e sofredora no poema “As saudades”. Ele destaca a recordação de um passado na terra mãe, a violência com que foi tirado de lá e a ganância do homem:

Oh terra do Brasil, terra querida,
quantas vezes do mísero Africano
te regaram as lágrimas saudosas?
Quantas vezes teus bosques repetiram
magoados acentos
do cântico do escravo,
ao som dos duros golpes do machado (Magalhães, 1836, p. 132)?

Nesse trecho do poema, pode-se notar a evocação da condição desumana e de sofrimento que o afrodescendente vivia no país. A utilização do adjetivo “africano” pode, inclusive, destacar esse distanciamento e incompreensão ou até mesmo a não aceitação de que o negro nascido aqui na condição de escravo seja também parte dessa nação. Outro nome importante da literatura brasileira do século XIX é Gonçalves Dias, o qual, segundo Alfredo Bosi (2017), foi o primeiro poeta autêntico a surgir no Romantismo. Na prosa poética **Meditação**, Gonçalves Dias apresenta o seguinte cenário:

E os homens, que se haviam congregado para perfazerem a obra da redenção, dividiram-se depois da lide em massas poderosas, não segundo a diversidade das opiniões, porém segundo a variedade das cores. E estas grandes divisões formavam o concílio do povo, que discutia os seus interesses. E os homens que costumam raciocinar sobre as coisas, como elas são e não como devem ser, levantaram-se e disseram: “Os homens de cor preta devem servir, porque eles estão acostumados à servidão de tempos mui remotos, e o costume é também lei”. E os filósofos disseram: “Os homens de cor preta devem servir, porque são os mais fracos, e é lei da natureza que o mais fraco sirva ao mais fortes”. E os proprietários disseram: “Os homens de cor preta devem servir, porque são o melhor das nossas fortunas, e nós não havemos de as desbaratar”. Então alevantou-se um acalorado rumorejar de vozes, e todos concordaram que a voz dos filósofos e a dos proprietários era a voz da razão e da justiça e devia ser escutada. E os homens de cor branca também se levantaram e disseram: “Nós constituímos a maioria da nação e somos dentre todos os mais ricos”. “Fomos nós os autores da regeneração política, e a inteligência é o nosso apanágio”. “Ora é lei da natureza que a alma governe o corpo; e que a sabedoria governe a ignorância”. “Nós então ficaremos com o poder, porque somos os mais ricos e os mais inteligentes”. E os homens da mesma classe disseram que tinham bem falado seus irmãos, e que a sua pretensão era justa e devia ser atendida (Dias, 1868, p. 97-99).

Há nesse trecho uma passagem a respeito da escravidão no contexto de Independência do Brasil em que é possível observar as justificativas de vários grupos da sociedade, formados por homens brancos, para a manutenção da escravidão, dentre as quais se encontram os estereótipos de inferioridade intelectual, a servidão nata e a própria ideia de que os mais fracos devem se sujeitar aos mais fortes — proposta pela teoria da seleção natural —, pois esta seria a determinação da natureza. Outra perspectiva se tem em José de Alencar, na obra **O demônio familiar**, a qual apresenta Pedro como “moleque”, “azougue⁸” e “brejeiro⁹”:

Eduardo: Pedro!... Moleque!... O brejeiro anda passeando, naturalmente! Pedro!
 Carlotinha: (entrando) O que quer, mano? Pedro saiu.
 Eduardo: Onde foi?
 Carlotinha: Não sei.
 Eduardo: Por que o deixaste sair?
 Carlotinha: Ora! Há quem possa com aquele moleque? É um azougue; nem a mamãe tem respeito.
 Eduardo: Realmente é insuportável; já não posso aturar (Alencar, 1900, p. 6).

Os adjetivos de conotação negativa buscam classificá-lo como atrevido, vadio e demônio, estereótipos que são até a contemporaneidade destinados a pretos, inclusive crianças. Bosi (2017) destaca que a obra é composta por um escravo enredador e ambicioso de mau

⁸ Um dos significados atribuídos a esse vocábulo é o de pessoa de muita vivacidade e inquietude.

⁹ Quem tem como características a simpatia, a vivacidade e, por vezes, certa malícia, podendo ser um gozador ou brincalhão.

caráter pivô dos problemas em uma família de bem. Além disso, colocando de uma forma contrária ao que essa pesquisa aponta, o teórico afirma que não se pode forçar a nota do preconceito, ao menos enquanto consciente. No entanto, o autor coloca Pedro dentro do estereótipo do negro infantilizado, o que confirma um teor preconceituoso e estrutural da época, como é proposto por Ferreira, Roque e Taufer: “Dentro da obra, ainda é mostrado como toda ação de Pedro pressupõe a tutela de seus senhores. De modo que fica implícito como suas imprudências são de personalidade própria, resultado de uma natureza impassível de controle, cabendo, então, àqueles com mais ‘sabedoria’ ensiná-lo” (2023, p. 6).

A figura do branco como salvador e a do negro como esse ser imprudente e, em certo sentido, ambicioso não são retratadas apenas por José de Alencar, como se observou acima, mas também por Joaquim Manuel de Macedo em diversos livros, dentre eles **As vítimas algozes**. Nesse romance abolicionista¹⁰, diversas narrativas são contadas para pregar a liberdade aos negros em favor dos patrões, que corriam risco de vida por estarem na presença de seres tão perversos como os negros escravizados. Dentre essas histórias, está a de Simeão:

Simeão foi o mais ingrato e perverso dos homens. Pois eu vos digo que Simeão, se não fosse escravo, poderia não ter sido nem ingrato, nem perverso. Há por certo alguns homens livres que são perversos; exemplo: o Barbudo. Essa perversidade é, porém, uma exceção no homem livre. Entre os escravos a ingratidão e a perversidade fazem a regra; e o que não é ingrato nem perverso entra apenas na exceção. Porquanto, e todos o sabem, a liberdade moraliza, nobilita, e é capaz de fazer virtuoso o homem. E a escravidão degrada, deprava, e torna o homem capaz dos mais medonhos crimes. A lei matou Simeão na forca. A escravidão multiplica os Simeão nas casas e fazendas onde há escravos. Este Simeão vos horroriza?... Pois eu vos juro que a forca não o matou de uma vez; ele existe e existirá enquanto existir a escravidão no Brasil. Se quereis matar Simeão, acabar com Simeão, matai a mãe do crime, acabai com a escravidão. A forca que matou Simeão é impotente, e inutilmente imoral. Há só uma forca que vos pode livrar dos escravos ingratos e perversos, dos inimigos que vos cercam em vossas casas. É a forca santa do carrasco anjo: é a civilização armando a lei que enforque para sempre a escravidão (Macedo, 2020, p. 41).

Simeão é retratado como perverso — um dos maiores estereótipos destinados a homens pretos — por conta da escravidão. O narrador ainda destaca que perversidade e ingratidão são as regras de homens e mulheres escravizados, ou seja, a abolição deveria acontecer não porque os negros viviam em um regime servil, opressor e desumano, mas porque esse regime poderia

¹⁰ Nomenclatura atribuída aos romances produzidos com a finalidade de libertação dos escravizados, porém, pensando no bem dos senhores brancos que estariam com a vida em risco.

trazer riscos aos senhores por esses servos não compreenderem como as coisas devem funcionar.

Em nenhum momento, o narrador levanta a discussão de que as ações dos senhores de eram perversas, o que demonstra esse caráter de dominação e justificativas parciais. Pelo contrário, os senhores são apresentados como pessoas boas que estavam dando oportunidade para Simeão ser diferente dos outros escravizados. Dessa forma, confirma-se os estereótipos de que o negro é motivado pelo desejo de vingança e pela desonestidade; em contrapartida, os brancos são caracterizados como repletos de boas intenções.

Ainda no Romantismo, Bernardo Guimarães publica **A escrava Isaura**, que anos depois foi adaptado para a televisão. Nessa obra, a protagonista é estereotipada dentro da perspectiva do escravo nobre, sendo “quase branca” e “quase da família”, ou seja, alguém que passou pelo processo de branqueamento. Entretanto, mesmo sua aparência lhe permitindo certos acessos e hierarquização por conta da cor de pele mais clara, ela ainda é alvo da ideia de raça inferior, pois biologicamente ainda é mestiça, como exemplificam Ferreira, Roque e Taufer (2023, p. 9):

Nesse romance, Ester adota a pequena escrava Isaura, criança que muito cedo ficara órfã de mãe devido aos abusos de seu senhor. Mesmo sendo comparada a um anjo de pura bondade, Ester mostra que a adoção de Isaura é expressão do capricho de seu arbítrio: “As velhas, umas dão para rezar, outras para ralhar desde a manhã até à noite, outras para lavar cachorrinhos ou para criar pintos; esta deu para criar mulatinhas princesas” (Guimarães, 2013, p. 7).

Da mesma forma que ocorre em **As vítimas algozes**, os senhores de Isaura são retratados como brancos benevolentes e generosos, mesmo sendo escravagistas, a exemplo de Malvina e Ester. Vale ressaltar que esse branqueamento de Isaura, assim como o de diversos outros indivíduos, se deu pelo processo de força e de estupro do corpo negro feminino identificado como objeto de fetiche.

Ao adentrar no Realismo brasileiro, destaca-se Aluísio Azevedo com suas obras **O cortiço** (2000), **Casa de pensão** (1989) e **O mulato** (2003). Em cada uma dessas obras, o autor tipifica o negro dentro de alguns estereótipos, como o da negra sexualizada, símbolo de sensualidade e da perversão sexual, representado por Rita Baiana, em **O cortiço**, e pelas negras mucamas e mulatas de **Casa de pensão**. As negras, em **Casa de pensão**, são representadas como imorais, sensuais e ludibriadoras, que pervertem o jovem branco. Da mesma forma, ocorre essa representação com Rita Baiana:

Ela saltou em meio a roda [...] numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante, [...] ninguém como Rita, só ela, aquele demônio, tinha o mágico segredos daqueles movimentos de cobra amaldiçoada, aqueles requebros que não podia ser sem o cheiro que a mulata soltava de si sem aquela voz doce, quebrada, harmoniosa suplicante, meiga e arrogante (Azevedo, 2000, p. 53).

Esse tipo de representação evidencia a ideia de que os instintos do negro são animalescos, resultando em uma identidade sem moral e com riscos de perverter os brancos. Além disso, personagens como Bertoleza e Firmo também são estereotipados e desaparecem da narrativa representando a vitória do discurso determinista (Duarte, 2013). Já em **O mulato**, é ilustrada a vida de Raimundo, filho de português e de uma mulher escravizada.

Diante de uma sociedade conservadora e racista como a de São Luís, Raimundo nega a sua identidade até ser confrontado sobre sua origem. Mesmo sendo formado em Direito, prestigiado social e intelectualmente, a condição de mulato continua a ser vista como inferior pela sociedade maranhense. Isso atinge o clímax quando ele é impedido de ficar com a mulher que ama, Ana Rosa.

A figura de Raimundo encarna o estereótipo do negro benevolente e, sobretudo, simboliza o ideal de uma sociedade miscigenada que culminaria no branqueamento da população — tese amplamente difundida e defendida em massa no Brasil. Assim como em **O cortiço**, Raimundo também sucumbe ao determinismo social que rege o Maranhão, um destino que, talvez, fosse diferente em uma sociedade mais liberal como o Rio de Janeiro, conforme assinala Jean Mérian (2008).

Apesar de as obras mencionadas de Aluísio Azevedo estarem inseridas também dentro do contexto do Naturalismo, cabe aqui destacar a atuação literária de Adolfo Caminha (2009) em **O bom crioulo**. Nessa obra, o protagonista é composto com base no estereótipo da animalidade atribuída ao negro e sua suposta perversão natural. De acordo com Mérian (2008), Amaro — o bom crioulo — é vítima da sua condição racial e representa a primeira figura de um homossexual perverso e assassino na literatura brasileira.

A expressão usada tanto para dar título à obra quanto para denominar Amaro carrega o sentido estereotipado de que o negro, por essência, não é bom — o que acaba por ser “comprovado” ao final do livro — e que apenas aqueles que exibem características atribuídas ao branco, como a benevolência, podem ser considerados “bons”, pois constituem uma exceção.

No período parnasiano, um dos maiores destaques é Olavo Bilac, o príncipe dos poetas parnasianos. Algumas das produções de Bilac se destinam ao público infantil, como o poema

“Os reis magos”, que traça uma dicotomia entre o branco e o preto dentro do contexto do nascimento de Jesus.

[...]

Avistando-a, os três Reis Magos
Disseram: “Nasceu Jesus!”
Olharam-na com afagos,
Seguiram a sua luz.

E foram andando, andando,
Dia e noite a caminhar;
Viam a estrela brilhando,
sempre o caminho a indicar.

Ora, dos três caminhantes,
Dois eram brancos: o sol
Não lhes tisonara os semblantes
Tão claros como o arrebol

Era o terceiro somente
Escuro de fazer dó...
Os outros iam na frente;
Ele ia afastado e só.

Nascera assim negro, e tinha
A cor da noite na tez:
Por isso tão triste vinha...
Era o mais feio dos três!

[...]

Ajoelharam-se, rezaram
Humildes, postos no chão;
E ao Deus-Menino beijaram
A alva e pequenina mão.

E Jesus os contemplava
A todos com o mesmo amor,
Porque, olhando-os, não olhava
A diferença da cor... (Bilac, 1904, p. 22).

É preciso destacar dois aspectos nesse poema. O primeiro é o teor comparativo, que expõe o contraste entre o negro — representado como feio, triste, escuro e solitário —, e o branco, considerado tão iluminado quanto o sol, belo, puro e superior. Ademais, o eu-lírico reconhece que, apesar dessas dicotomias, há uma única figura capaz de ignorar tais discrepâncias por ter muito amor: Jesus. Ou seja, apenas um ser superior consegue enxergar todos como iguais.

No Simbolismo, entretanto, Cruz e Sousa emerge mudando o panorama ao criticar suposta superioridade do branco e os valores da civilização europeia (Mérián, 2008). Embora outros escritores negros já estivessem em atividade, nenhum alcançou o mesmo empenho e reconhecimento de Cruz e Sousa em confrontar ideologias e estereótipos raciais. Para exemplificar sua produção poética, observa-se o seguinte poema:

Da Senzala...

De dentro da senzala escura e lamacenta
Aonde o infeliz
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada
Alegre e sem rancor,
Porém que foi aos poucos sendo transformada
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala
Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...
e sim um assassino! (Cruz e Sousa, 1993, p. 9).

É importante notar que esse poema apresenta um cenário semelhante àquele presente em **As vítimas algozes**, de Joaquim Manuel de Macedo. Aqui também há uma evocação das consequências da escravidão. Contudo, não se observa uma defesa ou exaltação do senhor branco, mas apenas uma reflexão sobre o impacto transformador do processo escravocrata no negro. Aquele que antes era alegre e sem rancor é agora transformado pela escravidão, tornando-se um ser privado de perspectivas e felicidade.

Ao adentrar no Modernismo, destaca-se Lima Barreto, reconhecido por seus romances sociais que refletem contexto de sua vida como homem pobre e negro no Rio de Janeiro (Bosi, 2017). Sua obra está repleta de pessoas do subúrbio e descrições de lugares e pessoas que vivem em condições de extrema pobreza. De acordo com Octavio Ianni (1988), Lima Barreto apresenta em seus textos a problemática do negro, seus sentimentos e situações de desconforto, consolidando-se como um nome importante da literatura negra.

De acordo com Eduardo Duarte (2013), em **Clara dos Anjos** (1995), de Lima Barreto, é apresentada uma ojeriza ao racismo, evidenciando a discriminação racial e a falta de mobilidade social como ferramentas para impedir que negros e pobres saíssem da pobreza. De

forma semelhante, em **Recordações de Isaías Caminha** (2004), o autor apresenta o negro livre de estereótipos e aborda as desigualdades raciais presentes no período pós-abolição.

Por outro lado, Monteiro Lobato, um dos maiores escritores de literatura infantojuvenil, registrava em seus livros aspectos racistas, como o que é narrado em **A menina do narizinho arrebitado** (1920). Logo no início da obra, a personagem Anastácia é comparada constantemente aos brancos da família e descrita como uma excelente “negra de estimação”. Em um contexto de pós-abolição, diferentemente de Lima Barreto, o narrador de Lobato utiliza descrições pejorativas — como “negra de estimação” — que são tomadas como possíveis elogios. Além disso, na obra **Negrinha** (2012), também de Lobato, é possível constatar o preconceito racial no contraste traçado entre a criança, filha de escrava, e a patroa:

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo. Ótima, a dona Inácia (Lobato, 2012, p. 14).

Os inúmeros adjetivos que caracterizam a personagem Negrinha, assim como o apelido que a identifica, desqualificam-na por sua condição de negra e filha de escravizados. Para a época, tal distinção era comum, tendo em vista que não se esperava nada de uma “mulata”, o que não se pode dizer da senhora branca, que era sempre benquista socialmente, mesmo maltratando a menina por ser “distinta” do ideal.

Posteriormente, na primeira fase do Modernismo, destaca-se Mário de Andrade — um negro de pele clara que nunca assumiu sua filiação afro —, o qual inaugura uma nova perspectiva sobre a identidade nacional em sua obra **Macunaíma**. Com um protagonista que nasce indígena e negro, é possível observar descrições como a feiura da negrura e a preguiça de até mesmo de falar:

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói da nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma. Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não

falando. Si o incitavam a falar exclamava: — Ai! que preguiça!... e não dizia mais nada (Andrade, 1978, p. 21).

O herói sem nenhum caráter se torna branco no seu deslocamento da selva até São Paulo. Como afirma Duarte (2013), o texto mostra seus fundamentos racistas ao transformá-lo através de uma espécie de banho — algo também buscado pelo irmão que quer ficar branco e bonito — e caracterizar a cor negra como defeito físico. Logo, observa-se que o primeiro romance modernista já coloca o negro nesse lugar de folclore, conceito de que o europeu também já se apropriava para representar o negro. Essa narrativa comprova a fixação da superioridade branca e da inferioridade negra. Assim, constata-se que a literatura brasileira até no Modernismo difundiu ideais racistas e segregadores, o que relegou ao negro um lugar de objeto mesmo quando era o protagonista da história.

3.2 O NEGRO POR SI: a escrita de resistência de homens e mulheres negros

A literatura negra não surge de um momento para outro, como ocorreu com a formação da literatura escrita por homens brancos, tampouco é autônoma desde o início, o que dificulta a elaboração de um panorama completo sobre ela. Nesse contexto, as definições propostas por Duarte (2013) e Ianni (1988) acerca do que constitui ou não literatura negra facilitam significativamente esse trabalho e contribuem para a disseminação da escrita literária negra. Todavia, antes de abordar esse assunto sobre a literatura negra, é essencial definir o termo e justificar a escolha de não adotar, neste trabalho, as nomenclaturas “afro-brasileira” ou “afrodescendente”.

Empregar o termo “afro” para designar a literatura negra brasileira implica relacioná-la diretamente à produção literária do continente africano, negligenciando o fato de que existe uma literatura essencialmente brasileira e negra. Apesar de a literatura negra brasileira incorporar palavras e aspectos culturais de negros africanos trazidos à força como escravizados, as temáticas abordadas em cada contexto são distintas. Por exemplo, o racismo brasileiro, frequentemente tratado na literatura negra do Brasil, não é tema abordado na literatura africana, pois não faz parte da realidade social daquele continente (Cutí, 2010).

Além disso, o uso dos termos “afro” ou “literatura africana” exige cautela, uma vez que a África é um continente composto por países com produções literárias próprias, assim como ocorre na América. Ademais, ser considerado “afro” não se restringe exclusivamente às pessoas negras, tendo em vista que há brancos africanos, os quais o racismo e a discriminação não

atingem. Já a palavra “negro” remete à existência daqueles que tiveram suas identidades violentamente apagadas e que, desde as lutas de resistência até a contemporaneidade, buscam reconstruí-las, pautando-se na luta por consciência racial (Duarte, 2019).

Dessa forma, o termo “negro” remete às reivindicações contra o racismo, ao passo que a expressão “afro-brasileira” se associa ao continente africano, que vive uma realidade muito distinta da brasileira. Aqueles que permaneceram na África não vivenciaram as mesmas experiências dos que foram forçados a sair, especialmente sob condições de violência que resultaram na perda de identidades culturais, linguísticas e pessoais. Nesse sentido, a literatura negro-brasileira emerge da população negra que foi retirada da África e se formou no Brasil (Cuti, 2010).

Para Duarte (2013), o lugar do negro como autor de literatura possui particularidades. Destacam-se nessa escrita alguns elementos que reafirmam a escrita negro-brasileira: a autoria, a temática, o ponto de vista, a linguagem e o público. Nesse sentido, a literatura negra é aquela desenvolvida por autor negro que escreve de forma assumida sobre seu grupo étnico-racial, discutindo questões do seu campo de vida, como a religião, a vida em sociedade e o racismo, seja de forma explícita ou não (Ianni, 1988).

Nesse viés, reafirmando a ideia de autoria, Duarte (2019) justifica a ideia da cor como primordial para caracterizar uma escrita, argumentando que ela remete à identidade e aos valores que transparecem na própria escrita. Contudo, não basta ser negro para ser produtor de uma literatura negra. As características fenotípicas precisam estar integradas ao discurso literário, ou seja, deve haver a fusão entre a escritura e a experiência de vida. Esse vínculo deve ser marcado por um compromisso identitário, seja ele comunitário ou pessoal, como ocorre em produções de caráter quase autobiográfico.

Um exemplo significativo é Carolina Maria de Jesus, escritora do século XX, cujas principais publicações incluem **Quarto de despejo**: diário de uma favelada, **Casa de alvenaria** e **Diários de Bitita**. O primeiro livro, reconhecido como *best-seller*, é um diário escrito entre 1955 e 1960, no qual Carolina narra sua indignação diante de um país que tolerava a falta de saneamento básico e a fome, problemas que assolavam principalmente a vida dos brasileiros na periferia. Uma outra particularidade de sua obra é a abordagem recorrente de situações de racismo e da visão preconceituosa que a sociedade construiu ao longo do tempo sobre as favelas e o povo negro, incluindo a própria autora.

Assim como Carolina Maria de Jesus, Geni Guimarães também incorpora aspectos autobiográficos em seus textos, além de uma escrita que expressa resistência cultural e política. Escritora do século XXI, publica tanto poemas quanto textos em prosa. Em seus poemas, há

uma afirmação da identidade negra, porém, é em sua prosa que os aspectos como os traumas, os preconceitos vividos na escola, e as dores e alegrias de ser negro no Brasil tomam maior proporção (Arruda, 2019). Esses aspectos são especialmente evidentes em seu livro de contos **Leite do peito**, em que narra algumas dessas experiências.

Já no momento em que entramos na classe, ela se pôs a falar sobre a data: — Hoje, comemoramos a libertação dos escravos. Escravos eram negros que vinham da África. Aqui eram forçados a trabalhar e, pelos serviços prestados, nada recebiam. Eram amarrados nos troncos e espancados, às vezes, até a morte. Quando... E foi ela discursando, por uns quinze minutos. Vi que a narrativa da professora, não batia com a que nos fizera a Vó Rosária. Aqueles escravos da Vó Rosária eram bons, simples, humanos, religiosos. Esses apresentados então eram bobos, covardes, imbecis. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos. Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa dali representando uma raça digna de compaixão, desprezo. Quis sumir, evaporar, não pude (Guimarães, 2001, p. 55).

Observa-se que o contexto apresentado no conto já foi, por vezes, retratado tanto na história quanto na literatura, com a construção do estereótipo do “bom senhor”, de uma princesa branca que salvou a todos e de negros escravizados representados como passivos e covardes. Todavia, nesse trecho do conto “Metamorfose”, há uma abordagem que expõe a discriminação racial e a deturpação da história a partir dessa perspectiva branca.

Conforme Duarte (2019), a temática literária é formulada a partir das experiências do autor, de modo que as vivências, sejam elas individuais ou coletivas, são a principal motivação. Assuntos como o resgate da história do povo negro, a denúncia à escravidão, a glorificação dos heróis negros — a exemplo de Zumbi dos Palmares —, a crítica ao discurso colonial de apagamento da história, cultura e civilização dos povos pretos, bem como a religiosidade, a ancestralidade e as tradições são recorrentes nessas obras.

No contexto contemporâneo, de acordo com o autor, a miséria, a exclusão, a marginalidade, a prisão, a vida nas favelas e subúrbios e a crítica ao preconceito e ao branqueamento também surgem nos textos. Porém, adotar essas temáticas não é suficiente para afirmar que a obra é pertencente à literatura negra. Outros fatores, como a autoria e o ponto de vista, são essenciais para determinar o eixo de produção dessa literatura.

Em **Úrsula**, de Maria Firmina dos Reis, há uma contundente denúncia da escravidão, consolidando-se como o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira. Entretanto, essa obra difere de outros romances abolicionistas escritos por autores brancos, pois o ponto de vista adotado pela autora ressalta a questão racial como um problema para o país. O senhor de não é

visto como herói, mas sim como um vilão, e os personagens negros não são colocados em posição de meros figurantes, como era comum em outras obras do Romantismo.

De forma semelhante, Cristiane Sobral, autora contemporânea, escreve em seus contos e poemas sobre a opressão, a tomada de consciência e o combate à discriminação. A perspectiva de consciência aparece de forma explícita no poema “Não vou mais lavar os pratos” e também em “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”. Nesse poema, assim como em outros, Cristiane apresenta o cabelo afro como resistência e o alisamento, em oposição, como um dos processos de colonização (Cortês, 2019).

Só por hoje
 Vou deixar o meu cabelo em paz
 Durante 24 horas serei capaz
 De tirar
 Os óculos escuros modelo europeu que eu uso
 Enfrentar a claridade
 Só por hoje (Sobral, 2014, p. 7).

Nota-se uma imposição para que a mulher negra alise o cabelo para estar nos padrões estéticos brancos. No entanto, nesse poema e em outros textos, Cristiane Sobral busca quebrar essa expectativa e ressaltar a beleza negra quando oferece resistência a essa ideia de que é preciso ter um cabelo liso para ser considerada bonita. Nesse mesmo recorte temporal e temático, Jeferson Tenório escreve **Estela sem Deus**, romance que tem protagonismo negro e relata casos de discriminação, violência, rejeição ao cabelo afro e ao contato com as religiões, sejam elas de matriz africana ou cristã.

Quando me lembrei de minha mãe, quando fiz um esforço para enxergar cada detalhe do seu rosto, compreendi com assombro algo importante: que Deus estava mais próximo do que eu imaginava. Deus estava espalhado em algumas mulheres que conheci. Deus não era homem. Deus sempre foi mulher. Seria honesto pensar dessa forma. Suportar a vida como elas fizeram, dar conta de tudo era sobre-humano. Tive uma dor no peito e que me trouxe outra revelação: a de que Deus era, na verdade, minha mãe limpando o chão nas casas das madames. Deus era minha mãe tendo de sustentar a casa sozinha porque meu pai nos esquecerá. Deus era a minha tia cuidando do tio Jairo com derrame. Deus era a Melissa querendo voar pela janela. Deus era a minha madrinha Jurema suportando o Padilha. Deus éramos nós sendo violentadas. Deus era eu carregando um filho morto no ventre (Tenório, 2018, p. 206).

Nesse final da obra, Estela reflete sobre os estigmas e violências aos quais a mulher negra está sujeita e constata os diversos papéis assumidos pelas mulheres, reconhecendo a divindade presente em cada mulher negra que resiste a violências de raça, gênero e classe. O

terceiro elemento é o ponto de vista, algo específico que conduz a abordagem do tema com uma carga crítica e não estereotipada, como ocorre na literatura de autores brancos, pois nessa literatura há um afroidentificação, e não um distanciamento (Duarte, 2019).

O ponto de vista do autor é formado por sua visão de mundo e pelo universo axiológico vigente no texto, ou seja, os valores do autor que fundamentam cada escolha textual, inclusive os vocábulos. Para isso, o autor deve deixar o discurso do colonizador e assumir um discurso de diferença, buscando uma identificação com a história e a cultura, como acontece com o poeta do Romantismo Luiz Gama (Cortês, 2019).

Oh! Musa da Guiné, cor de azeviche,
Estátua de granito denegrado,
Ante quem o Leão se põe rendido,
Despido do furor de atroz braveza;

Empresta-me o cabaço d'urucungo,
Ensina-me a brandir tua marimba,
Inspira-me a ciência da candimba,
As vias me conduz d'alta grandeza (Gama, 1981, p. 110).

Considerado um dos precursores da poesia negra brasileira, Gama reverte no poema “Lá vai verso” os valores ocidentais, pois as mulheres negras são postas como musas e os instrumentos urucungu e marimba substituem a lira, ou seja, aquilo que era colocado como ideal de beleza e cultura foi modificado por Gama para reafirmar a riqueza dos negros africanos e brasileiros. Uma obra que remete à história de vida de Luiz Gama é o romance contemporâneo **Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves (2006).

Nesse livro, a protagonista, Kehinde, é escravizada no Brasil e participa de revoltas, como a do Malês. Além disso, ela tem o filho vendido pelo próprio pai da criança — assim como ocorreu com Luiz Gama —, um homem branco que não aceitava ter um filho de uma mulher negra. Alguns pontos de destaque que ressaltam a perspectiva de Gonçalves (2006) é a própria formulação dessa mulher negra como resistência, e não só dela, mas de todo um povo negro que não foi passivo no processo de escravidão, como é apresentado pela História. Ademais, a representação de violências, escravidão, estupros, mortes e contexto histórico reafirmam isso.

Sobre a linguagem, ela serve para subverter imagens e significados cristalizados pela estrutura racista, a exemplo dos estereótipos, além de afirmar aquilo que antes foi negado e omitido sobre o negro. Toda essa construção tem como objetivo direcionar uma literatura de identificação e ampliar o público leitor brasileiro negro. A linguagem seleciona vocábulos de

práticas linguísticas dos povos originários, os quais ressaltam um ritmo, entonação e semântica própria (Duarte, 2019).

A linguagem apresenta um discurso afroidentificado que rompe com as ideias do mundo colonial, objetivando uma nova ordem simbólica que subverta os valores historicamente impostos. Um exemplo disso é o cabelo, frequentemente descrito em boa parte da literatura como símbolo de inferioridade, com expressões como “cabelo ruim”. Na literatura negro-brasileira, entretanto, o cabelo assume o papel de símbolo de poder, resistência e beleza. Outrossim, como formula Duarte (2019, p. 38): “Termos como negro, negra, crioulo ou mulata, para ficarmos nos exemplos mais evidentes, circulam no Brasil carregados de sentidos pejorativos e tornam-se verdadeiro tabus linguísticos no âmbito da ‘cordialidade’ que caracteriza o racismo à brasileira”.

Entretanto, a literatura negra brasileira busca transformar esse sentido pejorativo presente tanto na sociedade quanto na própria literatura canônica. Um exemplo dessa mudança de linguagem ocorre com Solano de Trindade, que escreve sobre a cor do negro, sua resistência, ancestralidade e sofrimento, inclusive com vocábulos africanos e com marcas de oralidade.

Sou Negro

meus avós foram queimados
pelo sol da África
minh'alma recebeu o
batismo dos tambores
atabaques, gonguês e agogôs

Contaram-me que meus avós
vieram de Loanda
como mercadoria de baixo preço
plantaram cana pro senhor do engenho novo
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou
como um danado nas terras de Zumbi
Era valente como quê
Na capoeira ou na faca
escreveu não leu
o pau comeu
Não foi um pai João
humilde e manso.

Mesmo vovó
não foi de brincadeira
Na guerra dos Malês
ela se destacou.

Na minh'alma ficou

o samba
o batuque
o bamboleio
e o desejo de libertação (Trindade, 1999, p. 48).

Nesse poema, o eu-lírico assume a expressão “Sou Negro” como afirmação de sua identidade, sem intencionalidade pejorativa. Além disso, há uma opção por palavras que fazem parte da cultura africana, como atabaques e gonguês, e a rememoração de episódios em que o negro se pôs no lugar de protagonismo, como é o caso de Zumbi e da guerra dos Malês. Outro poeta de escrita semelhante é Proença Filho, autor contemporâneo, que recebe destaque principalmente por seu livro de poemas **Dionísio esfacelado** (Quilombo dos Palmares). Ele faz um resgate poético da participação do negro na formação do Brasil e da saga quilombola, exaltando as religiões afro-brasileiras por meio da seleção vocabular:

Prece

Lá vem Oxóssi
seu cavalo branco
sete flechas no corpo do dragão
Lá vem Oxóssi
deus da mata virgem
verde e branco
é o manto
do santo caçador!

— Bênção pras minhas guias
pintadas de esperança
senhor da mata
filho de Iemanjá
senhora das águas [...] (Proença Filho, 2017, p. 120).

Nesse trecho do poema “Prece”, o eu-lírico cita Oxóssi, filho de Iemanjá — deusa do mar, rios e águas correntes — e irmão de Ogum, orixá dos guerreiros. De acordo com a crença brasileira, acredita-se que ele protege os adeptos da caça, inclusive na Umbanda é denominado “Rei das matas” ou “Caboclo das matas”. Logo, observa-se que nesse trecho do poema há a elevação de Oxóssi a “deus da mata” e “santo caçador”, rompendo com a poesia clássica ocidental que não reconhece os Orixás como divinos ou até mesmo existentes.

Sobre o último elemento — o público —, a escrita de uma literatura negro-brasileira tem também como objetivo ampliar esse público leitor negro, ou seja, formar um público específico que é marcado pela diferença cultural — não visada na literatura brasileira geral — e pelo anseio de uma afirmação identitária. Essa produção deve acessar um espaço complexo,

pois o gosto e o hábito de ler não foi e nem é algo incentivado entre jovens e crianças pobres, negros e de periferia, principalmente na atualidade, em um cenário em que a tecnologia prevalece (Duarte, 2019).

Nesse sentido, duas tarefas são imprescindíveis: levar o público a acessar a literatura negra brasileira e combater o preconceito e a discriminação. Assim, com a junção dos cinco elementos, pode-se constatar a formação de uma literatura negra brasileira. Isoladamente, nenhum desses elementos propicia o pertencimento à literatura negra, mas sim o resultado da relação entre os cinco (Duarte, 2019).

Os autores já citados nessa subseção e alguns da subseção anterior, como Cruz e Sousa, já produziram e/ou produzem uma literatura negro-brasileira, porém, cabe destacar aqui mais alguns autores que contribuem para uma escrita de resistência, como é o caso de Abdias Nascimento. Um dos maiores intelectuais brasileiros dos séculos XX e XXI, como já mencionado em capítulos anteriores, ele teve uma grande contribuição para as questões raciais.

A participação dele não se concretiza apenas como cientista social e teatrólogo, mas também como autor de importantes obras que tratam do negro, sendo reconhecido como criador de uma literatura dramática, na qual o negro recebe o protagonismo, como é o caso de **Sortilégio: mistério negro** (1961). Esse livro retrata a história e as dualidades ideológicas, pessoais e sociais de Emanuel, homem preto, formado em Direito e casado com uma mulher branca. Ele inicialmente renega tudo da cultura negra para ser aceito e respeitado pela sociedade.

Contudo, depois de um tempo inicia um percurso de busca da sua identidade, processo que o faz adquirir uma nova perspectiva: “Até hoje fingi que respeitava vocês... que acreditava em vocês” (Nascimento, 1961, p. 193). Emanuel concretiza em seu ato final o asco contra os brancos que castram os negros de todas as formas e ainda são vistos como bondosos. Além disso, ressalta seu nojo pela mulher branca e pela possibilidade de ter um filho dessa cor. Enfim, invoca os Exus que tanto renegou e reencontra sua ancestralidade e identidade dentro da cultura (Alexandre, 2019).

O romance **Vencidos e degenerados**, do maranhense Nascimento Moraes (2000), é uma das raras obras do início do século XX que aborda a abolição e suas consequências, assim como as formas de atuação do sistema escravagista. O narrador expõe a sociedade maranhense e sua discriminação racial repleta de tortura e assassinatos. Além disso, esse romance naturalista toma uma posição totalmente contrária ao mito da democracia racial e também à ideia de uma escravidão benigna (Duarte, 2019).

Em um contexto anterior, no século XIX, participando do contexto parnasiano, está Gonçalves Crespo, poeta com uma forte agudez psicológica, que escreve sobre a condição do negro brasileiro que vive em um sistema racista e escravocrata. Em seus poemas, ele realiza denúncias sobre as condições que, principalmente, as mulheres negras vivenciam nesse contexto e as trata com respeito, o que o diferencia de outros autores que escreviam moldados pelos estereótipos da época (Oliveira, 2019).

As velhas negras, coitadas,
Ao longe estão assentadas
Do batuque folgazão.
Pulam crioulas faceiras
Em derredor das fogueiras
E das pipas de alcatrão.

[...]

Conheceram muito dono:
Embalaram tanto sono
De tanta sinhá gentil!
Foram mucambas amadas,
E agora inúteis, curvadas,
Numa velhice imbecil (Crespo, 1967, p. 70)!

Nesse trecho do poema “As velhas negras”, o eu lírico retrata o estado de melancolia no qual se encontram as mulheres negras idosas que já foram úteis para serem as cuidadoras dos filhos de seus senhores e agora são postas nesse lugar de tristeza e inutilidade, enquanto observam aquelas que agora assumem suas antigas funções, não com saudade e amor por aquele trabalho, mas realmente cansadas do sistema escravista e com um sentimento de saudade da África.

Alguns séculos depois, surge um dos maiores intelectuais negros contemporâneos já aqui mencionado, Cuti, também poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta. Destacam-se em seus textos temas como identidade, tradição cultural, diáspora africana, discriminação racial, desigualdades, marginalidade e desemprego. Em seus contos, é comum observar o orgulho racial e a desconstrução de estereótipos racistas (Oliveira, 2019).

Jussara pensa que é branca. Nunca lhe disseram o contrário. Nem o cartório. No cabelo crespo deu um jeito. Produto químico e fim! Ficou esvoaçante e submetido diariamente a uma drástica auditoria no couro cabeludo para evitar que as raízes pusessem as manguinhas de fora. Qualquer indício, munia-se de pasta alisante, ferro e outros que tais e... O nariz, já não havia nenhuma esperança de eficácia no método de prendê-lo com pregador de roupa durante horas por dia. A prática materna não dera certo em sua infância. Pelo contrário, tinha-lhe provocado algumas contusões de vasos sanguíneos.

Agora, já moça, suas narinas voavam mais livremente ao impulso da respiração. Detestava tirar fotografias frontais. Preferia de perfil, uma forma paliativa, enquanto sonhava e fazia economias para realizar operação plástica. E os lábios? Na tentativa de esconder-lhes a carnosidade, adquirira um cacoete — já apontado por amigos e namorados (sempre brancos) — de mantê-los dentro da boca. Sobre a pele, naturalmente bronzeada, muito creme e pó para clarear.

Lá um dia, veio alguém com a notícia de “alisamento permanente”. Era passar o produto nos cabelos uma só vez e pronto, livrava-se de ficar de olho nas raízes. Um gringo qualquer inventara a tal fórmula. Cobrava caro, mas garantia o serviço. Segundo diziam, a substância alisava a nascente dos pêlos. Jussara deixou-se influenciar. Fez um sacrifício nas economias, protelou o sonho da plástica e submeteu-se. Com as queimaduras químicas na cabeça, foi internada às pressas, depois de alguns espasmos e desmaios. Na manhã seguinte, ao abrir com dificuldade os olhos, no leito de hospital, um enfermeiro crioulo perguntou-lhe: Tá melhor, nêga? Ela desmaiou de novo (Cutí, 2008, p. 216).

O conto acima, intitulado “Incidente na raiz”, apresenta uma crítica e um convite ao leitor para questionar essa imposição social de embranquecer. Assim como no conto, diversas mulheres no Brasil são colocadas no lugar de oposição à beleza por não serem brancas nem terem os traços físicos dominantes do padrão imposto, como cabelos lisos e nariz fino. Além disso, pode-se notar a ideia de não identificação com o seu grupo racial. Jussara é um reflexo de milhares de negros brasileiros que não se identificam como tal, inclusive se revoltando quando são inseridos nesse grupo, pois aprenderam desde crianças a odiarem sua própria identidade racial.

Também com essa intencionalidade de denunciar o racismo estrutural, a violência contra o corpo negro, a maternidade, a ancestralidade, a religiosidade e as relações afetivas, é que Conceição Evaristo escreve seu livro de contos **Olhos d’água** (2014). Com uma escrita que aborda os problemas mais recorrentes na sociedade brasileira contemporânea, como a violência contra a mulher, a violência urbana e a criminalidade que ceifa vidas inocentes, Conceição tece críticas às estruturas sociais, mas também levanta reflexões sobre a aceitação de uma identidade negra e, acima de tudo, de uma identidade própria, sem empecilhos a respeito do que a sociedade espera.

Além dessa obra, Conceição Evaristo anteriormente publicou **Ponciá Vicêncio**, **Becos da memória** e **Insubmissas lágrimas de mulher**, obras que reafirmam as temáticas centradas no âmbito do negro brasileiro, principalmente da mulher. Em **Ponciá Vicêncio**, há esse ponto de vista feminino negro que mostra o cotidiano daqueles que são socialmente excluídos. Já em **Becos da Memória**, uma favela que não é situada em um lugar específico do Brasil é o centro de todos os dramas. Por último, com treze narrativas, **Insubmissas lágrimas de mulher** coloca

como protagonistas mulheres negras, ressaltando esse universo feminino negro, como pontua Aline Arruda (2019).

Outra autora que, assim como Conceição Evaristo, participa desde o século XX da construção literária negra brasileira é Miriam Alves. De acordo com Maria Pereira (2019), ela escreve em seus contos e poemas os problemas sociais que perpassam a vida do negro e a autoafirmação de sua identidade, como pode ser visto no poema abaixo, que recebe o título de “Pedra no cachimbo”:

A pedra quando chega acerta
acerta bem no meio dos meus sonhos
bem nos olhos da esperança
e cega
a pedra quando chega
é fumaça em cachimbos improvisados
é cinco segundos de noia eufórica

fúria em descontrole
A pedra quando chega é democrática
acerta brancos negros pobres e ricos

Mas os poderes públicos só se sensibilizam
quando a pedra no cachimbo acerta
a vidraça das coberturas dos jardins
à beira-mar
E ameaça transbordar
somando todas as lágrimas de verdes olhos
aos das piscinas de sonhos
senhoriais (Alves, 1990, p. 10).

Nesse poema, o eu lírico, de forma metafórica, constata que a pedra não atinge brancos e negros da mesma forma. Independentemente do significado atribuído à palavra “pedra” no poema, essa é uma realidade em que desastres, acidentes, homicídios, diversos tipos de tráfico ou violências são percebidos de maneira desigual na sociedade: tornam-se mais notáveis quando as vítimas são pessoas brancas e, por outro lado, recebem um olhar mais complacente quando os criminosos também são brancos.

Por fim, segundo Elisângela Lopes (2019), Machado de Assis, um dos maiores autores da literatura, foi embranquecido pelo sistema, mas representou a sociedade do seu tempo com ironia e um olhar crítico, principalmente em temáticas como a escravidão e a mentalidade da sociedade pós-abolição. Há um exemplo disso no conto “O caso da vara”, no qual ele apresenta o dilema de Damião, que promete internamente proteger Lucrecia, uma menina negra e escravizada, ameaçada por Sinhá Rita de receber castigos físicos.

Sinhá Rita examinou-os, todas as discípulas tinham concluído a tarefa. Só Lucrecia estava ainda à almofada, meneando os bilros, já sem ver; Sinhá Rita chegou-se a ela, viu que a tarefa não estava acabada, ficou furiosa, e agarrou-a por uma orelha. — Ah! malandra! — Nhanhã, nhanhã! pelo amor de Deus! por Nossa Senhora que está no céu. — Malandra! Nossa Senhora não protege vadias! Lucrecia fez um esforço, soltou-se das mãos da senhora, e fugiu para dentro; a senhora foi atrás e agarrou-a. — Anda cá! — Minha senhora, me perdoe! — Não perdôo, não. E tornaram ambas à sala, uma presa pela orelha, debatendo-se, chorando e pedindo; a outra dizendo que não, que a havia de castigar. — Onde está a vara? A vara estava à cabeceira da marquesa, do outro lado da sala Sinhá Rita, não querendo soltar a pequena, bradou ao seminarista. — Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor? Damião ficou frio... Cruel instante! Uma nuvem passou-lhe pelos olhos. Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho... — Dê-me a vara, Sr. Damião! Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor... — Me acuda, meu sinhô moço! Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita (Assis, 1992, p. 577).

Nesse trecho do conto, o narrador ironiza a hipocrisia da sociedade aristocrática. Damião, temendo perder a oportunidade de sair do seminário, abdica de seu desejo genuíno e bondoso de proteger Lucrecia do castigo, aceitando tornar-se cúmplice da agressão, mesmo diante do clamor da criança e da percepção de que a situação era aterrorizante. Dessa forma, o narrador ressalta que a sociedade brasileira historicamente tende a priorizar seus privilégios, enquanto finge ignorar as desigualdades e opressões raciais.

Assim, contata-se que a literatura escrita por negros, homens ou mulheres, desde os séculos passados, evidencia uma forma de resistência a um sistema que perpetua o racismo e a segregação racial, configurando o ódio ao negro como um valor social. Mesmo com o passar das décadas, a estrutura social brasileira não sofreu mudanças significativas, permanecendo um país extremamente racista. Entretanto, grandes nomes na literatura têm surgido e continuam a surgir para denunciar o racismo e defender a igualdade de direitos. Além disso, o trabalho desenvolvido por professores e pesquisadores no meio acadêmico tem um papel fundamental ao usar a literatura para abordar tais temáticas, que são igualmente essenciais também no contexto fora da ficção. Por isso, é tão importante o estudo de autores como os aqui mencionados, pois oferece uma nova perspectiva sobre as questões raciais.

4 DA HISTÓRIA À FICÇÃO: a resistência ao racismo na escrita de Jeferson Tenório

Alfredo Bosi (2002), em seu livro **Literatura e resistência**, define resistência como um conceito ético, e não estético, que significa insistir, ou, até mesmo, opor a força própria à força alheia. Entretanto, houve uma ligação entre arte, ética e política que resultou no ato de resistir nas expressões artísticas, ou, como conhecemos, narrativas de resistência.

Como aqui estamos trabalhando com textos da tipologia narrativa, tomaremos como base o que Bosi propõe na ideia de narrativa e resistência, sendo a resistência entendida como tema ou como processo inerente à escrita. Porém, antes de fazermos essas diferenciações e relacioná-las às obras de Jeferson Tenório, vale ressaltar o que Bosi afirma a respeito do gênero romance.

A situação do romancista é outra. Ele dispõe de um espaço amplo de liberdade inventiva. A escrita trabalha não só com a memória das coisas realmente acontecidas, mas com todo o reino do possível e do imaginável. O narrador cria, *segundo o seu desejo*, representações do bem, representações do mal ou representações ambivalentes. Graças à exploração das técnicas do foco narrativo, o romancista poderá levar ao primeiro plano do texto ficcional toda uma fenomenologia de resistência do *eu* aos valores ou antivalores do seu meio (Bosi, 2002, p. 121).

Essa liberdade do romancista é apresentada na escrita de Jeferson Tenório. Como homem negro que viveu boa parte da vida em espaços periféricos, ele cria, em suas obras, representações desse meio que podem ser associadas a eventos reais vivenciados por alguém em algum lugar do país ou que, potencialmente, podem vir a acontecer. Isso ocorre porque a arte permite discutir, representar e retratar tudo aquilo que a ideologia dominante esquece ou repele (Bosi, 2002).

Obviamente, uma grande parte da sociedade não aceitará tão facilmente essas questões, procurando formas de censurá-las com desculpas de que a arte fere a honra ou a moral humana. Sobre isso, Terry Eagleton (2006) afirma que são questões de juízo de valor, ou seja, as pessoas, em situações específicas, atribuem, de acordo com seus critérios, se a obra é valiosa ou não. Isso, conseqüentemente, pode conservar o valor de algumas obras por séculos, assim como pode desvalorizá-las, pois a sociedade e as interpretações estão sujeitas a mudanças. Um exemplo disso é que talvez, daqui a cem anos, as interpretações sobre as obras de Jeferson Tenório ou até mesmo os valores atribuídos a elas sejam diferentes.

Esses valores, Eagleton (2006) explica, são ideologias. Dessa forma, a maneira como um autor ou crítico diz algo se relaciona com a estrutura de poder e com as relações de poder da sociedade em que vive. Nesse sentido, a censura ao livro de Jeferson Tenório foi um movimento ideológico de uma parte da sociedade que sentiu uma violação às estruturas de poder, pois, como Eagleton (2006, p. 23) assevera, o valor de uma obra depende “[...] de muitas outras coisas além de fatores puramente ‘literários’. Suas reações críticas estavam profundamente ligadas aos seus preconceitos e crenças mais gerais”.

Dessa forma, assim como no exemplo apresentado por Eagleton em seu livro, o cancelamento de **O avesso da pele** foi baseado em preconceitos sociais que, possivelmente, não se aplicariam caso o autor fosse branco. Em contraposição, tanto a escrita de Jeferson Tenório quanto esta dissertação se posicionam como formas de criticar essas estruturas de dominação.

Retomando a ideia de resistência e narrativa, Bosi (2002) explica que a resistência como tema narrativo é geralmente denominada “literatura de resistência”, caracterizada como um discurso político e de preferência popular. A escrita de Jeferson Tenório se encaixa nessa perspectiva, pois, como veremos na análise mais adiante, ela tematiza a resistência por meio de discursos contra o racismo, o assédio, a violência e a exclusão de grupos minoritários. Contudo, além disso, a resistência também se configura na escrita do autor. Bosi (2002) pontua que certas obras são resistentes não apenas pelo tema que abordam, mas também pela maneira como são escritas.

Dessa forma, o ponto de vista do autor e a estilização de sua linguagem são aspectos que evidenciam essa resistência. Nesse caso, o autor seleciona temas, situações e personagens que criam uma tensão com o estilo e a mentalidade dominantes, como pode ser observado em suas obras, que criticam as estruturas racistas institucionalizadas no Brasil, a exemplo dos textos analisados nesta dissertação. Sobre isso, Bosi acrescenta que

[a] resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema das interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (Bosi, 2002, p. 134).

Jeferson Tenório faz exatamente isso: ele se distancia e reconhece a estrutura racista do Brasil, o que lhe permite criticar e evidenciar a importância de se reconhecer enquanto sujeito

negro. Nesse sentido, a narrativa descobre a vida real, mas a transcende, pois a literatura resiste à mentira e, como é considerada fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente (Bosi, 2002). A narrativa, nesse caso, aponta os mecanismos alienantes que se opõem a uma vida digna e plena.

Desse modo, observa-se como a ficção é importante no processo de crítica aos problemas sociais, considerando a função histórica da literatura como uma forma de representar os aspectos da sociedade. Essa representação, porém, não é mencionada aqui como uma “muleta” para a história, mas como um meio artístico e literário de, a partir da ficção, questionar as normas sociais, denunciar as injustiças e sensibilizar o público sobre aquilo que a classe dominante tenta omitir.

Isso é especialmente notório quando a literatura é engajada, ou seja, quando denuncia explicitamente ou de forma simbólica os problemas sociais. É o caso dos livros de Jeferson Tenório aqui estudados, os quais abordam o racismo estrutural, as estruturas de opressão, como o machismo e o classismo, e destacam a importância da memória e da identidade negra. Além disso, há um processo de humanização de grupos marginalizados. A ficção pode proporcionar ao público a compreensão da realidade dos invisibilizados, como a questão das crianças em situação de rua representada em **O beijo na parede**.

Ademais, a ficção aqui discutida não apenas aponta fatores de marginalização, mas também é escrita por um autor marginalizado: um homem preto, professor, que, mesmo sendo premiado nacionalmente, foi diversas vezes alvo de violência racial. Por isso, a escrita de autores marginalizados como Jeferson Tenório constitui uma ferramenta de resistência cultural e histórica, que resgata histórias e reflete sobre a exclusão social. Consequentemente, essas obras ficcionais fomentam debates e conscientização na contemporaneidade, influenciando discussões públicas e fortalecendo percepções de transformações no comportamento humano.

Assim, pode-se afirmar que a ficção não é apenas um retrato ou representação da realidade, mas um agente na crítica e na transformação da sociedade. Ela pode ser utilizada como recurso para defender mudanças sociais e promover causas esquecidas, como a crítica ao apagamento da mulher pelo movimento negro e pelo movimento feminista, questão apresentada em **O avesso da pele**.

Observa-se que, além do exercício estético presente na literatura, há uma configuração simbólica de resistência. As obras literárias, como afirma Antoine Compagnon (1999), podem tanto estar em conformidade com os ideais da sociedade de sua época, quanto se opor a eles. Na contemporaneidade, as obras de Jeferson Tenório seguem a ideia de resistir ao apagamento cultural da escrita e história negra, registrando, por meio das personagens, vozes que foram

silenciadas pela história e pela literatura. Por isso é tão importante a atuação de escritores negros e de outras minorias para o resgate das memórias.

No artigo “A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea”, Regina Dalcastagnè (2008) afirma que o campo literário brasileiro é um espaço de exclusão, já que nossos autores são, em sua maioria, homens brancos, moradores de grandes centros urbanos e, geralmente, de classe média. Essas características refletem diretamente nas personagens representadas nas narrativas. Diante disso, escritores de outros segmentos sociais, como Jeferson Tenório, precisam se contrapor a essas representações que estão fixadas na tradição literária brasileira.

Além disso, a literatura possui um papel na contestação do *status quo*, haja vista que os textos literários podem subverter narrativas dominantes e sistemas de imposição de poder, como o racismo, o patriarcado e o colonialismo. Nos três romances de Jeferson Tenório, por exemplo, há personagens que contestam o racismo de forma direta ou implícita, além de mulheres que desafiam os padrões patriarcais de abuso, dominação e exploração sexual, como Estela e Luara. Outras minorias também são representadas, como Verônica, personagem de **O beijo na parede**, que problematiza a violência contra mulheres trans.

Sobre essa questão, a literatura também reconfigura e ressignifica corpos marginalizados, modificando a forma de compor personagens negros, femininos ou LGBTQIA+, já que, na história da literatura, se pode observar um apagamento dessas identidades ou, quando representados, isto ocorria de forma desumanizada e estereotipada. Todavia, nas obras contemporâneas, como as de Jeferson Tenório, há uma experiência mais humana, que resiste à desumanização, mesmo em personagens como João, uma criança.

Uma questão que evidencia esse olhar de diferença é a humanização da mãe de João em **O beijo na parede**. Apesar de não receber um nome na obra, ela é apresentada como alguém que sofreu profundamente. Era uma mulher esforçada e boa mãe, no entanto, todo o seu sofrimento, somado ao câncer, levou-a a perder a memória e, posteriormente, sua vida. Historicamente, a literatura frequentemente figurava a mulher negra como louca, sem justificativa para suas ações, como se fosse uma característica intrínseca à personalidade de toda pessoa negra. Essa representação evidenciava a mentalidade de uma sociedade, a qual os autores, conseqüentemente, reproduziam em seus textos, a exemplo dos romances abolicionistas.

Esse contexto reforça a ideia de que a escrita ficcional é também um ato político. Isso se justifica a partir do pressuposto de que o ato de narrar não é neutro; ele atravessa o meio, ou seja, o espaço social, cultural e histórico que o autor e o público leitor estão inseridos. Antonio

Candido (2006), em **Literatura e sociedade**, discute a relação entre a obra de arte e o meio social, destacando até que ponto a arte é expressão da sociedade ou se interessa por seus problemas.

São quatro momentos da produção, de acordo com Candido (2006, p. 30): “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio”. Nesse sentido, não há como dissociar os fatores sócio-históricos dos elementos ficcionais, uma vez que a escrita do autor sofre influências desses aspectos, assim como a recepção do público também depende do contexto em que se encontra. Por exemplo, Monteiro Lobato, hoje, não é interpretado da mesma maneira que foi por seus leitores contemporâneos. Atualmente, à luz de novas concepções, é possível criticar sua literatura mesmo reconhecendo o contexto histórico de sua publicação.

A obra resulta tanto da iniciativa individual do autor quanto das condições sociais que a moldam, fatores que se entrelaçam de forma indissolúvel. As obras de Jeferson Tenório, por exemplo, são fruto de sua iniciativa e criatividade linguística e estética, mas também recebe influências do meio social e artístico da contemporaneidade. O próprio autor, em entrevistas e publicações nas redes sociais, evidencia seu contato com outros autores e obras contemporâneas, como os livros de Conceição Evaristo.

O ato político na escrita de Jeferson Tenório manifesta-se na reconstrução de uma identidade cultural e racial duramente apagada pelo colonizador e na valorização da herança africana. As narrativas construídas por indivíduos historicamente oprimidos revelam e contestam a desumanização. Mas quem são esses grupos historicamente marginalizados? Regina Dalcastagnè (2008) explica que são todo aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe um valor negativo da cultura dominante, definidos por critérios como sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física, entre outros.

Essas escolhas, por si só, desafiam o sistema dominante ao propor uma ficção que denuncia as desigualdades e violências, como ocorre nos romances de Tenório. Além disso, dessas obras ocupam um espaço que, até o século XX, era amplamente negado a escritores negros. Lélia Gonzalez (2020) destaca que, dentro da lógica de dominação, as pessoas negras são frequentemente vistas como incapazes de falar por si mesmas, sendo necessário que outros falem em seu lugar. Entretanto, ao abrir esse espaço para que pessoas negras publiquem suas obras, reduz-se as desigualdades historicamente impostas. Esse ato, portanto, configura-se como uma resistência simbólica, desde a escolha dos temas abordados até a forma como a narrativa é construída.

Dalcastagnè (2008), ao tratar de representatividade na literatura, explica que o autor pode representar as questões sociais em suas obras de três maneiras principais: incorporando as representações e reproduzindo-as de maneira acrítica; descrevendo essas representações para evidenciar seu caráter social; ou colocando essas representações em choque, a fim de exigir um posicionamento do leitor em relação ao mundo e à realidade em que vive.

Acredito, particularmente, que as duas últimas formas propostas por Dalcastagnè (2008) são mais visíveis nas obras de Tenório. Aponto isso, pois as representações dos protagonistas e dos demais personagens evidenciam os problemas sociais e a visão da sociedade sobre determinados grupos, mas, para além disso, confrontam o leitor. Os discursos dos personagens incitam o público a refletir, questionar e decidir se irá normalizar ou rejeitar as situações apresentadas — situações que, apesar de dolorosas, são cotidianas na vida de muitos brasileiros.

Ao abordar a questão da representação, é importante dialogar sobre os conceitos de mimesis e verossimilhança, que explicam a relação entre ficção e realidade. Na **Poética**, Aristóteles (2008) define mimesis como a imitação ou representação das coisas que despertam compaixão e temor. O conceito diferencia o artista do historiador: enquanto o último conta fatos que ocorreram, o primeiro escreve sobre o que poderia ter ocorrido. A partir dessa ideia, surge o conceito de verossimilhança, o qual simula a realidade ao apresentar semelhanças entre a narrativa e a vida real.

Com uma perspectiva mais moderna, Luís Costa Lima, em seu livro **Mimesis e modernidade: formas das sombras** (1980), argumenta que, em uma sociedade complexa e de estrutura desigual, não há apenas uma única forma de representação, mas diversas. Cada forma de representação supõe uma classificação dos seres e de formas de relacionamento entre eles, que é inicialmente mediada pelo contato do leitor com a obra.

Assim como propõe Antonio Candido (2006), Costa Lima (1980) enfatiza que a obra literária só se realiza ao ser acolhida pelo leitor. Além disso, a interpretação ativa do leitor possibilita diversas formas de representação, de acordo com a perspectiva que o ele atribui à obra. Dessa forma, mesmo quando a representação não é explicitamente definida, o leitor pode expandir essa representação a outros contextos que são importantes para ele.

Com base nessas conceituações, fazer é possível traçar um paralelo entre a realidade do Brasil contemporâneo e a ficção de Jeferson Tenório. Como veremos mais adiante nas análises, as obras do autor abordam temáticas que são recorrentes também fora do universo ficcional. Um exemplo disso é o abandono infantil abordado em **O beijo na parede**. Na obra, além de

João, outras crianças e adolescentes vivem à mercê da sociedade, sem o mínimo amparo do Estado

Sobre essa questão, dados de uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2022, revelam que, das quase 300.000 pessoas em situação de rua no Brasil, 5% são crianças e adolescentes. O perfil dessas crianças é, em sua maioria, de negros, que enfrentam problemas como racismo estrutural, trabalho infantil, violência nas ruas e dentro da própria família, baixa escolaridade e luta pela sobrevivência.

Esses dados, que evidenciam um problema histórico persistente há décadas, encontram eco na história de João, em **O beijo na parede**. O personagem, que teve acesso à educação formal enquanto a mãe estava viva, teve que procurar formas de sobreviver e ainda ajudar outras pessoas. Além disso, enfrenta o racismo de maneira explícita, tanto no âmbito familiar quanto na sociedade em geral.

Um fator que se destaca na obra **O avesso da pele** é a questão da violência policial e do assassinato de pessoas negras, refletindo uma política de morte. A respeito disso, em 2021, o portal de notícias G1 divulgou dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública que mostram que, em 2020, em plena pandemia, houve um aumento no número de mortos pela polícia. De acordo com a reportagem, fatores psicológicos influenciam as ações dos policiais, algo que é retratado na obra de Tenório. Além disso, o relatório confirma que quase 80% das vítimas dessas ações são negras, o que expressa as desigualdades no acesso aos direitos fundamentais por essa população.

Outro ponto relevante em ambas as obras é o desemprego ou a inserção da população negra em empregos predominantemente informais. No início de 2023, a Agência Brasil divulgou uma pesquisa do IBGE que relatou dados que reafirmam um padrão estrutural recorrente no Brasil: mulheres e pessoas negras continuam a ser maioria entre os desempregados. Esse problema resulta de uma política educacional deficiente e da escassez de oportunidades. Como exemplo disso, há Henrique, em **O avesso da pele**, e a mãe de João, em **O beijo na parede**.

Por fim, é crucial mencionar as questões do assédio e da violência contra a mulher. De acordo com uma pesquisa publicada na Agência Patrícia Galvão, em 2023, os casos de assédio têm maior prevalência entre mulheres jovens, especialmente na faixa etária de 16 a 24 anos, com a maioria das vítimas sendo mulheres negras. Nas obras de Tenório, essa violência é tratada de formas distintas. Em **O beijo na parede**, prevalecem violências simbólicas e físicas contra mulheres, enquanto em **O avesso da pele** são mais recorrentes as situações de violência física

e assédio sexual. Martha, por exemplo, sofre violências físicas e é assediada ainda na menoridade.

Esses exemplos reforçam como a literatura pode atuar como espaço de restituição de memórias silenciadas em um contexto de opressão e de debate sobre questões omitidas pela sociedade. Não somente por falta de dados concretos, mas também pela falta de soluções para os problemas divulgados. Nesse sentido, as obras de Jeferson Tenório demonstram como a literatura pode transcender uma dimensão estética e atuar de forma crítica, essencial para a reflexão e transformação da sociedade.

Além disso, mais do que representar, o escritor reconfigura as experiências da realidade. Isso pode ser analisado a partir da subjetividade dos personagens das obras de Tenório, que desvendam camadas de experiências esquecidas ou invisibilizadas tanto nos relatos históricos quanto nos dados estatísticos. Com isso, as obras de Tenório permitem um diálogo entre o particular/individual e o universal/coletivo, evidenciando as problemáticas relacionadas à opressão e à violência estrutural.

Nesse contexto, os romances de Jeferson Tenório resistem ao apagamento histórico e cultural ao denunciarem as contradições sociais. A ficção, nesse sentido, ultrapassa a mera representação das desigualdades da sociedade, ao dar voz a indivíduos e grupos silenciados, permitindo uma compreensão mais profunda e prática das vivências humanas, principalmente do povo negro, historicamente oprimido e, muitas vezes, até desumanizado.

A literatura de Jeferson Tenório, portanto, ao representar a realidade de forma tão significativa e visceral, permite ao público leitor enxergar o mundo, mas também a questioná-lo. Afinal, ao abordar questões tão desafiadoras, é quase inevitável não refletir sobre essas narrativas e sobre a realidade da contemporaneidade, principalmente no que diz respeito ao racismo no Brasil. Acrescento, ainda, que, a partir dessas narrativas, é possível constatar a dificuldade que muitos brasileiros têm em se identificarem como pessoas negras, algo motivado por uma política histórica racista que invisibiliza e apaga as identidades negras.

4.1 A ESCRITURA DE RESISTÊNCIA EM JEFERSON TENÓRIO: biografia e projeto estético-literário

Jeferson Tenório é um escritor, pesquisador e professor brasileiro, nascido em 1977 no Rio de Janeiro, mas radicado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, residindo atualmente em São Paulo. Em Porto Alegre, graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde também concluiu, em 2013, um mestrado em Literaturas Luso-africanas,

com uma dissertação sobre a obra de Mia Couto, autor renomado das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, em diálogo com o pensamento de Friedrich Nietzsche.

Ele foi professor de escolas em Porto Alegre por mais de vinte anos, encerrando esse ciclo em 2021. É doutor em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com uma tese que abordou as relações familiares e a construção da paternidade, intitulada “A autópsia de um imaginário em ruínas: a memória nas narrativas de regresso em quatro autores portugueses”. Sua pesquisa acadêmica sempre esteve atrelada a autores que escrevem em língua portuguesa e às questões da literatura pós-colonial, revelando um compromisso com temas de identidade e memória.

Além de ter começado a sua trajetória como escritor já na vida adulta, Jeferson Tenório se considera também um leitor tardio, relatando, em entrevista para o canal da Estante virtual, em 2024, que o interesse pela leitura se consolidou durante a graduação em Letras. Entretanto, ele destaca que suas experiências de imaginação na infância e a sua participação em um grupo de rap na juventude, como compositor, contribuíram para a sua identidade literária.

Em 2013, publicou seu primeiro romance, **O beijo na parede**, com o qual conquistou o prêmio de “Livro do ano” pela Associação Gaúcha dos Escritores. Nesse livro, ele apresenta principalmente as misérias materiais e a carência afetiva que permeiam a vida de João, um menino de 11 anos, e dos outros personagens. A obra retrata de forma contundente a experiência dessa criança, no Sul do Brasil, com a ausência familiar e preconceito na sociedade. Em uma entrevista à revista *Homo Literatus*, dois anos após a publicação da obra, Tenório contou que a inspiração para o romance veio de um conto anterior, intitulado “Cavalos não choram”, que recebeu o prêmio Leminski. A ampliação dessa narrativa resultou em um trabalho mais elaborado e de que ele gostasse mais, o qual marcou sua estreia na literatura.

Em 2018, **Estela sem Deus**, seu segundo romance, é publicado. Com uma temática semelhante, abordando o amadurecimento precoce diante de problemas como o racismo, a narrativa se desenvolve focando na protagonista Estela, uma garota de 13 anos que questiona as adversidades que vive a partir também de uma ótica espiritual, como o título sugere. O enredo se passa em período anterior às eleições de 1989, quando Estela migra de Porto Alegre para o Rio de Janeiro.

Assim como em **O beijo na parede**, Jeferson Tenório adota em **Estela sem Deus** uma narração sob a perspectiva infantil, mas com reflexões maduras e complexas. Essa característica reflete suas influências literárias, como ele menciona em diversas entrevistas, destacando **Manuelzão e Miguilim**, de Guimarães Rosa. O autor revelou que assumir a perspectiva de um narrador criança foi inicialmente difícil. Por isso, seu conto “Cavalos não choram” apresentava

uma linguagem menos refinada, um aspecto que aprimorou no romance **O beijo na parede**. Assim, as duas obras trazem uma visão da infância repleta de violências, faltas e desamparos.

Em 2020, Tenório publicou **O avesso da pele**, seu terceiro romance, que recebeu aclamação crítica, sendo reconhecida como uma das maiores obras literárias dos últimos anos no Brasil, garantindo-lhe o prêmio Jabuti. A narrativa gira em torno de Henrique, um homem negro e professor de escola pública, vítima da violência social e institucional devido à cor de sua pele. Assim como nos dois romances anteriores, a história se passa no mesmo espaço geográfico, o Sul do Brasil, mais especificamente em Porto Alegre.

Nos três livros, Tenório constrói enredos que exploram as violências naturalizadas pela sociedade, o racismo, o abandono, a precarização da educação, o luto. Ele coloca em foco as vítimas dessas opressões — crianças, homens e mulheres pretos —, enquanto aprofunda a apropriação de uma consciência racial em diferentes etapas da vida: infância, no caso de João; adolescência, com Estela; e vida adulta, com Henrique. Essas obras já foram traduzidas para diversas línguas, como inglês e espanhol, e adaptadas para o teatro, com destaque para **O avesso da pele**, tendo em vista que foi a mais reconhecida nacionalmente.

Nos últimos quatro anos, **O avesso da pele** teve seus direitos vendidos para mais de dez países, como China, Canadá, Espanha, Itália, México, Portugal, Eslováquia, Reino Unido e Suécia. Em outubro de 2024, o escritor publicou **De onde eles vêm**, seu quarto romance. A narrativa, novamente ambientada em Porto Alegre, tem como principais temáticas a lei de cotas, o preconceito e a exclusão pela qual o negro passa nesses processos, além da luta pela garantia de direitos básicos, como o acesso à educação. A história tem como pano de fundo o ingresso dos primeiros cotistas em uma universidade brasileira, por volta dos anos 2000, tendo como protagonista o jovem Joaquim, que se percebe enquanto homem negro em um ambiente hostil.

Além de romances, ele também publicou antologias nos anos de 2007, 2008, 2015 e 2021, somando oito publicações, sendo três livros de poemas e cinco de contos. Um dos últimos contos de Tenório, publicado em 2023, foi “Na companhia de Rufus”, narrativa na qual Joaquim, mesmo nome atribuído ao protagonista do último romance, é um jovem negro de Porto Alegre que, dominado pelo sistema desigual, vai progressivamente abandonando seu sonho de ser poeta e ficando preso ao trabalho em atendimento de telemarketing. É notável uma semelhança com as temáticas dos romances. Logo, observa-se que o racismo, o abandono, a sensação de solidão, de desamparo, as diversas formas de violência e o ambiente estão presentes em praticamente todos os seus textos, o que se configura como uma particularidade do autor e da sua escritura literária.

Em entrevista à revista *Homo Literatus*, em 2015, Jeferson Tenório conta que ser professor é algo que o ajuda no processo de escrita, pois há um universo na sala de aula que o inspira. Ele afirma que a sala de aula é um grande laboratório, o qual permite reflexões e a criação literária, pois há ali uma diversidade de pessoas e de histórias. Ele também descreve a naturalidade com que se tornou professor. No entanto, assumir-se escritor foi um processo mais difícil, que exigiu muito esforço, sobretudo devido à autocrítica severa que impunha aos seus próprios textos.

Sobre a relação dos seus textos com a realidade, ele fala em entrevista para a revista *Nonada*, em 2018, que um livro sempre traduz as experiências do autor. Por isso, em seus livros, sempre há algo dele. Por exemplo, em seus romances, os protagonistas mudam da cidade do Rio de Janeiro para Porto Alegre, algo que ocorreu em sua adolescência. Um outro fator que ele discute, principalmente em seu último lançamento, é a questão das cotas. Isso é interessante, tendo em vista que o escritor foi o primeiro cotista negro formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Apesar de sempre abordar a questão racial, o autor destaca que nenhum autor negro deve se sentir preso a escrever somente sobre essa temática. Em 2024, em entrevista à TV Brasil, canal do YouTube, ele afirmou que não considera o racismo como um tema isolado, mas como um assunto que atravessa outras questões, como a reivindicação da humanidade. Para ele, o racismo surge nas narrativas porque a luta por igualdade e dignidade é um aspecto primordial de sua abordagem literária.

Em entrevista mais recente, em outubro de 2024, ao jornalista Chico Pinheiro, no canal do Instituto Conhecimento Liberta no YouTube, Jeferson Tenório compartilhou uma vivência sua que ecoa na obra **O avesso da pele**. Assim como o protagonista Henrique, ele também foi vítima de múltiplas abordagens policiais — mais de quinze vezes — mesmo após ser reconhecido por entidades e instituições do estado do Rio Grande do Sul. Esse relato evidencia que, mesmo ocupando uma posição social de maior prestígio, o sujeito negro permanece sendo alvo de violências.

Para o jornal *Brasil de Fato*, em 2023, o autor afirmou que a resistência ao racismo ocorre não somente por meio de atos brutais, como gritos ou protestos, mas também por uma certa delicadeza que se manifesta na arte e na literatura. Nesse sentido, escrever é, para Tenório, um ato de resistência às estruturas racistas, uma forma de oferecer um olhar sensível e crítico sobre a vida para expor a naturalização do preconceito.

A escritura de Jeferson Tenório pode ser considerada esse ato de resistência porque utiliza a literatura como espaço para discutir, em seus romances, temas que evidenciam um

Brasil marcado por preconceitos históricos e estruturais, como o racismo, e problemas sociais, como a desigualdade e a marginalização de pessoas pobres e pretas. Ao fazer isso, ele desafia a hegemonia das narrativas brancas, predominantes no mercado editorial, que priorizam perspectivas eurocêntricas e da branquitude.

Assim, sua obra reivindica, a partir das personagens e do enredo, a centralidade das vozes negras, promovendo a valorização da identidade e da cultura negra, ao mesmo tempo em que combate estereótipos e amplia a visibilidade de questões muitas vezes silenciadas. Dessa forma, sua produção literária não se encerra em uma questão estética, mas é também uma forma de questionar as estruturas de poder, resistir à exclusão e criar um panorama favorável à transformação social.

Esse ato é tão promissor que se observa a intencionalidade do governo em proibir a circulação de **O avesso da pele** em escolas do Sul do Brasil, temendo a difusão de um discurso que aponta a existência de uma política racial violenta na sociedade e nas instituições. Por isso, escolhi usar no título desta seção o termo “escritura” de resistência em vez de “escrita”, levando em consideração o olhar e a forma de fazer resistência de Jeferson Tenório.

Em **O grau zero da escrita**, Roland Barthes (2006) diferencia “escrita” e “escritura”. A escrita refere-se ao sistema de códigos e convenções utilizados pelo autor para comunicar suas ideias, refletindo a posição do autor, sua escolha de gênero literário e até mesmo o tom político. Já a escritura diz respeito ao estilo individual do autor, marcado pela sua subjetividade, incluindo a forma de construir frases, o uso das metáforas e as emoções particulares. Barthes (2017) também associa a escritura à escrita do escritor, destacando que toda escritura é uma escrita, mas nem toda escrita é uma escritura. A escrita, dessa forma, pode abranger a fala ou a leitura, enquanto a escritura enfatiza o processo criativo, o fazer, podendo até substituir literatura ou o termo “escrevivência”.

Com base nessa distinção, cabe também analisar as pesquisas realizadas sobre Jeferson Tenório, principalmente relacionadas às obras aqui estudadas. Como já antecipado na introdução, a obra mais destacada no meio acadêmico é **O avesso da pele**. Entretanto, é pertinente revisitar também os estudos sobre seu primeiro romance, **O beijo na parede**.

Um estudo de 2019, pelas pesquisadoras Lorrana Ramos e Gínia Gomes na UFRGS, intitulado “As rachaduras do exílio: abandono e desamparo em **O beijo na parede**, de Jeferson” Tenório discute o abandono e o desamparo na obra **O beijo na parede**, focando principalmente na questão do exílio, ou seja, da migração forçada que João enfrenta ainda na infância. Já em 2023, Hugo Lengert publicou o artigo: “A representação do professor nos romances de Jeferson

Tenório”, no qual analisou o trabalho docente e a figura dos educadores nas escolas públicas presentes nos três romances do autor.

Em um artigo de 2023, “As intersecções na representação da mulher em **O avesso da pele** e **O beijo na parede**” que desenvolvi com meu orientador, abordamos o processo de reconhecimento e de “tornar-se” negro em **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, destacando as semelhanças e diferenças do processo das personagens João e Henrique. Outro trabalho, também de minha autoria em parceria com o meu orientador, publicado em 2024, com o título: “O reconhecimento da condição do ser negro no Brasil: uma leitura comparada de João em **O beijo na parede** e Henrique na obra **O avesso da pele** de Jeferson Tenório”, discutiu-se as intersecções de gênero, raça e classe nas representações femininas em ambas as obras, ressaltando a vulnerabilidade e a marginalização enfrentadas pelas personagens.

Sobre **O avesso da pele**, há uma quantidade significativa de estudos focados em temáticas raciais. Em 2023, Zimmermann publicou um artigo sobre a sistematização do racismo na obra, abordando discriminação racial e preconceito social, sem desconsiderar o aspecto estético-literário, intitulado: “A sistematização do racismo em **O Avesso da Pele**, de Jeferson Tenório”. No mesmo ano, Luiz, Silva e Cabral publicaram “A Constituição do sujeito negro em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório: uma imersão de temas contemporâneos”, um artigo que analisava a constituição do sujeito negro nesse romance, com enfoque em temas contemporâneos, a exemplo da violência simbólica, violência policial, necropolítica e racismo estrutural.

Carla Barreto (2022) também investigou, em seu artigo: “Racismo e violência policial em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório”, o racismo e a violência policial nessa obra, destacando as vivências de Henrique enquanto homem negro que é colocado em situações de inferioridade e violência. Em 2021, Abrantes e Lins produziram um artigo: “Corpo negro, corpo em risco”: uma leitura das complexas relações raciais em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório” que questiona como os personagens do livro lidam com as relações raciais, abordando, dessa forma, o corpo negro em risco e as complexas relações raciais que estes vivenciam. Além disso, o estudo aborda as ideologias de classe, os estereótipos difundidos e a necessidade de enxergar o sujeito negro sem o olhar do preconceito.

Ainda sobre **O avesso da pele**, o artigo “Realidade e ficção no romance **O avesso da pele**: a linha tênue entre dois mundos”, de Arley Vieira, Deyse Brito e Cacio Ferreira (2023) discute realidade e ficção na obra, focando nos aspectos sociais e memorialísticos, com uma análise do sentimento de pertencimento à negritude e da construção de uma sociedade racista que nega a existência do negro. Em 2023, Marzulo e Sassi investigaram o racismo e a violência

enquanto problemáticas na sociedade contemporânea em **O avesso da pele** e **Marrom e amarelo**, obra de Paulo Scoot. Aqui, eles analisam o espaço de Porto Alegre e sua condição histórica de segregação socioespacial.

Muitos outros trabalhos foram produzidos sobre a obra de Jeferson Tenório, levando em consideração sua grande proporção no cenário atual. Todavia, não há como fazer um aparato disso tudo nem é a nossa intenção. Retomamos esses estudos apenas para mostrar como se constrói, na perspectiva da academia, o projeto estético-literário do autor, principalmente no que tange às temáticas aqui estudadas, do racismo e da negritude.

4.2 O SER NEGRO E A CONSCIÊNCIA DE SI EM **O BEIJO NA PAREDE** E **O AVESSE DA PELE**

Nesta subseção, buscaremos compreender o que significa ser negro e o conceito de consciência de si, relacionado à ideia de autopercepção e afirmação identitária, com base nas obras **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório. Para essa discussão, utilizaremos a definição apresentada por Beatriz Nascimento (2021), em **Uma história feita por mãos negras**. Ao discorrer sobre o negro e o racismo, Nascimento explica que ser negro é enfrentar uma história de quase quinhentos anos de escravidão e resistir a toda dor que ela acarretou. Destaca também que ser negro é lidar com o sofrimento físico e moral provocado pela sensação de inexistência e não pertencimento a uma sociedade para a qual tanto contribuiu.

Além disso, Nascimento argumenta que ser negro não pode ser resumido a um estado de espírito, ou seja, à ideia de “sentir-se negro” ou de “comportar-se como negro”, como algumas pessoas brancas sugerem. Ser negro também não está vinculado a gostos pessoais ou ao estudo da questão racial. Por exemplo, um homem ou uma mulher branca não pode afirmar ser mais negro por estudar há mais tempo a questão da negritude ou por gostar de samba e frequentar a Umbanda. Da mesma forma, uma pessoa não se torna menos negra por alisar o cabelo ou ser cristã.

Assim, a resposta mais direta para o que significa ser negro se relaciona à questão da cor. No Brasil, é inevitável relacionar o ser negro às características do fenótipo. Independente da classe social ou da forma como está vestida, a primeira coisa que geralmente se nota em uma pessoa negra é a cor de sua pele. Por exemplo, mesmo que um homem negro esteja usando traje social, é mais provável que ele seja identificado como segurança do que como advogado. Esse tipo de estereótipo é evidente na narrativa com o personagem João, que desde a infância vivencia a exclusão dentro de toda a sua família pelo aspecto da diferenciação racial.

No segundo capítulo de **O beijo na parede**, João narra o racismo que sofreu em seu núcleo familiar: “Na família do meu pai, como eu disse, eram todos brancos, e depois eu soube que eles não queriam ter um parente pretinho como eu por perto, o que só descobri depois que cresci e fiquei menos bocó” (Tenório, 2020b, p. 18). Nesse episódio destaca-se o fator da mestiçagem. Mesmo sendo filho de pai branco, o que possivelmente configuraria João como um negro de pele clara, isso não o isenta de sofrer racismo nem de ser visto como negro, diferentemente de muitos que, no Brasil, não se identificam como negro.

No livro **Sociologia do negro brasileiro**, Clóvis Moura (2019) relata que, em uma pesquisa realizada pelo IBGE na década de 1980, as pessoas conceituaram a cor preta com 136 denominações diferentes, como, por exemplo, “bronzeador”, “café-com-leite”, “morena clara”, “quase negra” e “queimada”. Todas essas expressões foram utilizadas para evitar a autodeclaração como negro. Isso confirma como a cor da pele é o primeiro fator que define o que é ser negro e como há uma tendência a suavizar essa característica no discurso, optando por dizer que se é mais claro.

Em **O avesso da pele**, Henrique enfatiza para seu filho Pedro a importância de preservar aquilo que não é visível, pois a cor da pele atravessa o corpo e determina a forma de se estar no mundo: “E por mais que a sua vida seja medida pela cor, por mais que suas atitudes e modos de viver estejam sob esse domínio, você, de alguma forma, tem de preservar algo que não se encaixa nisso, entende?” (Tenório, 2020a, p. 61). Tanto no título do livro quanto nesse trecho é possível constatar que a identidade e, infelizmente, as violências começam pela cor da pele.

Ser negro significa também aceitar a sua identidade, como discutido nas seções anteriores, com base nas ideias de Neusa Souza e Kabengele Munanga. Logo, a aceitação da história, da coletividade e da identidade são fatores que definem a ideia de ser negro. Em seu livro **O negro visto por ele mesmo**, Beatriz Nascimento (2022) aponta que a identidade não apenas é construída a partir de um único elemento, mas nas inter-relações sociais, que combinam origem, meio formador, aspirações e frustrações.

Portanto, a formação de uma identidade ocorre ao longo da vida, em um processo que envolve tanto aspectos positivos quanto negativos. Uma constatação disso é o fato de que João só compreende que é negro e que isso o diferencia dos outros ao amadurecer. De maneira semelhante, Henrique só começa a tomar consciência de si e da hegemonia do mundo branco na universidade, com as aulas de literatura do professor Oliveira.

Será com ele que você tomará consciência de si e do mundo branco e que está inserido. Oliveira era poeta e professor de literatura. Usava cabelo black

power. Barba grande. Você ficou impressionado com aquele professor negro que falava de Shakespeare e Ogum com a mesma intensidade e beleza. A partir dali, sua vida não seria mais a mesma (Tenório, 2020a, p. 29).

As construções ideológicas de Henrique permitem que ele identifique o racismo, a branquitude, a negritude e a importância do autoconhecimento e do amor-próprio. A escritora bell hooks, no capítulo “Amar a negritude como resistência política”, do livro **Olhares negros: raça e representação**, aponta que, em um contexto de supremacia branca, no qual muitos países colonizados foram fundamentados, amar a negritude é uma postura política rara no cotidiano e que é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora pelos grupos dominantes.

Henrique experimenta isso ao questionar as piadas e comentários racistas feitos pela família de Juliana a seu respeito. Essa atitude, fruto do discernimento adquirido por Henrique, quebra uma estrutura que havia sido construída no seio familiar de Juliana, que o colocava como alvo de todos os discursos racistas possíveis. Ao expressar sua recusa em aceitar esses comportamentos e abordar a ideia do racismo com a namorada, Henrique percebeu o incômodo de Juliana, principalmente ao mencionar que não desejava mais participar dos almoços em família.

Sobre esse tipo de reação, bell hooks (2019b) aponta que é possível coexistir em uma pessoa a boa vontade junto a pensamentos racistas e atitudes de supremacia branca. Isso se manifesta no caso de Juliana, que, apesar de namorar um homem negro e amá-lo, considera desnecessária a abordagem da questão racial. Essa postura exemplifica o sistema de dominação no qual as pessoas brancas estão inseridas e o quanto o bem-estar delas deve ser compreendido e aceito. Embora testemunhe as dificuldades enfrentadas por Henrique, Juliana acredita que ele exagera, leva tudo muito a sério, demonstrando que, para ela, o que importa é a forma que ela e a família se sentem.

Além disso, bell hooks (2019b) afirma que a possibilidade de amar a negritude é vista como uma ameaça em uma estrutura de supremacia branca, sendo considerada perigosa e algo grave para a ordem social. Conseqüentemente, essa ação frequentemente é punida, podendo resultar em uma morte violenta. Isso ocorre com Henrique, que, no ápice de sua aceitação e resistência, é assassinado por um policial. Desse modo, compreende-se a complexidade da identidade negra, que, além de envolver um processo de tomada de consciência e aceitação, enfrenta as oposições da sociedade. Por esse motivo, a literatura tem uma significativa importância como meio de representar e explorar as complexidades da identidade negra.

A importância da literatura negra reside na sua capacidade de promover resistência ao desafiar estereótipos e narrativas hegemônicas que desumanizam e simplificam a experiência

negra. Escritoras como Carolina Maria de Jesus e Chimamanda Ngozi Adichie exemplificam essa resistência. Romances, contos e poemas ajudam a preservar e a celebrar a memória cultural africana e negra brasileira, abordando as tradições e a herança cultural. Ademais, a literatura permite a reflexão da pluralidade de experiências da identidade negra, tendo em vista a relação racial com as questões de classe, gênero, sexualidade e territorialidade.

Outro aspecto fundamental é o papel da literatura como ferramenta de resistência e confronto ao colonialismo, principalmente quando analisada sob a perspectiva pós-colonial e decolonial. Jeferson Tenório, por exemplo, desconstrói narrativas coloniais ao confrontar a perspectiva branca acerca da abolição da escravatura no livro **O beijo na parede**, além de oferecer uma nova perspectiva sobre situações que historicamente serviram para omitir verdades e até mesmo criar narrativas favoráveis ao colonizador.

Além disso, a literatura negra denuncia o racismo estrutural e a exclusão social, ao mesmo tempo que humaniza as experiências negras, como se observa nas obras de Tenório. Nesse sentido, a literatura tem sido usada também, e não somente, para reescrever a história a partir da perspectiva negra, possibilitando o resgate de protagonistas negros que foram apagados tanto dos relatos históricos quanto das narrativas ficcionais. Essa abordagem possibilita a construção de personagens negros complexos e multifacetados, que impactam a formação identitária de leitores negros e sensibilizam leitores não negros.

Henrique, protagonista da obra **O avesso da pele**, é um personagem que exemplifica como a falta de consciência sobre ser negro e suas implicações pode impedir a identificação das situações vividas e a percepção das violências sofridas. É apenas na fase adulta, dentro da universidade e de um relacionamento inter-racial, que ele começa a refletir sobre essas experiências. Entre elas destacam-se a sexualização do corpo, os ataques no campo do discurso e as abordagens policiais, seguidas ou não de acusações infundadas. A respeito dessa questão, Munanga afirma que

[e]ntre seus problemas específicos está, entre outros, alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e conseqüentemente sua “inferiorização” e baixa estima; a falta de conscientização histórica e política, etc. Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva. A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade (Munanga, 2020, p. 19).

Desse modo, é somente a partir da consciência da sua condição como negro no país e do legado de seus antepassados — tanto em relação à escravidão e às violências sofridas quanto à assimilação das suas riquezas culturais — que os sujeitos pretos podem recuperar sua identidade. Essa questão se concretiza na obra quando Henrique assimila o conhecimento transmitido pelo professor Oliveira sobre Malcom X e Martin Luther King, além das reflexões sobre a desconstrução da ideia de raça.

A aceitação dos atributos físicos emerge a partir da construção de figuras exemplares, como o professor, que usava cabelo *black power* e barba grande, evidenciando um outro ideal de beleza na construção racial de Henrique. Diferentemente de Henrique, João, protagonista de **O beijo na parede**, tem acesso ao entendimento de sua identidade como criança preta e às implicações disso bem mais cedo e fora do ambiente acadêmico, tendo em vista que na escola ele é instruído segundo a perspectiva do colonizador. Sobre isso, Munanga disserta que

[é] através da educação que a herança social de um povo legada às gerações futuras é inscrita na história. Privados da escola tradicional, proibida e combatida, para os filhos negros a única possibilidade é o aprendizado do colonizador. Ora, a maior parte das crianças está nas ruas. E aquela que tem a oportunidade de ser acolhida não se salva: a memória que lhe inculcam não é do seu povo; a história que lhe ensinam é outra; os ancestrais africanos são substituídos por gauleses e francos de cabelos loiros e olhos azuis; os livros estudados lhe falam de um mundo totalmente estranho, da neve do inverno que nunca viu, da história e da geografia das metrópoles; o mestre a escola representa universo muito diferente daquele que sempre a circundou. Quando pode fugir do analfabetismo, o negro aprende a língua do colonizador, porque a materna, considerada inferior, não lhe permite interferir na vida social, nos guichês da administração, na burocracia, na magistratura, na tecnologia, etc (Munanga, 2020, p. 32-33).

Identificam-se alguns fatores de diferenciação nas narrativas: o papel da educação formal na construção racial, o momento de tomada de consciência da negritude e o meio pelo qual esse conhecimento é transmitido. Enquanto a universidade proporciona a Henrique uma construção racial crítica, permitindo que ele reflita sobre questões relacionadas ao racismo, na educação básica, João é ensinado sob a ótica do colonizador, que reforça a superioridade e a bondade dos brancos em contraposição à animalização dos negros escravizados.

Nesse viés, Carneiro (2023) menciona que é no espaço universitário que o sujeito negro, muitas vezes, consegue acessar materiais produzidos por pessoas negras e sobre pessoas negras, o que evidencia saberes ocultados pelo poder hegemônico. Henrique, por exemplo, entra em contato com teóricos e literaturas de pessoas pretas e sobre pessoas pretas na universidade, algo que é muito comum na realidade contemporânea. Isso foi marcante em minha própria

experiência na turma de graduação, na qual ninguém teve acesso a essas informações no ensino básico.

Jeferson Tenório destaca essa disparidade de maneira proposital, expondo uma realidade que persiste no ensino fundamental e médio do Brasil, em que muitos professores e materiais didáticos ainda sustentam essa narrativa deturpada. Enquanto Henrique toma consciência de sua negritude na universidade, João só descobre sua condição pelas vivências como uma criança em situação de rua, excluído pelos parentes devido à sua cor e alvo de piadas na escola.

Posso dizer a vocês que foi na escola que soube pela primeira vez que eu era negro. Até então eu também era ignorante nesse assunto. Na escola Cícero Pena, em Copacabana, meus colegas faziam muitas piadas sobre negros. No começo eu até achava graça. E digo a vocês que é terrivelmente ruim viver na ignorância. E a gente nunca nega por acaso, porque antes de ser negro a gente tem que aceitar, entender que a gente tem uma cor preta, e que isso faz diferença na vida (Tenório, 2020b, p. 19-20).

No ambiente escolar, em vez de João aprender sobre a questão da negritude, ele é envolto nas narrativas racistas que o inferiorizam e o colocam no lugar do “outro”, do diferente. Em contraste ao que João vivencia, Henrique aprende na universidade toda a crueldade do colonialismo. Infelizmente, a escola ainda se configura como uma das instituições que frequentemente permite e valida esse tipo de comportamento, minimizando a gravidade do *bullying* e sua capacidade de destruir a vida de uma criança. No discurso de João, é possível notar o reconhecimento de que a ignorância é limitante para quem é preto, ressaltando a importância de compreender a condição de ser uma pessoa preta no Brasil. Ele diz o seguinte ao abordar a educação histórica pelo viés eurocêntrico:

Tu sabes onde fica a África, meu filho? Tentei me lembrar das minhas aulas de geografia. Mas nunca aprendemos nada sobre a África, a não ser que é de lá que os escravos vieram. Mesmo assim arrisquei dizer alguma coisa. “A África fica do outro lado do oceano”, eu disse. Neste momento uma Teresa Rio com certo deboche. “Você já foi contaminado pelos brancos, né, meu filho?”, disse, passando a mão na minha cabeça [...] “A África também existe aqui neste terreiro, e também existe lá, depois do mar. Está nas Europas. A África é em todo lugar” (Tenório, 2020b, p. 71-72).

O excerto acima exemplifica como a educação influencia a formação da consciência e da identidade da criança. Nesse trecho, João é confrontado com a falta de ensino e de conhecimento sobre a história e a cultura de seus ancestrais na escola. É com uma mãe de santo que ele compreende um pouco mais sobre aquilo que foi ocultado dele no espaço escolar. É a

partir desses encontros que ele vai construindo sua espiritualidade e o discernimento sobre sua identidade como sujeito preto no Sul do país.

Nas duas obras, há uma relação da religiosidade com construção da identidade racial, principalmente nas religiões de matriz africana, com a figura de Ogum — divindade iorubá, do Candomblé e da Umbanda. Ogum, associado à força, coragem, determinação e à justiça, aparece simbolicamente como auxílio na superação das adversidades, sendo um ponto de apoio para o luto de Pedro e de João. Logo, contata-se que a espiritualidade foi um meio que possibilitou o autoconhecimento e a reconstrução da identidade. No caso de Henrique, além da religiosidade, o ambiente acadêmico e sua experiência de relacionamento amoroso com uma mulher branca também contribuíram nesse processo. Para João, as vivências práticas, marcadas pelo seu olhar atento e sagaz às dinâmicas do racismo, também desempenharam papel crucial.

É necessário, no entanto, abrir um parêntese para abordar a questão da mulher negra, pois, na obra **O avesso da pele**, existem considerações pertinentes sobre os processos de aceitação da mulher negra, que se distinguem das questões do homem. Nesse sentido, Saharienne faz críticas contundentes sobre a condição das mulheres negras na sociedade e sobre a questão da aceitação do próprio corpo e do cabelo (Tenório, 2020a). Além dela, Martha, ao discutir com Henrique diz o seguinte:

O movimento negro nunca fez nada por mim. O movimento negro acha que tudo se resume à cor da pele. Se esquecem que ser um homem negro é muito diferente de ser uma mulher negra. E às vezes vocês, por serem homens negros, acham que está tudo resolvido, que estamos sempre no mesmo barco e que o racismo justifica todas as merdas que vocês fazem com as mulheres. Além disso, eu queria saber onde o movimento negro estava quando me assediavam na praia quando eu tinha treze anos. [...]. Eu não quero dizer que essa história de negritude não tem importância, não é isso, mas esse tipo de movimento coloca todos nós no mesmo balaio. Os negros são diferentes. Nós não somos iguais (Tenório, 2020a, p. 76).

Apesar de individualizar muito uma questão que é estrutural na sociedade, Martha exterioriza um problema que realmente existe: a dupla ou até tripla violência que recai sobre a mulher negra. Aqui, ela faz uma crítica pontual tanto ao movimento da negritude, que muitas vezes negligencia as demandas específicas da mulher negra, quanto ao feminismo, que frequentemente invisibiliza essas mulheres em suas pautas. Dessa forma, a mulher negra é relegada ao esquecimento nas lutas por direitos e reconhecimento. Luara, irmã de Henrique, complementa esse ponto acrescentando que, embora os homens negros sofram inúmeras violências, as mulheres negras enfrentam outras, algumas semelhantes, mas também marcadas por diferenças significativas (Tenório, 2020a).

Essa realidade tem mudado gradativamente, mas é necessário manter essa discussão em evidência. Lélia González (2020) resalta que nós, mulheres negras, sentimos a necessidade de aprofundar nossa reflexão sobre os problemas que nos atingem e por isso é tão importante ter consciência e fugir do lugar de alienação, de esquecimento e de um discurso ideológico de exclusão até da própria memória.

Infelizmente, ao se falar sobre consciência racial, o indivíduo enfrenta processos dolorosos que envolvem não apenas reconhecer experiências passadas e presentes, mas também perceber situações que antes não identificava como discursos racistas. Esse reconhecimento traz, simultaneamente, a necessidade de se acostumar e de buscar formas de sobrevivência e de resistência, como o hábito de carregar documentos sempre consigo. Luara, irmã de Henrique, evidencia essa perspectiva em **O avesso da pele**.

Minha tia me olhou com tristeza e disse que a gente se acostuma. A gente se acostuma com tudo. A gente se acostuma quando você caminha na rua e as pessoas recolhem as bolsas e mochilas, a gente se acostuma com os próprios homens preferem as negras mais claras, a gente se acostuma a ser só. A gente se acostuma a chegar numa entrevista de emprego e fingir que não percebeu a cara desapontada do entrevistador. Mas não estou reclamando, porque com passar dos anos eu aprendi a me defender bem. Aprendi a inventar estratégias de sobrevivência. Seu pai também teve de inventar estratégias. Mas isso não significa que sejamos sempre bem-sucedidos. Quero dizer que nós, às vezes, falhamos. E falhar, no nosso caso, pode resultar num erro fatal (Tenório, 2020a, p. 181).

Esse discurso de Luara ocorre após o assassinato de Henrique. Nele é possível observar a consciência sobre o racismo estrutural e o quanto isso modifica a vida da pessoa preta no Brasil, forçando-a normalizar aquilo que não é normal e que até mesmo fere os direitos constitucionais. Tudo o que ocorre com Henrique e com João nas narrativas, além dos outros personagens, era sempre visto com um olhar de pena.

Nesse sentido, observa-se que há uma interseção entre as duas obras, tendo em vista que a construção dos personagens diante das situações de racismo e de consciência de ser negro são bem semelhantes, mesmo com os pontos de diferença. Todavia, essas diferenças também contribuem para que seja possível observar as diversas formas de violência, opressão, omissão, racismo e de tomada de consciência que estão nas obras, mas que retratam também uma realidade do Brasil contemporâneo.

O próprio título, **O beijo na parede**, é carregado de simbolismo e representa uma metáfora sobre as experiências de luta, resistência e ausência de afeto enfrentadas por pessoas marginalizadas. A imagem do beijo na parede remete a um gesto solitário em busca de algo

inalcançável ou não correspondido. Essa metáfora também reflete o que permeia a vida de outras personagens da obra, como Verônica, Estela e Dinorah. Ao final do livro, João até mesmo aconselha “[...] se um dia tiverem a necessidade de beijar uma parede, vão em frente. É preciso não ter medo” (Tenório, 2020b, p. 134).

Já **O avesso da pele** sugere aquilo que está além da superfície, que é invisível, mas profundamente sentido, como as dores, as marcas emocionais e as experiências que moldam a vida de indivíduos negros em um contexto de exclusão e no processo de consciência racial, a exemplo do que acontece com Henrique, Pedro, Martha e Luara. Desse modo, as narrativas contribuem para a formação de uma consciência crítica sobre o racismo estrutural no Brasil. Isso ocorre por meio de histórias desenvolvidas em espaços do cotidiano e nas relações interpessoais que vão do mercado de trabalho ao ambiente familiar.

Tenório não denuncia apenas a violência explícita, mas também destaca as sutis microagressões que perpetuam as desigualdades. Consequentemente, os livros exploram a jornada dos personagens com o inevitável reconhecimento dos desafios que a opressão impõe aos negros no Brasil. Ademais, as obras apresentam a riqueza cultural e a resistência que atravessa a negritude daqueles que de alguma forma obtiveram a consciência racial.

As estratégias utilizadas pelo autor, nas duas narrativas, aproximam os leitores das dores e lutas vividas pelos negros no Brasil. Isso pode despertar uma capacidade de empatia para que o leitor também tenha conhecimento sobre o racismo e até mesmo o leve a uma tomada de consciência racial que o faça reconhecer seu papel no combate ao racismo. Desse modo, constata-se que ser negro nas obras é mais que uma experiência imposta pelo racismo, é um processo de construção de autonomia e resistência.

Lélia Gonzalez (2020) afirma que, enquanto a questão negra não for assumida por toda a sociedade brasileira, negros e brancos, e juntos desenvolverem uma política de conscientização, a partir de reflexões e avaliações da discriminação racial no país, será muito difícil efetivar a ideia de democracia racial. Assim, é primordial compreender que, apesar da tomada de consciência ser algo particular de quem é negro, a atitude de resistência e de combate àquilo que atravessa o povo negro é algo que deve fazer parte da vida de todo brasileiro.

Complementando essa linha de raciocínio, Abdias Nascimento (2016) assevera que os negros, no Brasil, não são incluídos como grupo racial, não sendo vistos como seres humanos nem como cidadãos plenos. Por isso, é imprescindível uma luta coletiva de combate ao racismo e ao genocídio negro, que não deve ser responsabilidade exclusiva das pessoas pretas, mas de toda a sociedade. Essa mobilização deve visar a combater a tentativa de extinguir os negros como entidade física e cultural.

Nesse contexto, a ativista Sueli Carneiro (2023) explica que, em uma sociedade pautada por parâmetros da cultura ocidental, ser negro é considerado uma transgressão, tendo em vista que há um ideal de brancura e civilidade, os quais não são atrelados ao negro. Para resistir a essas imposições e criar novas possibilidades, a ativista propõe a ideia de “cuidado de si” — termo originalmente cunhado por Foucault, mas aqui ressignificado. Essa expressão está vinculada ao sentido de pertencer a uma causa e também à construção da consciência racial como um meio de luta política voltada para a emancipação coletiva.

Dessa forma, a luta racial que emerge a partir da tomada de consciência não é algo inato, como mostram os personagens das obras analisadas, mas um engajamento que surge a partir da resistência aos dispositivos de poder e de racialidade. A resistência de João, Henrique, Luara, Martha e tantos outros personagens nasce dessa consciência racial e política. O reconhecimento do valor como indivíduo tem uma importância significativa na vida da pessoa preta, pois ela compreende e confronta o que foi usado para discriminá-la (Carneiro, 2023).

Nessas duas obras, Jeferson Tenório explora, de forma sensível e contente, a experiência de ser negro e desenvolver a consciência de si no contexto de exclusão social e racial. É evidente que, em ambas as narrativas, o processo de tomada de consciência de si ocorre de forma dolorosa, marcado pela interseção entre identidade e opressões estruturais. Enquanto João descobre o peso da sua identidade a partir do abandono e da solidão, Pedro compreende a sua identidade ao revisitar a história do pai, que também vivencia um processo de consciência particular e mais tardio.

Os dois protagonistas demonstram que a consciência de ser negro transcende o corpo físico, sendo vivida na pele e no avesso dela, ou seja, nos sentimentos de invisibilidade, nas agressões diárias e na exclusão estrutural. Dessa forma, Jeferson Tenório utiliza as suas narrativas como uma ferramenta de resistência, retratando as nuances emocionais e históricas que constituem a identidade negra, mas também contribuindo para uma consciência racial dos leitores. Assim, as obras promovem a valorização da negritude e estimula os leitores a refletirem sobre suas próprias consciências e os impactos do racismo.

4.3 A LITERATURA NEGRA DE JEFERSON TENÓRIO COMO RESISTÊNCIA AO RACISMO

Nas seções anteriores, foi realizada uma contextualização sobre a representação do negro em diversas fases da literatura brasileira. Digo “fases” porque é possível observar uma construção totalmente distinta quando se compara diferentes escritores, inclusive da mesma

época, e a maneira como abordam a questão racial. Nessa última parte da dissertação, porém, focaremos especificamente na literatura de Jeferson Tenório, autor aqui estudado, destacando os aspectos de resistência ao racismo presentes em seus romances.

Para fins explicativos, iniciaremos com a discussão sobre o conceito de literatura negra, principalmente sob um viés político, e como ela tem sido historicamente utilizada como uma forma de resistência. Além disso, será abordado o papel dos escritores negros no Brasil e a importância de suas obras para contexto atual. Desse modo, será possível estabelecer conexões entre essas ideias e a escrita de Jeferson Tenório, destacando trechos de suas obras, com temas recorrentes que apontam o racismo e a resistência a ele, além de reforçar a representação das personagens negras. Por fim, refletiremos sobre o cenário literário e social, analisando a recepção desses textos.

De acordo com Cuti (2010), a produção literária de negros e brancos se diferencia por um olhar subjetivo e socioideológico, especialmente no que diz respeito às questões raciais. Essa ideia dialoga com o que propõe Duarte (2019), que observa um distanciamento dos autores brancos em relação aos personagens pretos, ao passo que os autores negros constroem trajetórias de identidade.

Como já mencionado em seção anterior, adota-se aqui a nomenclatura “literatura negra” em vez de “afro-brasileira”, pois a primeira é fundamentada por estudiosos, inclusive de fora do ambiente acadêmico, e preferida por grande parte dos autores negros do Brasil, como afirma Cuti (2010). Um exemplo disso são os autores contemporâneos, como Conceição Evaristo e o próprio Jeferson Tenório.

Prefere-se “negro” justamente porque esse termo, historicamente, carrega uma conotação negativa e preconceituosa. Contudo, tendo em vista as lutas do povo negro, busca-se uma reformulação do termo como parte da nossa identidade, transformando-o em uma afirmação positiva. Dessa forma, ao conceituar essas literaturas como negro-brasileira, evoca-se o racismo e as vivências dos negros, em contraste com o termo “afro”, que pode se referir a qualquer pessoa, de qualquer lugar que tenha relação com o continente africano, sem necessariamente envolver as experiências de racismo e as outras violências que o negro no Brasil vivencia.

Cuti (2010) sinaliza que a palavra “negro” nos remete àqueles que perderam a identidade original no processo de colonização e precisaram construir uma nova, por meio da luta por suas conquistas, como ocorreu na Frente Negra Brasileira (FNB). Por isso, quando se fala do termo “negro/negra”, na literatura, trata-se também de questão política, que leva em consideração o contexto social e histórico do Brasil. Assumir-se enquanto negro e gostar disso é uma questão

ideológica e de identidade. Nesse sentido, utilizar o termo “afro” desvincula totalmente os sentidos das lutas.

Cuti (2010) exemplifica dizendo que ninguém usa uma camisa “100% afro-brasileiro”, mas sim “100% negro”, pois essa expressão manifesta um ideal e uma luta, seja contra os padrões estéticos, culturais, políticos ou de segurança. Identificar-se com essa palavra é se comprometer com uma política antirracista e estar atento aos estereótipos, pois ela revela um problema que a sociedade insiste em ignorar: o racismo.

Até recentemente o negro era objeto da escrita dos brancos sendo tratado como uma espécie de “para-raios” para todo tipo de estereótipos e construções racistas. Entretanto, essa construção sobre o negro foi mudando à medida que os movimentos pela igualdade racial e social se fortaleceram. A forma de representação na literatura também se transformou a partir disso, pois abriu um ambiente mais propício para a escrita de pessoas pretas, além de ter propiciado uma compreensão melhor sobre o racismo e a consciência de ser negro. A professora Carina Bertizzi de Lima, em seu artigo “Literatura negra: uma outra história”, escreve que

[c]om a ascensão dos movimentos de consciência negra no Brasil, como o Movimento Negro Unificado, do Rio de Janeiro, a Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (SINBA), em 1972, e outros movimentos a partir de então, a literatura negra ganha destaque. Engajada na luta em prol dos direitos do cidadão afro-brasileiro, ela suplanta a literatura sobre o negro e faz agora uma literatura do negro e para o negro, com todas as particularidades sonoras, visuais e temáticas que a caracterizam, mas sem limitá-la a ser apenas um instrumento de resistência, como ocorre, por exemplo, nos manifestos comunistas (Lima, 2009, p. 72).

Um ponto interessante mencionado pela professora é o de que a literatura não é apenas um instrumento de resistência. Mas o que isso quer dizer? Essa afirmação destaca que não podemos esquecer ou apagar, mesmo dos estudos, críticas e produções, o caráter literário, poético e ficcional da literatura. A literatura negra não fala somente sobre racismo e temáticas relacionadas a isso, pois, se assim fosse, não seria um texto literário, que deve abordar diversas camadas e fatores, mas seria um documento histórico ou um estudo como qualquer outro.

Todavia, as obras literárias, mesmo quando focam no aspecto do racismo para combater o preconceito, ainda assim produzem inovações estéticas que servem também para apresentar o orgulho que o negro brasileiro tem da sua origem, história e cultura. Dessa forma, o escritor negro não precisa estar restrito a temas raciais ou ao campo da denúncia. O escritor negro, assim como qualquer outro, é uma pessoa que escreve no plano estético. Em contraposição, mesmo quando um autor negro não se dedica a escrever com foco no racismo, ele ainda resiste por ser

uma pessoa negra escrevendo em um país que desvaloriza tudo aquilo que vem dessa população.

Quanto à resistência ao racismo, no artigo “Literatura e resistência no Brasil hoje”, Regina Dalcastagnè (2017) discorre sobre como a resistência na literatura se manifesta na produção de autores e autoras negros, pobres e de periferia, que escrevem mesmo diante de um mundo que nega a experiência negra e o valor de sua escrita. Essa resistência também se reflete nas temáticas literárias, como, por exemplo, as memórias do povo negro, que foram historicamente apagadas. Ana Rita Santiago acrescenta que

[a] literatura negra caracteriza-se por figurar, entre outros aspectos, a afirmação de identidades negras; o foco discursivo com temas da vida e da população negra; e a ficcionalização e a poetização de repertórios culturais negros na história do Brasil, mas também no tempo presente. Assim, a textualidade de escritores (as) negros (as), pautada na experiência, individual e coletiva, de tornar-se negro (a) na sociedade brasileira, implica em cantar a afrodescendência, a resistência negra, mas também perfilhar os entraves e dilemas das relações sociais e, acima de tudo, étnico-raciais estabelecidos pelo racismo (Santiago, 2020, p. 216).

Nesse sentido, a literatura negra brasileira resiste ao focar em temas que permeiam a vida da população negra, não somente pautando aquilo que é problemático, como racismo, mas também destacando o que é bom, como os saberes e a cultura negra. Ao comentar sobre o discurso literário, Conceição Evaristo (2009) pontua que a escolha de personagens e histórias já é uma atitude de resistência na medida em que ela se distancia do que é proposto pela literatura canônica, vinculada muitas vezes às classes detentoras do poder social, político e econômico.

É um fato que a literatura brasileira é predominantemente branca. Por isso, a resistência se manifesta na construção de personagens e enredos que destoam da literatura majoritária, a qual frequentemente representa os personagens negros por meio de estereótipos ou os mantém na invisibilidade. Carneiro (2023) assevera que, na maior parte das vezes, a resistência negra se configura como esforço dramático para garantir que seus direitos constituídos sejam preservados, como o direito à vida, além da tentativa de romper com os gatilhos do biopoder.

Desse modo, a literatura pode não apenas representar essas questões, mas também conquistar o respeito de uma sociedade preconceituosa como a brasileira, que não admite que é racista. Assim, pode ser possível a concretização do processo de igualdade de direitos, além de expressar as diversas faces da cultura brasileira, que está em constante movimento, a exemplo da própria literatura, como pontua Lima (2009).

Evaristo (2010) afirma que a postura ideológica de resistência que chega ao Brasil, a partir dos movimentos sociais, possibilita um discurso mais enfático ao denunciar a condição do negro brasileiro, mas também valoriza o negro e tudo o que faz parte do seu mundo, rompendo com os discursos produzidos nos séculos anteriores. Ela ressalta, ainda, a ideia de coletividade, ou seja, quando um sujeito fala de si, ele fala também de seus semelhantes. Dessa forma, na literatura, tudo se torna coletivo, pois o coletivo abrange os indivíduos, já que um indivíduo relata experiências que outros também vivenciaram.

A resistência ao racismo na escrita não se dá apenas pela afirmação da cor da pele, mas também pela posição ideológica assumida, pela compreensão de ser negro em um país colonizado. Para ter uma literatura negra, antes é necessário ter a consciência, ou seja, compreender as questões relacionadas à negritude. Por esse motivo é tão necessária a atuação de autores negros no Brasil. Em um país construído por mãos negras, mas que na maioria das vezes só valoriza o que vem do colonizador branco, é importante evidenciar as contribuições, os valores e a identidade negra.

A produção literária de autores negros possibilita a ampliação das vozes historicamente marginalizadas, trazendo narrativas que questionam as estruturas de poder e oportunizam um novo olhar sobre a formação da identidade nacional. Essas obras, ao dialogarem com a questão da resistência, da memória e da raça, enriquecem o campo literário e modificam a posição em que o negro foi posto por séculos, permitindo seu reposicionamento como protagonistas de suas próprias histórias, quebrando os estereótipos e questionando os espaços de pertencimento na cultura nacional. Um exemplo disso é o próprio Jeferson Tenório.

A literatura de Jeferson Tenório, como o próprio autor afirma em entrevista ao *Homo Literatus*, em 2015, tem um foco na questão racial, pois ele é afetado por isso diariamente. Dessa forma, constata-se que a escrita de Tenório faz parte da literatura negra não só por se encaixar nas classificações propostas por Duarte (2019), mas por também se engajar na luta antirracista, como é esperado de uma literatura negra, conforme a caracterização de Cuti (2010). Nesse sentido, confirma-se que ele se adequa ao que foi proposto anteriormente, principalmente por expor, tanto na literatura quanto sua vida pessoal, sua consciência racial, política e ideológica, além de evidenciar os aspectos de tomada de consciência dos personagens e a valorização da herança africana, como constatamos a partir da análise a seguir.

No romance **O beijo na parede**, o racismo e a consciência de ser negro já é evidente no início da vida de João, narrador e protagonista da obra. João é uma criança que narra sua trajetória de vida dos oito aos onze anos de idade. É nesse percurso que vamos notar a construção da memória, da consciência racial e das desigualdades de João ainda na infância e

a vivência dos diversos tipos de violência que o atingem enquanto criança negra no Sul do Brasil.

A memória nessa obra é construída a partir da própria narração do protagonista. João conta de forma não linear o que ocorre com a sua família e amigos. Por exemplo, já no primeiro capítulo, João situa o leitor no dia 1º de maio de 1994, data em que morreu Ayrton Senna, para posteriormente abordar a morte da vó e da mãe. Há uma confusão temporal, pois ele não é cronológico nem linear, tendo em vista que, em uma mesma página, João cita o presente, o futuro próximo e um futuro um pouco mais distante, ou seja, fatos que ele ainda irá explicar nos próximos capítulos.

Algumas dessas memórias que João narra são sobre as desigualdades que vivenciou enquanto uma criança negra e pobre no Brasil. No primeiro capítulo, João conta que morava em Copacabana, na Ladeira dos Tabajaras, uma favela na zona sul do Rio de Janeiro, com o pai, um homem ausente e alcoólatra, e a mãe, uma mulher que a cada dia ia perdendo as memórias por conta dos sofrimentos. Sobre esse lugar, ele cita:

Se bem que quando chovia na Ladeira do Tabajaras era um deus nos acuda. Nossa casa não tinha ameaça de cair morro abaixo, mas os vizinhos da parte mais alta vinham buscar abrigo na nossa sala. Sem contar os alagamentos no pé da ladeira, que deixavam todo mundo ilhado. E esse foi um dos motivos que fez a gente se mudar para Lapa. Eu disse que foi um dos motivos porque, além dos alagamentos, havia também os tiroteios por causa das brigas dos traficantes (Tenório, 2020b, p. 9).

É inegável a situação de perigo e descaso das periferias no Brasil. A favela citada por João é historicamente uma das comunidades que enfrentaram processos de expulsão dos moradores promovidos por órgãos do Estado, desconsiderando completamente os direitos desses cidadãos. Durante o período em que muitas pessoas ainda residiam nesse local, João expressa a necessidade de sair dali para ter um futuro, devido à falta de saneamento básico e ao alto risco representado pelos conflitos entre traficantes.

Após a perda da mãe, a situação de João piora significativamente. Nesse contexto, ele narra dois aspectos que refletem a vida de centenas de crianças no Brasil: o trabalho infantil e a falta de comida em casa. Ele menciona: “Comecei a trabalhar com meu pai aos oito anos. Nesse tempo desisti da escola. Meu pai não se incomodou com isso. Até porque ele nunca achou alguma utilidade para o estudo. A única coisa que eu sabia era fazer conta” (Tenório, 2020b, p. 20).

Lélia Gonzalez (2020) ressalta que a juventude negra brasileira e suas famílias frequentemente lutam pela sobrevivência, recorrendo a todas as formas possíveis para obter

alimento e lidar com o estado de “fome congênita”. Nesse sentido, muitas crianças são impedidas de ir para escola porque precisam ajudar nessa luta diária, desempenhando trabalhos como vendedores, engraxates ou lavadores de carro.

Na trajetória de João, o abandono escolar é seguido pela falta de afeto familiar. Sua situação se agrava quando o pai comete suicídio: “[...] uma criança sem pai e nem mãe vira um problema para as pessoas mais velhas, para o governo, para polícia, para o juizado de menores e também para as instituições de caridade” (Tenório, 2020b, p. 38). Esse momento marca a transição definitiva de João para a vida nas ruas. Sem ter nenhum familiar disposto a acolhê-lo, ele compreende que viverá sozinho e decide que não quer ser um problema para ninguém.

Essa situação, embora representada na ficção, reflete uma condição social real. Como discutido, Tenório faz de sua obra um meio para resistir a essas estruturas. Nesse sentido uma pesquisa publicada pela Agência Brasil, em 2020, revelou que cerca de 85% das crianças e adolescentes em situação de rua são pretos ou pardos, destacando o impacto do racismo estrutural. A repórter Camila Boehm observa que a pesquisa identificou violações de direitos, racismo estrutural, trabalho precoce, violência vivenciada nas ruas e baixa escolaridade.

Com alguns pontos de semelhança, na obra **O avesso da pele**, Henrique também desenvolve consciência do racismo e de sua identidade negra, mas somente na juventude. A memória é recobrada por seu filho, Pedro, que utiliza essa memória ancestral, onisciente e onipresente, para rememorar as vivências do pai, sobretudo aquelas que são relacionadas ao racismo e ao fatídico dia de seu assassinato. Já na primeira página, Pedro diz o seguinte: “Há nos objetos memórias de você, mas parece que tudo que restou deles me agride ou me conforta, porque são sobras de afeto. Em silêncio, esses mesmos objetos me contam sobre você. É com eles que te invento e te recupero” (Tenório, 2020a, p. 13).

A narração de Pedro inicia-se a partir da observação desses objetos, que o transportam para todas as vivências que teve com o pai, além de acessar uma memória onisciente ao recordar momentos anteriores à sua própria existência. Assim como na primeira obra publicada pelo autor, a narrativa em **O avesso da pele** não segue uma ordem linear ou cronológica. A narração alterna entre passado, presente e futuro, revelando fragmentos de lembranças e acontecimentos. Nesse sentido, o destaque das duas obras é justamente esse fator psicológico e de alternância temporal ao narrar a história.

Pedro narra a tomada de consciência racial, tanto sua quanto de Henrique, e aponta as inúmeras violências enfrentadas pelo pai e a desigualdade que sempre o atravessou. Ademais, o narrador aponta os discursos femininos sobre a interseccionalidade de raça e gênero. Sobre as desigualdades, além da diferença de tratamento que Henrique vivencia desde a infância,

sobre as quais trataremos mais adiante no fator racial, cabe também mencionar o que Martha, ex-mulher de Henrique, vive ainda na juventude, quando foi praticamente reduzida à condição de empregada da família de seu então namorado branco.

Todas essas situações de desigualdade mencionadas nos dois livros podem levar a interpretações equivocadas, como a de que tais questões não têm relação com a cor da pele ou de que o racismo não existe no Brasil. Contudo, a resistência na escrita do autor se encontra também nessas entrelinhas. Nesse viés, em resposta a esses questionamentos, Lélia Gonzalez repete alguns discursos muito comuns.

Racismo? No Brasil? Quem foi que disse? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com as feições tão fina... Nem parece preto (Gonzales, 2020, p. 78).

Nesse trecho, de forma irônica, Gonzalez resalta alguns discursos que sustentam a ideia de democracia racial no Brasil. Aqui dois pontos merecem destaque: a negação da existência do racismo no país e a crença de que determinadas qualidades são inerentes aos brancos. Isso, conseqüentemente, invalida todo um contexto social de desigualdade, fortalecendo a ideia de meritocracia e culpabilizando os indivíduos pela própria pobreza, em vez de responsabilizar o sistema. Um exemplo recente foi a declaração de Thiago Nigro, um influenciador de finanças, que, em 2023, afirmou que não existe pobreza que resista a quatorze horas de trabalho, ou o comentário da atriz Lívian Aragão, que, em um vídeo, disse que todas as pessoas tem as mesmas vinte e quatro horas e que o que as diferencia é a produtividade de quem consegue realizar mais. Sobre isso, Gonzalez (2020) explica que a redução de problemas raciais a questões meramente econômicas ou individuais reforça o mito da democracia racial, apagando a complexidade das desigualdades estruturais e sistêmicas.

Quanto à questão da violência na obra **O beijo na parede**, João narra suas primeiras experiências marcadas por preconceito, destacando três âmbitos principais: família, escola e espaços públicos, como a praia. Ao chegar em Porto Alegre, após a morte da mãe, João observa que todos os familiares paternos são brancos, diferente dele e da mãe, e que essa diferença na cor da pele fez com que ele frequentemente fosse olhado com indiferença. Essa violência, embora não seja física, sexual ou psicológica de forma explícita, se manifesta no olhar que o inferioriza e o relega à margem, mesmo que não entenda inicialmente, como também ocorreu com João. Outro episódio em que João resiste às imposições acontece na escola.

Um dia eu tive uma professora que me explicou tudo sobre a escravidão. Disse que nós, os negros, fomos trazidos acorrentados em navios negreiros. Que os negros eram tratados como animais, que os negros levavam chibatadas, que foram passivos e que se deixavam escravizar. Assistimos a muitos filmes sobre as senzalas, sobre os quilombos, e sempre que isso acontecia meus colegas brancos me apontavam na tela e me chamavam de escravo. [...]. Outro dia, a professora disse que houve a Lei Áurea e a Princesa Isabel deixou os negros serem livres. Tomei coragem e perguntei o que aconteceu depois que os negros puderam ser livres, e a professora não respondeu encerrou a aula, mas desconfio que aquela professora loira até sentia pena de nós, os negros (Tenório, 2020b, p. 19-20).

Mesmo sendo uma criança, ao questionar o que a professora coloca como verdade, João resiste a esse ponto de vista da história. Esse tipo de perspectiva histórica é inquestionavelmente ainda presente nos discursos de alguns professores nas escolas brasileiras. Infelizmente, isso expõe os alunos à propagação de ideias racistas, como é possível observar no que ocorre com João na narrativa e, até mesmo, nos diversos casos de *bullying* que são retratados anualmente no Brasil. Outra situação ocorre quando João, Ramiro, Bento e Pouca Força foram à praia e ofereceram a eles restos de comida jogados no lixo.

Quando a família terminou a refeição, as meninas jogaram os sanduíches no chão e começaram a pisar com os pés cheios de areia [...]. Na volta ele passou nos olhando. Ficamos olhando para ele também. Na metade do caminho, o homem pareceu ter se lembrado de alguma coisa e voltou para a lixeira. Pegou a mesma sacola e veio na nossa direção. Quando chegou perto ou melhor pra nós colocou a sacola na areia e fez o sinal como que dizendo que poderíamos pegar. Depois virou as costas e foi encaminhando muito satisfeito (Tenório, 2020b, p. 128).

No enredo, o homem vê essa sua atitude como um bem que ele fez por aqueles “moleques” que não tinham nada. Uso esse termo, pois, como Gonzalez (2020) pontua, os jovens negros jogados à própria sorte — de onze a dezessete anos — no Brasil são popularmente vistos como “trombadinhas” ou “pivetes”. Observa-se, assim, a desumanização desses meninos por um homem branco que encarna uma espécie de “homem cordial”. Essa ação é explicitamente um ato de preconceito e discriminação racial.

Na obra **O avesso da pele**, as situações de violência são bem explícitas e brutais. Um exemplo disso ocorre no primeiro emprego que Henrique consegue com o advogado Bruno. Na narrativa, Pedro revela que Henrique foi percebido como uma presa fácil por Bruno, o qual afirmou com naturalidade não gostar de negros. A justificativa dada é ainda mais aterrorizante e descarada: “[...] não gosto porque, quando eu tinha um sítio em Garibaldi, um casal de negros,

que trabalhavam para mim como caseiros, me roubou. Levaram tudo que eu tinha na minha casa. Desde então, não confio mais em negros” (Tenório, 2020a, p. 20).

Esse episódio revela não apenas um caso de violência simbólica, mas também de racismo escancarado. Essa agressão faz parte de um discurso da classe dominante que atribui todos os estereótipos de negação ou inferioridade contra grupos sociais, nesse caso pessoas pretas. Assim como Bruno, é comum ver esse estereótipo do “negro bandido” em situações cotidianas, como quando alguém atravessa a rua ao ver um homem preto, temendo ser um bandido, mesmo que ele esteja vestido com traje social.

Henrique é submetido a várias violências sempre que é abordado pela polícia. Gonzalez (2020) argumenta que alguns dos mecanismos mais cruéis são a perseguição, a opressão e a violência contra o negro brasileiro cometida pelos policiais. Quando se constata que está desempregado, o negro é preso, visto como vadio ou, em casos mais extremos, até mesmo assassinado. Dessa forma, todo negro é considerado marginal até que prove o contrário, contrariando aquilo que é constitucional. Em um dos primeiros relatos, Pedro menciona uma agressão física que o pai sofreu ao ser confundido com outra pessoa e acusado de ter cometido um crime. Essa acusação infundada quase custou sua vida.

Socos e chutes na cabeça, na barriga e no rosto, até você começar a sentir o gosto enjoativo do sangue. Você não ofereceu nenhuma resistência, apenas se colocou em posição fetal e tentou dizer: eu não fiz nada. Depois começou a perder os sentidos. Então alguém sacou uma arma e apontou para sua cabeça, você ainda pôde ouvir um deles gritando: nós vamos te passar, neguim, tu vai morrer agora, neguim (Tenório, 2020a, p. 18).

Mesmo diante dessas agressões injustas, quando a polícia finalmente percebe que Henrique não estava realmente envolvido no crime pelo qual foi acusado, ele não recebe sequer um pedido de desculpas. Esse episódio retrata um pensamento profundamente enraizado na sociedade: mesmo quando uma pessoa negra é comprovadamente vítima, ela ainda é colocada em posição de culpada. Essa lógica de desumanização se estende até o momento em que Henrique é assassinado pela polícia, em uma atitude de resistência e de cansaço, após inúmeras abordagens injustificadas, mesmo quando estava retornando trabalho na escola.

No seu velório, um aluno exterioriza seu pensamento sobre a morte violenta do professor, que, assim como vários no Brasil, é descrita como “bala perdida” ou como mais um caso isolado de postura inadequada da polícia: “Quero dizer também que o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens negros e mulheres negras há séculos”

(Tenório, 2020a, p. 179-180). Essa política, mencionada anteriormente, é denominada como necropolítica, conceito que denuncia a sistematização de uma política de morte, em que o Estado não apenas se omite, mas também a prática.

Sueli Carneiro (2023) aponta que, no Brasil, o período pós-abolição consolidou a racionalidade negra como o meio delinquente, produzindo inclusive um dispositivo legal denominado Lei da Vadiagem. Nesse sentido, observa-se que essa é uma estratégia que se institucionalizou no Brasil como forma de manter o controle sobre o negro no pós-escravidão. Ela inclusive menciona um ditado popular — “negro parado é suspeito, correndo é ladrão” —, que surge no contexto dessa legislação.

Desse modo, o direito de ir e vir do sujeito negro é geralmente cerceado e encontra uma limitação da própria liberdade, quando se depara com instituições do Estado como a polícia. Os mecanismos usados pelo Estado para excluir e controlar socialmente negro exercitam o direito de matar ou de deixar morrer, como Sueli Carneiro pontua (2023). Exemplos desse deixar morrer ocorrem com o gênero feminino no que diz respeito à sua capacidade reprodutiva e com relação à violência urbana, a qual atinge principalmente homens, jovens, negros e pobres, assassinados, geralmente, por outros homens jovens, pobres e negros.

Os desafios enfrentados pelas mulheres negras também são um ponto de destaque nas obras de Jeferson Tenório. Em **O beijo na parede**, nem há uma caracterização da cor da pele de todas as personagens. Na verdade, apenas a mãe de João é declaradamente identificada como uma mulher negra. Algo que se diferencia de **O avesso da pele**, tendo em vista que todas as personagens são bem caracterizadas enquanto mulheres negras. São quatro as personagens negras que integram as duas obras e que recebem mais protagonismo. Em **O beijo na parede**, há a mãe de João, cujo nome não é mencionado, e há Martha, mãe de Pedro; Luara, irmã de Henrique; e Saharienne, amiga de Pedro, em **O avesso da pele**.

Gonzalez (2020, p. 50) afirma que “[s]er negra e mulher no Brasil [...] é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão”. Não se trata apenas de uma questão de gênero, mas também da interseccionalidade com a raça e a classe, que inviabilizam a mulher na sociedade atual, gerando casos de opressão. A mãe de João, por exemplo, é tratada como uma mulher que estava sempre cansada, que tinha cabelos crespos e que trabalhava para sustentar a família, enquanto o marido se embriagava. De acordo com Silva e Oliveira (2023), ela é um retrato social de muitas mulheres negras que se desgastam psicologicamente em trabalhos precários e mal remunerados e em relacionamentos frustrados.

Nesse contexto, surge o estereótipo da “mulher negra louca”, atribuído à personagem quando ela é diagnosticada com o câncer no cérebro e perde a memória. Parafraseando hooks (2019b), sujeitas negras são rotuladas como “loucas” quando questionam algo ou estão emocionalmente adoecidas. Essa prática serve para deslegitimar e anular o seu sofrimento. Na escrita de Jeferson Tenório, há uma resistência ao apontar essa concepção que a sociedade cria, invalidando a dor e o cansaço da mulher negra, que normalmente é vista como incansável e forte.

Martha, também assumindo o papel de mãe na obra, percebe a questão racial ainda na adolescência, quando é adotada por uma família branca: “Antes, ela era Martha ou Marthinha. Agora, depois de uma simples pergunta, ela passa a ser Martha e negra. A pele fora nomeada, a existência ganhara sobrenome” (Tenório, 2020a, p. 54). O racismo se intensifica quando ela sofre assédio na praia e passa a ser vista como a “mulatinha gostosa”. A respeito dessa sexualização da mulher negra, Gonzalez reitera que

[d]e um modo geral, a mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”. Atualmente, o significante mulata não nos remete apenas ao significado tradicionalmente aceito (filha de mestiça de preto/a com branca/o), mas a um outro, mais moderno: “produto de exportação”. A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional (Gonzalez, 2020, p. 51).

Essa sexualização da mulher negra está intrinsecamente ligada à estrutura misógina e racista do Brasil e sua presença é evidente na literatura. Todavia, em **O avesso da pele**, o enredo não perpetua esse pensamento, mas o questiona a partir do desconforto de Martha e dos discursos das outras personagens. Luara, por exemplo, afirma que mulheres de pele retinta e de cabelos crespos são frequentemente vistas sob o viés sexual, sendo afastadas dos padrões de beleza. Saharienne complementa essa reflexão ao abordar o processo de aceitação do corpo e do cabelo, desafiando os valores de uma sociedade racista e sexista.

Martha vivencia essa opressão em seu primeiro relacionamento com um homem branco, enfrentando tanto violência verbal quanto física. Ela é tratada não apenas como objeto sexual de alívio do companheiro, mas também como empregada, reduzida a uma posição de servidão. Sobre isso, Silva e Oliveira (2023, p. 638) complementam que “Além da atitude de colocar a nora ‘negra’ nessa posição de servidão, a sogra ainda justificava isso ao dizer: ‘Uma moreninha

forte igual a você pode ajudar bastante' (Tenório, 2020a, p. 79). A perspectiva da mulher negra como doméstica é resquício do período escravista”.

A construção dos personagens nas obras de Jeferson Tenório representa, em si, um ato de resistência. Seus textos destacam protagonistas, narradores e personagens pretas que compreendem o seu lugar no mundo e questionam essas problemáticas. Mesmo com a existência de personagens que não compreendem bem a questão do racismo, como a mãe de João, que tem uma passagem rápida pela obra, é notável a resistência na narração de uma tragédia que retrata uma realidade terrível de milhares de mulheres pretas no Brasil.

Em **O beijo na parede**, essa resistência ocorre, por exemplo, quando João tem contato com uma religião de matriz africana e descobre que é filho de Ogum. Nesse processo religioso, João compreende um pouco mais sobre a história dos povos negros que contrapõe aquilo que lhe foi ensinado na escola; é no terreiro que ele encontra um pouco de alegria diante das adversidades. Em **O avesso da pele**, a resistência também ocorre por meio da religião. De modo semelhante a João, Henrique também era filho de Ogum e é no contato com a religião de matriz africana que ele também encontra conforto e força para resistir. Essas formas de resistência só ocorrem porque é nesses locais que a identidade deles é também construída.

Por meio da escrita, Jeferson Tenório humaniza seus personagens e desconstrói estereótipos perpetuados ao longo de séculos pela sociedade e pela literatura sobre o negro. Ele apresenta personagens negros como indivíduos complexos, com identidades próprias e experiências de vida marcadas por problemas, mas também por momentos de felicidade. Apesar de o racismo afetar a vida dos personagens, ele não a define. Assim, o autor rompe em suas duas obras com a tendência de colocar o negro como o “outro” e coloca-o no centro de sua própria história, como protagonista e narrador de suas experiências.

Observa-se que essas obras possuem impacto tanto no cenário literário quanto no social, considerando que, ao ler essas obras, é possível despertar no público reflexões sobre a estrutura racista, classicista e também sexista que permeiam a sociedade brasileira. Um fato relevante é que o público contemporâneo tende a receptionar muito melhor esse tipo de literatura em comparação às sociedades de gerações anteriores. Isso ocorre em consequência dos debates acadêmicos e artísticos sobre esses problemas estruturais. Essa nova perspectiva valoriza produções que rompem com a literatura canônica e hegemonicamente branca.

A literatura de Jefferson Tenório, especialmente em **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, configura-se, portanto, como uma literatura de resistência contemporânea que desestabiliza as bases do racismo estrutural a partir das críticas realizadas a todas as formas de violência contra a população negra do Brasil. Assim, é evidente a importância dessa literatura

no processo de combate ao racismo estrutural em um país que acredita, em sua maioria, na democracia racial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo identificar a consciência de ser negro na vida dos protagonistas dos romances **O beijo na parede** e **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório. Com isso, foi possível perceber como o autor explora o significado de ser negro nessas obras, proporcionando uma mudança de perspectiva em comparação com outros autores brasileiros. Isso tudo foi evidenciado não apenas a partir da análise das obras de Tenório, mas também de outros textos literários.

Com base na metodologia analítica e bibliográfica adotada, foi possível analisar os elementos que formulam a identidade das personagens negras dos dois romances de Jeferson Tenório, comparar as duas obras à luz das teorias da crítica do movimento negro, além de refletir, a partir das personagens, sobre um dos maiores problemas na contemporaneidade: o racismo. Pudemos constatar na prática essas questões ao longo das seções que compõem a dissertação.

Após a introdução, abordamos conceitos iniciais sobre a negritude, a partir de teóricos como Zilá Bernd (1988) e Kabengele Munanga (2020), e construímos um panorama da historiografia da ideia de negritude, além de termos observado algumas problemáticas no início do movimento que se desenrolou nos Estados Unidos até chegar na Europa, África e restante da América. Destacamos também a construção do movimento negro no Brasil.

Historiadores e teóricos como Petrônio Domingues (2007) e Abdias do Nascimento (2016) contribuíram significativamente para a construção dessa parte da dissertação ao apresentarem discussões específicas sobre o contexto brasileiro, incluindo a influência política da ditadura militar no processo de formação do movimento negro. Ainda mostramos que o movimento chegou ao Brasil inicialmente como um protesto da classe burguesa. Essa origem se reflete, até hoje, no fato de que grande parte da população mais humilde permanece alheia a essas questões.

Além disso, discutiu-se o racismo estrutural na sociedade brasileira, enfatizando que se reconhecer como negro implica também a consciência do racismo estrutural que atravessa a vida de todos os brasileiros pretos. Historicamente, o Brasil foi construído com base em diversas ideologias racistas, como argumentam Fernanda Silva (2022) e Silvio Almeida (2019). Embora as teorias raciais tenham sido amplamente refutadas pela ciência, suas construções ideológicas permanecem enraizadas na sociedade contemporânea. Essas teorias, vale ressaltar, não se limitaram ao campo científico, mas também se manifestaram e discursos religiosos e

literários, o que, conseqüentemente, influenciou uma produção literária que estereotipa o preto das formas mais brutais.

Por fim, abordou-se a ideia de perceber-se negro como estratégia de combate ao racismo. A principal referência teórica foi a obra de Neusa Santos, **Tornar-se negro** (2021). Além de abordar a percepção do negro sobre si e o processo de identificação e aceitação da negritude, partimos do pressuposto de que a visão da sociedade sobre o negro exerce influência direta, como confirma a psicologia, na forma como o indivíduo negro se enxerga. Não é à toa que Grada Kilomba (2021) reforça que essas estruturas sociais nos levam a nos identificar com branquitude e a rejeitar tudo aquilo que é associado ao ser negro.

Em seguida, o enfoque foi mais literário, mas sustentado por uma perspectiva teórica e histórica. Inicialmente, abordamos a construção da imagem do negro brasileiro, à luz de conceitos como o “homem cordial” e o “bom senhor”. Esses conceitos, que historicamente serviram como instrumentos de dominação, encontram representação na literatura, que, por sua vez, durante muito tempo refletiu e reforçou essas ideologias, funcionando como veículo para uma política que pregava a supremacia branca. Por isso, uma parte significativa da produção literária retratou o negro apenas como objeto de escrita.

Essa construção estereotipada dos personagens negros é observada desde o Barroco até o Modernismo, incluindo autores conceituados, como Monteiro Lobato. Esses estereótipos são tão fortes que permanecem na sociedade atual, quando observamos as relações que ligam o negro à sexualidade exacerbada, à marginalidade e a tudo que seja imoral. Entretanto, na literatura contemporânea, observa-se uma mudança de abordagem: embora esses discursos ainda apareçam, eles são problematizados por meio da fala e da perspectiva dos próprios personagens, como ocorre nas obras de Jeferson Tenório.

Nessa parte também analisamos autores que realizam uma escrita do negro como protagonista, como sujeito de sua própria história. Apesar de não receberem a devida divulgação e valorização, a escrita negra é significativa na história literária do Brasil. De Maria Firmina dos Reis a Cristiane Sobral, é evidente o esforço por uma escrita que posiciona o negro em um lugar diferente. Esses escritores e escritoras criticam a colonização e a escravidão, exaltam e defendem cultura africana e negro-brasileira. É nesse contexto que se insere Jeferson Tenório, com seus três romances e vários contos.

A análise das obras **O avesso da pele** e **O beijo na parede**, iniciou discutindo a ideia de resistência, considerando que o ato de escrever como o faz Jeferson Tenório, em uma sociedade ainda extremamente preconceituosa, constitui uma forma de resistir às imposições sociais. A partir das ideias de mimesis e verossimilhança, analisamos como as obras de Tenório

representam questões tão problemáticas na realidade brasileira, como o genocídio de pessoas pretas.

Foi também relevante abordar a escrita do autor e de sua biografia, buscando compreendê-lo enquanto escritor e entender a conexão entre sua trajetória pessoal e as obras analisadas nesta dissertação. A partir disso, constatou-se que muitas situações, principalmente de ambiente e de abordagens policiais, dialogam diretamente com as vivências do autor.

Em seguida, aprofundamos a análise das obras, com foco particular nas questões de ser negro e desenvolver consciência racial nas duas obras de Jeferson Tenório. Nesse sentido, por meio das experiências de João e de Henrique, identificamos processos distintos de percepção e aceitação da negritude, apontando um retrato da sociedade, pois, enquanto alguns aprendem ainda na infância sobre essas questões, outros chegam à idade adulta, como Henrique, sem uma compreensão sólida sobre as dinâmicas raciais.

Apesar das diferenças entre os dois personagens, algo que os une é o racismo que vivenciam e as resistências que exercem. Essas resistências são evidenciadas também em outros personagens das obras, como Pedro, Luara e a mãe de santo de João. A literatura negra, principalmente a de Jeferson Tenório, assume uma importância no cenário nacional ao questionar e apontar para a sociedade os problemas que afetam a população negra, além de valorizar a cultura e a identidade desse grupo.

A literatura negra contemporânea tem ganhado mais espaço, sendo publicada, divulgada e reconhecida graças à luta de diversos artistas e intelectuais negros que produzem desde o século XIX como forma de resistência às opressões e estereótipos criados sobre o negro. Todavia, a literatura negra brasileira ainda precisa ser muito difundida em alguns espaços, como nas escolas, considerando que, fora do meio acadêmico, pouco se conhece sobre a escrita negra brasileira.

Como o tema inicial da dissertação propunha — “Negritude como resistência ao racismo em **O avesso da pele** e **O beijo na parede**, de Jeferson Tenório” —, negritude é um termo que passou por um longo processo de formação, inclusive no Brasil, buscando reformular os conceitos sociais e fortalecer a identidade negra. No contexto brasileiro, esse movimento tem desempenhado um papel essencial não apenas no meio artístico, mas também nas esferas social e política, desfazendo conceitos racistas e segregadores, como a ideia de que certas atuações e espaços seriam reservados apenas para brancos.

Os conceitos racistas que permeiam a literatura e diversos setores da sociedade foram formulados com o objetivo de criar diferenciações entre “raças”. Esses conceitos tiveram origem no campo científico e foram endossados por intelectuais de diversas áreas, o que

facilitou a aceitação por grande parte da sociedade da ideia de inferioridade do negro. Posteriormente, essa construção ideológica sustentou a ideia da inexistência de racismo no Brasil, uma vez que aqui não houve situações como o *apartheid*.

Dessa forma, para combater essas ideias, é fundamental promover uma tomada de consciência e união para lutar contra o sistema. Por isso, há a necessidade premente de reconhecer-se enquanto negro, tanto para valorizar sua história e cultura, quanto para combater o racismo que constantemente assume novas formas. É o que comprova o próprio panorama literário, ao analisar as construções realizadas sobre o negro ainda período colonial, no Barroco, até as tendências contemporâneas, a exemplo das narrativas de Jeferson Tenório.

A ideia de consciência, compreendida como o cerne da questão, levou a ajustes significativos na direção do trabalho a partir da qualificação da dissertação. Dessa forma, o título mencionado acima, que destacava o conceito de negritude como resistência ao racismo, foi reformulado para dar maior ênfase ao processo de construção da consciência racial. Esse enfoque, contudo, mantém uma relação intrínseca com o movimento da negritude e a resistência racial.

Nesse viés, esta pesquisa contribuiu para os estudos acadêmicos, especialmente nos campos literário e sociológico, tendo em vista que, até o momento, não há outras dissertações ou outros tipos de trabalhos acadêmicos que comparem as duas obras de Jeferson Tenório com um olhar especificamente voltado para a questão da consciência de ser negro. Além disso, embora o foco principal seja a análise literária, que constitui o eixo central do estudo, a dissertação também estabelece paralelos com questões da sociedade contemporânea brasileira, a partir de exemplos da realidade, de dados estatísticos e de conceitos de teóricos renomados.

Como mencionado no início da quarta seção, esta dissertação é a conclusão de um estudo que preenche algumas lacunas na fortuna crítica de Jeferson Tenório, já que boa parte das produções sobre as obras do autor focam apenas no racismo e, principalmente, na obra **O avesso da pele**. Por isso, visamos a abordar também o seu primeiro romance publicado. Havia a intenção de fazer um estudo sobre os três romances do autor, entretanto, o tempo disponível para o mestrado levou à priorização de **O beijo na parede** e **O avesso da pele**. Essa escolha, no entanto, abre um precedente para uma pesquisa futura que possa integrar também a obra **Estela sem Deus**.

Além disso, outras possibilidades para futuras pesquisas se mostram relevantes e conectam-se a este estudo, como um diálogo interdisciplinar com áreas como a História, que explore a construção da consciência racial no contexto brasileiro, aproximando-a da literatura a fim de ampliar o debate sobre memória, resistência e exclusão. Outra abordagem possível

seria a análise das adaptações das obras de Jeferson Tenório, como peças teatrais, em comparação com as narrativas do autor.

Quanto às temáticas presentes nas obras, alguns assuntos destacam-se por sua relevância, a exemplo do letramento racial. Nesse caso, seria interessante investigar como o letramento racial é representado dentro nas obras de Tenório ou como essas obras podem ser utilizadas para promover o letramento racial. Ademais, temáticas relacionadas ao abuso, violência, aspectos religiosos, construção da maternidade e dinâmicas do núcleo familiar são pertinentes.

Portanto, este estudo, justificado por seus objetos de pesquisa, demonstra seu potencial acadêmico e social ao discutir questões tão importantes como a resistência ao racismo e a consciência racial. Assim, os contextos das obras e da sociedade brasileira, nesse recorte, são abordados aqui com o objetivo de dar visibilidade às desigualdades vividas pela população negra, à desvalorização de quem somos como indivíduos e, sobretudo, de promover a valorização da formação de uma identidade e orgulho negro.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Vitor. Desemprego é maior entre mulheres e negros, diz IBGE: taxa entre mulheres ficou em 10,8%, enquanto a dos homens, 7,2%. **Agência Brasil**, São Paulo, 18 maio 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-05/desemprego-e-maior-entre-mulheres-e-negros-diz-ibge>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ABRANTES, Francisca Luana Rescravoolim; LINS, Risonelha de Sousa. “Corpo negro, corpo em risco”: uma leitura das complexas relações raciais em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório. **ID on line - Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, [S. l.], v. 15, n. 54, p. 478-488, fev. 2021. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2991/4670>. Acesso em: 01 dez. 2024.

A CABANA do pai Tomás. Direção de Daniel Filho. São Paulo: TV Globo, 1969.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ALENCAR, José de. **O demônio familiar**. Uberlândia: Biblioteca digital de peças teatrais da Biblioteca Central da Universidade Federal de Uberlândia, 1900. Disponível em: <https://www.bdteatro.ufu.br/handle/123456789/754>. Acesso em: 28 maio 2024.

ALEXANDRE, Marcos Antônio. Abdias Nascimento. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 86-90.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Polén, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ALVES, Castro. **O navio negreiro e outros poemas**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Jubiabá**. São Paulo: Martins, 1961.

AMARO, Vagner. Editora Malê. [Entrevista cedida a] Luiz Henrique Silva de Oliveira. **literafro** – Portal da literatura afro-brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/editoras/1034-editora-male-entrevista-com-vagner-amaro>. Acesso em: 03 fev. 2024.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma, o herói sem nenhum caráter**. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Rio de Janeiro: LTC; São Paulo: SCCT, 1978.

ANDRÉ, Maria da Consolação. Psicossociologia e Negritude: breve reflexão sobre o “ser negro” no Brasil. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 87-102, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94627211.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

ANDREWS, Kehinde. **A nova era do império**: como o racismo e o colonialismo ainda dominam o mundo. Tradução Cecília Rosas. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2008.

ARRUDA, Aline Alves. Conceição Evaristo. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 142-146.

ARRUDA, Aline Alves. Geni Guimarães. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 155-157.

ASSIS, Machado. O caso da vara. *In*: ASSIS, Machado. **Obra completa**. 4. ed. São Paulo: Nova Aguilar, 1992. v. 2 p. 577-582.

AZEVEDO, Aluísio. **Casa de pensão**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1989.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 35. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

AZEVEDO, Aluísio. **O Mulato**. São Paulo: Ática, 2003.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. Rio de Janeiro: Klick Editora, 1995.

BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.

BARRETO, Carla Carolina Moura. Racismo e violência policial em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório. **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 22, p. 61- 78, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/85590/83041>. Acesso em: 10 dez. 2024.

BARTHES, Roland. **Aula**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERND, Zilá. **O que é negritude?** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BÍBLIA. Português. Bíblia sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. Revista e corrigida no Brasil. 4. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BILAC, Olavo. **Poesias infantis**. São Paulo: Livraria Clássica de Francisco Alves e Cia, 1904.

BOEHM, Camila. Jovens em situação de rua ficam mais vulneráveis durante a pandemia: violação de direitos aumenta nesse período, revela pesquisa. **Agência Brasil**, São Paulo, 27 jun. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020->

[06/fragilidade-de-criancas-e-adolescentes-em-situacao-de-rua-cresce-na](#). Acesso em: 27 dez. 2024.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 52. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRITO, Fausto. **O racismo na história do Brasil**: as ideologias de desigualdades raciais na formação da sociedade brasileira. São Paulo: Paco Editorial, 2022.

BROCOS, Modesto. **A redenção de Cam**. 1895. Pintura, óleo sobre tela, 199 cm x 166 cm. Museu Nacional de Belas Artes.

CAMINHA, Adolfo. **O bom crioulo**. São Paulo: Hedra, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivos de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CORTÊS, Cristiane. Cristiane Sobral. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 256-259.

CRESPO, Gonçalves. **Poesia**. Rio de Janeiro: Agir, 1967. (Coleção Nossos Clássicos).

CRUZ, Adécio de Sousa. Domingos Caldas Barbosa. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 49-51.

CRUZ E SOUZA. **O livro derradeiro**. Organização Zahidé Muzart. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura : Fundação Banco do Brasil, 1993.

CUTI. **Contos Crespos**. Belo Horizonte: Mazza, 2008.

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/4110>. Acesso em: 8 jan. 2025.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura e resistência no Brasil hoje. **Revista Communitas**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 541- 549, jul./dez., 2017. Disponível em:

<https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/download/1504/874/3393>.

Acesso em: 12 dez. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2005. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/2137/2707>. Acesso em: 20 jan. 2024.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2023.

DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

DUARTE, Eduardo de Assis. O negro na literatura brasileira. **Navegações**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 146-153, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/16787>. Acesso em: 14 jul. 2024.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **literafro** – Portal da literatura afro-brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>. Acesso em: 20 dez. 2023.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365/4510>. Acesso em: 10 dez. 2024.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira. *In*: PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Um tigre na floresta de signos**: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 132-142.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas : Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFAB, 2008.

FERREIRA, Enio Rodrigues Pinheiro; ROQUE, Marcia Cristina; TAUFER, Adauto Locatelli. O estereótipo e a representação do negro na literatura brasileira do século XIX: entre fissuras e cristalizações de discursos. **Caderno de Aplicação**, Porto Alegre, v. 36, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/131275>. Acesso em: 07 maio 2024.

FERREIRA, Ligia Fonseca. “Negritude”, “Negridade”, “Negrícia”: história e sentidos de três conceitos viajantes. **literafro** – Portal da literatura afro-brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, jul. 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/arquivos/artigos/teoricos-conceituais/ArtigoLigiaFerreira1Negritude.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2024.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Organização e tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GAMA, Luiz. Trovas burlescas de Getulino. *In*: SILVA, Júlio Romão. **Luiz Gama e suas poesias satíricas**. Rio de Janeiro: Cátedra : INL-MEC, 1981. p. 201-203.

GOMES, Nilma Lino. Educação e Identidade Negra. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.]*, v. 9, p. 38-47, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17912>. Acesso em: 05 jan. 2024.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONÇALVES DIAS, Antônio. **Obras Póstumas**. v. 3. São Luís: Bellarmino de Mattos, 1868. v. 3. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4401>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1981.

GUIMARÃES, Geni Mariano. **Leite do peito: contos**. 3. ed. Belo Horizonte: Mazza, 2001.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Tradução Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução Cátia Bocaiúva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/70034>. Acesso em: 04 jul. 2024.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismos cotidianos. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

LENGERT, Hugo Ricardo. A representação do professor nos romances de Jeferson Tenório. **Opiniões**, São Paulo, n. 22, p. 80-98, 2023. Disponível em: [A representação do professor nos romances de Jeferson Tenório | Opiniões](#). Acesso em: 11 dez. 2024.

LIMA, Carina Bertozzi de. Literatura negra - uma outra história. **Terra roxa e outras terras: Revista de Estudos Literários**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 67-77, dez. 2009. Disponível em: https://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol17A/TRvol17Af.pdf. Acesso em: 09 dez. 2024.

LIMA, Luiz Costa. **Mímesis e modernidade**: formas de sombras. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

LOPES, Elisângela Aparecida. Machado de Assis. In: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira**: 100 autores do século XVIII ao XX. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 61-65.

LUIZ, Lisiane Oliveira e Lima; SILVA, Gisele Meire Tita Nazário; CABRAL, Rayssa Duarte Marques. A Constituição do sujeito negro em **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório: uma imersão de temas contemporâneos. **O Eixo e a Roda**, Belo Horizonte, v. 32, n. 4, p. 172-194, 2023. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/o_eixo_e_a_roda/article/view/52225/43903. Acesso em: 06 dez. 2024.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **As vítimas algozes**. Manaus: Unama, 2020.

MAGALHÃES, Domingos Gonçalves de. **Suspiros poéticos e saudades**. [S. l.]: Fundação Biblioteca Nacional : Departamento Nacional do Livro, 1836. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/suspiros_poeticos.pdf. Acesso em: 24 jul. 2024.

MARTINS, Mauro Henrique Franzkowiak; VIEIRA, André Guirland; ALMEIDA NETO, Honor de. Descobrir-se negro: uma narrativa sobre o Racismo Estrutural. **Diálogo**, Canoas, n. 48, p. 01-15, dez. 2021. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Diálogo/article/view/8889>. Acesso em: 15 dez. 2023.

MARTINS, Zilda. Movimento da Negritude: *ethos* político na França e no Brasil. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 12, n. 31, p. 365-390, dez. 2019/fev. 2020. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/786>. Acesso em: 17 dez. 2023.

MARZULO, Eber Pires; SASSI, Leonardo Oliveira. Racismo e violência: a cidade desde a literatura ficcional contemporânea. **O Público e o Privado**, Fortaleza, v. 21, n. 44, p. 210-239, 2023. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/opublicoeoprivado/article/view/8645>. Acesso em: 12 dez. 2024.

MATOS, Gregório de. **Poemas**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013. (Coleção A obra prima de cada autor)

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MEDIDA Provisória. Direção: Lázaro Ramos. Produção: Daniel Filho e Tânia Rocha. Rio de Janeiro: Elo Company, 2022.

MÉRIAN, Jean-Yves. O negro na literatura brasileira *versus* uma literatura afro-brasileira: mito e literatura. **Navegações**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 50-60, mar. 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/navegacoes/article/view/3684>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MONTEIRO, Lobato. **A menina do narizinho arrebitado**. São Paulo: Revista do Brasil, 1920.

MONTEIRO, Lobato. **Negrinha**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

MORAES, Nascimento. **Vencidos e degenerados**. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional *versus* identidade negra**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

MUNANGOA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

MUÑOZ, Juliana Fillies Testa. A representação do negro na literatura oitocentista brasileira à luz do pós-colonialismo. **Revista Brasil/Brazil**, [S. l], v. 32, n. 59, p. 87-102, 2019. Disponível em: [Vista do A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA OITOCENTISTA BRASILEIRA À LUZ DO PÓS-COLONIALISMO](#). Acesso em: Acesso em: 20 jun. 2024.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista**. Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. **Sortilégio: mistério negro**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. São Paulo: Ubu, 2022.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NEGRITUDE. *In*: DICIONÁRIO Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

NUNES, Sylvia da Silveira. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 89-98, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/kQXPLsM8KBkZYSBTnTGhvmj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 dez. 2023.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Cuti. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 178-181.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva. Gonçalves Crespo. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 66-67.

PEIXOTO, Alvarenga. **Obras poéticas de Alvarenga Peixoto**. Organização Caio César Esteves de Sousa. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.

PEREIRA, Maria do Rosário A. Miriam Alves. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (coord.). **Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2019. p. 191-193.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 161-193, abr. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000100017>. Acesso em: 28 maio 2024

PROENÇA FILHO, Domício. **Dionísio esfacelado: quilombo dos Palmares**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

RAMOS, Lorrana Alves de Freitas; GOMES, Ginia Maria de Oliveira. As rachaduras do exílio: abandono e desamparo em **O beijo na parede**, de Jeferson Tenório. *In*: XXXI Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2019. **Resumos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/ Propesq. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/209465/Resumo_65294.pdf?sequence=1. Acesso em: 12 dez. 2024.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. 6. ed. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

- SANTIAGO, Ana Rita. Literaturas de autoria negra: um canto de resistência à afrodescendência. **Verbo de Minas**, Juiz de Fora, v. 21, n. 37, p. 212-230, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/view/2527/1685>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- SARTRE, Jean Paul. Orfeu Negro. *In*: SARTRE, Jean Paul. **Reflexões sobre o racismo**. São Paulo: Difeu, 1960.
- SILVA, Fernanda Pinheiro de Souza e. **O genocídio racial no Brasil**: uma análise crítica do discurso sobre naturalizações do racismo. Curitiba: Appris, 2022.
- SILVA, Havilla Cristina Costa da; OLIVEIRA, Rubenil da Silva. As intersecções na representação da mulher em **O avesso da pele** e **O beijo na parede**. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 26, n. 3, p. 629-642, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/rle.v26i3.26287>. Acesso em: 05 dez. 2024.
- SILVA, Havilla Cristina Costa da; OLIVEIRA, Rubenil da Silva. O reconhecimento da condição do ser negro no Brasil: uma leitura comparada de João em **O beijo na parede** e Henrique na obra **O avesso da pele** de Jeferson Tenório. *In*: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE LETRAS, 2023, Bacabal. **Anais do VI Congresso Internacional de Letras (VI CONIL)**. Bacabal: UFMA, 2023. p. 1785-1796. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13Q3r5Nef7n6VXHPJE21HGicpcd4Z51GU/view?usp=drivesdk>. Acesso em: 05 dez. 2024.
- SILVA, Havilla Cristina Costa da. **Configurações do racismo estrutural na contemporaneidade**: uma leitura comparada de **O avesso da pele**, de Jeferson Tenório e a canção “Ismália” de Emicida. 2022. 62 f. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2022.
- SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SOBRAL, Cristiane. **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz**. Brasília: Ed. Teixeira, 2014.
- SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. São Paulo: LeYa, 2021.
- SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- TEIXEIRA, Vanessa Ribeiro. Ecos do movimento da negritude nas literaturas africanas de língua portuguesa. **LexCult: revista eletrônica de direito e humanidades**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 153-163, set./dez. 2017. Disponível em: <http://lexcultccjf.trf2.jus.br/index.php/LexCult/article/view/14>. Acesso em: 30 dez. 2023.
- TENÓRIO, Jeferson. A representatividade negra na literatura, com Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Gabriela Mattos. **Estante Virtual**, 15 dez. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/hoJKPqmGQyg?si=J29f7VKfvWgx7jXn>. Acesso em: 13 nov. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. Chico Pinheiro entrevista Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Chico Pinheiro. **Instituto conhecimento liberta**, 14 out. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/live/fYe_XLRpGUQ?si=QVirCjloXoXkWeLH. Acesso em: 11 nov. 24.

TENÓRIO, Jeferson. Entrevista com Jeferson Tenório: literatura, ensino e negritude. [Entrevista cedida a] José Figueiredo. **Homo Literatus**, Porto Alegre, 20 mar. 2015. Disponível em: https://homoliteratus.com/entrevista-com-jeferson-tenorio-literatura-ensino-e-negritude/#google_vignette. Acesso em: 09 nov. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **Estela sem Deus**. Porto Alegre: Zouk, 2018.

TENÓRIO, Jeferson. Jeferson Tenório, entre a celebração e a solidão. [Entrevista cedida a] Glauber Cruz. **Nonada Jornalismo**, Porto Alegre, 14 mar. 2018. Disponível em: https://youtu.be/Y_ShF0OmhzW?si=TWCBtIVVWfoyanR. Acesso em: 09 nov. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. **O Averso da Pele**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

TENÓRIO, Jeferson. **O Beijo na Parede**. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020b.

TENÓRIO, Jeferson. O romance de estreia de Jeferson Tenório. [Entrevista cedida a] Luís Roberto Amabile. Biblioteca Central Irmão José Otão - PUCRS, Porto Alegre, 16 out. 2013. Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/curiosidades-literarias/o-romance-de-estrela-de-jeferson-tenorio/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. Trilha de Letras recebe o escritor Jeferson Tenório, autor de **O avesso da pele**. [Entrevista cedida a] Eliana Alves Cruz. **TV Brasil**, 19 mar. 2024. Disponível em: <https://youtu.be/yNVEVnnBcKA?si=r9yhUm5hrD42ZJON>. Acesso em: 11 nov. 2024.

TENÓRIO, Jeferson. “Vivemos em uma primavera literária negra”, diz escritor Jeferson Tenório, autor de **O avesso da pele**. [Entrevista cedida a] Kátia Marko. **Brasil de Fato**, Porto Alegre, 20 nov. 2023. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2023/11/20/vivemos-uma-primavera-literaria-negra-diz-escritor-jeferson-tenorio-autor-de-o-avesso-da-pele>. Acesso em: 11 nov. 2024.

THEODORO, Mário. **A sociedade desigual: racismo e branquitude na formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

TRINDADE, Solano. **O poeta do povo**. Organização Raquel Trindade. São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999.

VIEIRA, Arley Beatriz Lopes; BRITO, Deyse Gabriely Machado; FERREIRA, Cacio José. Realidade e ficção no romance **O avesso da pele**: a linha tênue entre dois mundos. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade - Igarapé**, [S. l.], v. 15, n. 4, p. 15-30, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/7123>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ZIMMERMANN, Jian Marcel. A sistematização do racismo em **O Averso da Pele**, de Jeferson Tenório. **Revista Desenredo**, [S. l.], v. 19, n. 2, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/14811>. Acesso em: 10 dez. 2024.

ZORRA Total. Direção: Maurício Sherman e Maurício Farias. São Paulo: TV Globo, 2015.

47% das brasileiras indicam ter sofrido assédio sexual. **Agência Patrícia Galvão**, 2023. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia-em-dados/47-das-brasileiras-indicam-ter-sofrido-assedio-sexual/>. Acesso em: 15 dez. 2024.